

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS DA LINGUAGEM

ALESSANDRA MORAES DE ANDRADE CLAROS

O USO DA TRANSLINGUAGEM EM TEXTOS ESCRITOS POR IMIGRANTES
VENEZUELANOS NA CIDADE DE BOA VISTA-RR

PONTA GROSSA
2023

ALESSANDRA MORAES DE ANDRADE CLAROS

O USO DA TRANSLINGUAGEM EM TEXTOS ESCRITOS POR IMIGRANTES
VENEZUELANOS NA CIDADE DE BOA VISTA-RR

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, junto ao Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Estudos da Linguagem, dentro da linha de pesquisa Pluralidade, Identidade e Ensino, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos

PONTA GROSSA
2023

C613 Claros, Alessandra Moraes de Andrade
O uso da translinguagem em textos escritos por imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista- RR / Alessandra Moraes de Andrade Claros. Ponta Grossa, 2023.
134 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos.

1. Translinguagem. 2. Portunhol. 3. Fronteira. 4. Imigrantes. I. Carlos, Valeska Gracioso. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808

ALESSANDRA MORAES DE ANDRADE CLAROS

O USO DA TRANSLINGUAGEM EM TEXTOS ESCRITOS POR IMIGRANTES
VENEZUELANOS NA CIDADE DE BOA VISTA - RR

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da
Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em
Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 26 de outubro de 2023.



Prof.ª Dra Valeska Gracioso Carlos – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.ª Dra Clóris Porto Torquato – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto – Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Começar o mestrado e realizar este trabalho de pesquisa, em meio a um contexto de crise mundial pandêmica, que influenciou significativamente todos os aspectos de nossas vidas, teria sido impossível sem apoio e ajuda de Deus, da minha família, professores, amigos e os informantes, principais protagonistas. Sendo assim, é fundamental que eu agradeça:

Primeiramente a DEUS, autor da vida, meu salvador e consolador, por permitir a realização e concretização de um sonho, nascido e idealizado na minha juventude.

Minha gratidão à Professora Doutora Valeska Gracioso Carlos, que segurou minhas mãos e não soltou, desde o período da graduação em Letras português/espanhol até o mestrado, sempre me motivando, e inspirando amor à cultura, ao povo e ao ensino da língua espanhola. Assim como sua incondicional manifestação de apoio e disponibilidade, compreensão nos momentos difíceis e aconselhamentos sempre assertivos que corroboraram para o melhoramento da profundidade e clareza da investigação.

Também à Professora Doutora Lígia Paula Couto, que me apresentou a temática da translinguagem como uma realidade de muitas comunidades de fala.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa, ao colegiado do Mestrado em Estudos da Linguagem e sua secretária Vilma Barbato Geremias, pela sensibilidade e empatia demonstrados no processo de desenvolvimento da pesquisa.

Em especial agradeço ao meu Pai, minha Mãe (*in memoriam*) que sempre foram exemplos de resiliência e coragem, e às minhas duas irmãs Alexandra e Adriana, mulheres fortes que me incentivaram a concluir este trabalho, dada a situação de que minha mãe se encontrava ainda em cuidados paliativos. Também ao meu cunhado Ronieclay Lira, que me acompanhou às pesquisas de campo em Pacaraima, tendo em vista que havia forte conflito entre imigrantes venezuelanos e a população local daquele lugar e a minha tia Brasilina, por seu incentivo e exemplo que me animaram a terminar esta escrita.

De forma incondicional ao meu esposo Juan Carlos Claros, pelas conversas em relação à língua que renderam boas reflexões, pelo apoio e incentivo em prosseguir com a escrita, diante dos obstáculos que se apresentavam durante o processo.

A Samuel Carlos, meu amado e amoroso filho, que me inspirou e tem me inspirado a cada dia, sendo minha maior fonte de observação em relação à translinguagem e razão principal por seguir adiante a cada dia.

Aos informantes venezuelanos, protagonistas deste trabalho, aos meus amigos bolivianos, chilenos e à minha igreja por torcerem e orarem para que tudo resultasse bem.

A torre de Babel

1. Naquele tempo toda a humanidade falava uma só língua. 2. Deslocando-se e espalhando-se em direção ao oriente, os homens descobriram uma planície na terra de Sinar e depressa a povoaram. 3. E começaram a falar em construir uma grande cidade, para o que fizeram tijolos de terra bem cozida, para servir de pedra de construção e usaram alcatrão em vez de argamassa. 4. Depois eles disseram: “Vamos construir uma cidade com uma torre altíssima, que chegue até aos céus; dessa forma, o nosso nome será honrado por todos e jamais seremos dispersos pela face da Terra! ”. 5. O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que estavam a levantar. 6. “Vejam isto é o que eles já são capazes de fazer; sendo um só povo, com uma só língua, não haverá limites para tudo o que ousarem fazer. 7. Vamos descer e fazer com que a língua deles comece a diferenciar-se, de forma que uns não entendam os outros”. 8. E foi dessa forma que o Senhor os espalhou sobre toda a face da Terra, tendo cessado a construção daquela cidade. 9. Por isso, ficou a chamar-se Babel, porque foi ali que o Senhor confundiu a língua dos homens e espalhou-os por toda a Terra. (BÍBLIA, Gênesis cap. 11: 1-9)

RESUMO

CLAROS, Alessandra Moraes de Andrade. **O uso da translinguagem em textos escritos por imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista-RR.** 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2023.

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa-interpretativa, que teve como objetivo principal identificar o uso da translinguagem em textos escritos em imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista – Roraima, para o qual foram coletados dados de 8 imigrantes de nacionalidade venezuelana residentes na cidade de Boa Vista. Além disto, foram utilizadas revisões de literatura a respeito da translinguagem, considerando as pesquisas de: Williams (1994, 2002); García (2009); García e Wei (2014); Baker (2001); Lewis, Jones e Baker (2012); e Canagarajah (2013), entre outros. Também do portunhol e seus respectivos autores: Sturza e Tasch (2017); Motta (2012); Pacheco (2017); e Celada (2002), entre outros. Também foi pesquisado o conceito de língua na visão de diferentes autores como: Saussure (1984); Chomsky (1959); e Bakhtin (1981), entre outros. Foram pesquisados também conceitos sobre contato linguístico e bilinguismo com autores como: Weinreich (1970), Haugen (1953) e Macnamara (1967), entre outros. Como instrumento de coleta de dados utilizamos questionários e textos narrativos direcionados à vinda desses imigrantes aqui no Brasil, versando sobre seus desafios e dificuldades na sua trajetória em condição de imigrantes. A partir dos dados coletados, a translinguagem foi analisada por meio da escrita dos participantes, considerando três categorias de translinguagem: integração espanhol e português; hibridização sintática; e hibridização morfológica. Os resultados mostram a maior ocorrência de integração espanhol e português, seguidos de hibridização morfológica e hibridização sintática. Conforme resultados desta pesquisa, pode-se afirmar que a similaridade entre o espanhol e português contribuem em grande medida para a ocorrência de práticas de translinguagem entre os imigrantes venezuelanos.

Palavras-chave: Translinguagem, Portunhol, Fronteira, Imigrantes.

RESUMEN

CLAROS, Alessandra Moraes de Andrade. **Uso de translenguaje en textos escritos por inmigrantes venezolanos en la ciudad de Boa Vista-RR**. 2023. Disertación (Maestría en Estudios del Lenguaje) – Universidad Estatal de Ponta Grossa, 2023.

El presente estudio es una investigación cualitativa-interpretativa, que tuvo como objetivo principal la identificación del uso de translenguaje en textos escritos de inmigrantes venezolanos de la ciudad de Boa Vista - Roraima, para lo cual se recolectó datos de 8 inmigrantes de nacionalidad venezolana residentes en la ciudad de Boa Vista. Además, se utilizaron revisiones bibliográficas sobre translenguaje, considerando las investigaciones de: Williams (1994, 2002); García (2009); García y Wei (2014); Baker (2001); Lewis, Jones y Baker (2012); y Canagarajah (2013), entre otros. También del portuñol y sus respectivos autores: Sturza y Tasch (2017); Motta (2012); Pacheco (2017); y Celada (2002), entre otros. El concepto de lenguaje también ha sido investigado bajo la mirada de diferentes autores como: Saussure (1984); Chomsky (1959); y Bakhtin (1981), entre otros. Fueron investigados también conceptos sobre contacto lingüístico y bilingüismo con autores como: Weinreich (1970), Haugen (1953) e Macnamara (1967), entre otros. Como instrumento de colección de datos, utilizamos cuestionarios y textos narrativos dirigidos a la llegada de esos inmigrantes aquí en Brasil, abordando sus desafíos y dificultades en su trayectoria como inmigrantes. A partir de los datos recolectados, la translengua fue analizada a través de textos de los participantes, considerando tres categorías de translengua: integración de español y portugués; hibridación sintáctica; e hibridación morfológica. Los resultados muestran la mayor ocurrencia de integración de español y portugués, seguida de hibridación morfológica e hibridación sintáctica. De acuerdo con los resultados de esta investigación, se puede decir que la similitud entre el español y el portugués contribuye en gran medida a la ocurrencia de prácticas translingüísticas entre los inmigrantes venezolanos.

Palabras-clave: Translenguaje, Portuñol, Frontera, Inmigrantes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa linguístico da Bolívia.....	13
Figura 2 – Mapa Rodoviário de Roraima.....	18
Figura 3 – Parques e terras indígenas.....	20
Quadro 1 – Fronteiras do Brasil.....	22
Figura 4 – Línguas indígenas no Brasil.....	25
Quadro 2 – Definições de Bilinguismo.....	31
Figura 5 – Fatores de questões gerais e de cada um dos elementos que intervém no bilinguismo.....	33
Quadro 3 – Tipos de Bilinguismo.....	34
Figura 6 – Colonialidade: padrão de poder.....	45
Figura 7 – Diferenças entre variação/variável/variantes.....	51
Quadro 4– Denominação do portunhol por diferentes autores, especificamente na fronteira sul do Brasil.....	54
Figura 8 – Classificação do portunhol.....	55
Quadro 5 – Características da interlíngua e translíngua.....	62
Quadro 6 – Características do portunhol selvagem.....	66
Figura 9 – Diferentes visões de bilinguismo.....	72
Figura 10 – Possibilidades de translíngua em contexto de ensino-aprendizado.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participantes da pesquisa 2019.....	81
Tabela 2 – Participantes da pesquisa 2020/2021.....	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Alguns aspectos históricos, geográficos e sociais da capital Boa Vista e Pacaraima	15
1.2 A Fundação de Boa Vista.....	17
1.3 A Fundação de Pacaraima	21
1.4 Lugar de fala e colonização de Roraima/Boa Vista	23
1.5 Delimitando a prática translíngue	26
1.6 Língua, Portunhol e Translinguagem	27
1.7 Objetivo e pergunta da pesquisa.....	29
1.8 A pesquisa e sua organização	29
2 CONTATO LINGUÍSTICO/LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO.....	30
2.1 Multilinguismo	35
2.2 Plurilinguismo	35
2.3 Biculturalismo	35
2.4 Interculturalidade.....	36
3 LÍNGUA, PORTUNHOL E TRANSLINGUAGEM	37
3.1 Língua.....	37
3.2 Estruturalismo	38
3.3 Gerativismo	40
3.4 Sociolinguística	41
3.5 Funcionalismo	42
3.6 O processo de colonização e o caráter de exclusão e somatória da língua	44
3.7 Interlíngua	48
3.7.1 Fossilização	50
3.8 Variação linguística e Dialeto	50
3.9 Portunhol	53
3.9.1 Portunhol de fronteira	56
3.9.2 Portunhol de L ₁ para L ₂ /LE.....	60
3.10 Interlíngua/translíngua e portunhol	61
3.10.1 Portunhol poético ou literário	63
3.10.2 Portunhol selvagem	65
3.11 Translinguagem	68
3.12 Estudos sobre translinguagem	73
4 METODOLOGIA	79
4.1 Dificuldades encontradas no processo de construção da pesquisa.....	79

4.2	Descrição do contexto de pesquisa.....	80
4.3	Participantes da pesquisa.....	81
4.4	Procedimentos de coleta de dados.....	84
4.5	Procedimentos de análise de dados	84
5	RESULTADOS.....	86
5.1	Integração espanhol e português	86
5.2	Hibridização sintática.....	92
5.3	Hibridização morfológica.....	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	100
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	115
	APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS	117
	ANEXO A – PARECER CIRCUNSTANCIADO	120
	ANEXO B – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS	124
	ANEXO C – TEXTOS.....	130

1 INTRODUÇÃO

Nadie puede aprender una lengua si no se le da voz. O sea, nosotros aprendemos, adquirimos una lengua para comunicarnos, para tener voz; ¿si no tenemos voz, entonces para qué?

(Ofélia García)

Por meio da citação, se compreende que uma das razões de se aprender/adquirir uma língua é a necessidade que o ser humano tem de se comunicar, “tener voz”, como afirma a autora Ofélia Garcia. Para nos comunicar, comumente transmitimos sentimentos, ideias, experiências de vida e informações que recebemos do mundo, entre outras coisas, e isto é “tener voz”. Pensando nisto e no meu local de fala, relato experiências, vivências, episódios que contribuíram para explicar o que me motivou na escrita deste trabalho de pesquisa que envolve a temática da translanguagem, considerando o que Rocha e Megale (2021) conceituam como: patrimônio vivencial, constituído por questões socioculturais, de semiótica, afetivas e éticas. Desta forma, este relato se delimita a questões pessoais e acadêmicas dentro e fora da sala de aula, considerando o conceito de “tener voz”, em meio à necessidade que encontrei de aprender o espanhol, vivendo na Bolívia. Começo destacando sobre o tempo em que fazia o magistério em 1995 e que já se empregava a visão construtivista no ensino. De acordo com Araújo (2018), o construtivismo é uma corrente pedagógica que considera o erro como um caminho para se chegar a um objetivo e não como um fracasso e desta forma, os professores aplicavam uma didática voltada a considerar a interação sujeito/objeto. Não pretendo aprofundar a respeito do conceito de construtivismo, mas cito a corrente porque lembro claramente da preocupação dos professores em nos ensinar a considerar o aluno e seu contexto como protagonista no processo de ensino aprendizagem. Considerar isto foi fundamental, pois nos 4 anos que lecionei e vivi na Bolívia me deparei com uma realidade linguística nunca antes conhecida em que se podia ouvir tanto dentro quanto fora de sala de aula, línguas como o quéchua e o aymara em conjunto com o castelhano. Compreender esta realidade possibilitou refletir que o português brasileiro (PB) naquele contexto, seria mais uma língua a ser somada a tantas outras ali conhecidas. De acordo com Ribeiro (2022), apesar da Bolívia ter sido dominada pelo Império Tiwanaku e unificada ao Império Inca, constituindo desta forma uma população de maioria indígena, a colonização do país pelos espanhóis impediu o fortalecimento desta população que, em busca de reconhecimento, passou a compor a agenda pública somente a partir da revolução de 1952. A eleição histórica de Evo Morales (primeiro presidente indígena) em 2009, contribuiu para que as questões indígenas também fizessem parte das pautas sociais, devido a uma série de medidas adotadas pelo governo, que constituiu o estado como unitário e social. Uma dessas

medidas foi tornar oficial as 36 línguas, além do castellano, como se observa, a seguir, no primeiro e quinto artigo da nova Constituinte aprovada no governo boliviano (BOLÍVIA, 2009) e na Figura 1, que mostra aonde estas línguas estão concentradas.

Artículo 1. Bolivia se constituye en un Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario, libre, independiente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado y con autonomías. Bolivia se funda en la pluralidad y el pluralismo político, económico, jurídico, cultural y lingüístico, dentro del proceso integrador del país. Artículo 5. Son idiomas oficiales del Estado el castellano y todos los idiomas de las naciones y pueblos indígena originario campesinos, que son el aymara, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasu'we, guarayu, itonama, leco, machajuyai-kallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quechua, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uru-chipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré y zamuco.

Figura 1 – Mapa lingüístico da Bolívia



Fonte: GALLINATE, G. *Mapa lingüístico de Bolívia*. 2020. Disponível em: https://zenodo.org/record/3950102#.Y_x6XbMLre. Acesso em: 20/01/2023.

Como se pode observar no mapa, há uma diversidade linguística que vai além do espanhol na Bolívia, devido ao seu contexto histórico. Então, considerar esta realidade linguística foi fundamental em sala de aula, dado ao fato de que se podia perceber não apenas o espanhol, mas também o quéchua, o aymara, presente nos diálogos dos alunos, e o português brasileiro (PB) ensinado por mim, o qual era apenas mais uma língua sendo agregada naquele contexto. Em Cochabamba por exemplo, a prática do quéchua com o espanhol pela população, tem resultado no que Coombs (2013) define como quechuañol, com características possíveis de serem observadas e que são bastante singulares como: o uso de frases abreviadas, palavras no diminutivo dando a ideia de acolhimento e afetividade, entre outros, como se pode analisar a seguir:

a) Uso de frases abreviadas:

Espanhol: “El colégio de Sofia está em Cochabamba.”

Quechuañol: “El cole de la Sofi está en Cocha.”

b) Palavras no diminutivo:

Espanhol: Soy Cochabambino

Quechuañol: Cochalita soy

Espanhol: “Los libros están arriba.”

Quechuañol: “Los libros están arribita.”

c) Mistura do espanhol com o quéchua não somente com relação às palavras, mas na construção das frases.

- Espanhol: ¿Vas a ir al supermercado?

Quechuañol: ¿Al super vas a ir?

- Espanhol: ¿Mi bebito quiere una lechecita?

Quechuañol: ¿Mi wawitay quiere una lechecita?

d) Uso do “ri” como forma de dizer por favor:

- Espanhol: ¡Por favor!

¿Me puedes abrir la puerta?

- Quechuañol: “¿Abririmelo la puerta?”

Os exemplos acima reforçam a ideia de García e Wei (2014) de que as novas práticas linguísticas vão além do conceito de duas línguas e da mistura de línguas, apresentadas na Linguística Aplicada (LA). Se pode observar questões socioculturais, afetivas, históricas, entre outras, provenientes do contato linguístico entre o espanhol e o quéchua nas práticas comunicativas da população, que me possibilitaram refletir sobre a ideia de que cada um é

único, linguisticamente falando. E foi por meio destas reflexões, que foram surgindo questionamentos, inquietações para pesquisar sobre o tema, que apresentados por meio dos estudos de autores como: Celada (2002), Bueno (1992) e Boésio (2001), por meio do programa de Iniciação Científica ofertado pelo CNPq em parceria com a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), me permitiram conhecer diferentes aspectos que envolvem a prática. Por exemplo, pude compreender o fato de que o contato linguístico entre as duas línguas pode acontecer em diferentes contextos como: de fronteira, ensino-aprendizagem e obras literárias, e que esse fenômeno não exclusivamente se concentra nos cerca de 12.881 quilômetros de fronteiras com os sete países de língua espanhola a saber: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela. A prática do portunhol pode se estabelecer além das fronteiras terrestres, em diferentes culturas e em diferentes nações, sendo potencializada inclusive, pelo advento das tecnologias digitais de informação e comunicação, possibilitando construir uma identidade linguística por meio dos estreitos laços culturais, históricos e sociais das duas línguas, Sturza (2022). Cabe mencionar que grande parte do referencial encontrado sobre a temática da translanguagem, especificamente, tratava sobre a prática da translanguagem, principalmente em contexto de sala de aula relacionado à língua inglesa, sendo escasso o referencial bibliográfico nos demais contextos e nas demais línguas. Assim sendo, este trabalho buscará contribuir nos estudos voltados especificamente ao espanhol e aos imigrantes venezuelanos e suas práticas linguísticas na cidade Boa Vista, que envolvem o portunhol e a translanguagem.

1.1 Alguns aspectos históricos, geográficos e sociais da capital Boa Vista e Pacaraima

Considerando que o estudo é direcionado aos imigrantes no estado de Roraima em Boa Vista, se faz importante conhecer os contextos histórico, social, cultural e político da região em que foi realizada a pesquisa. Sendo assim, a seguir serão abordados os processos de ocupação e formação do território, assim como da cidade de Boa Vista e das cidades gêmeas de Pacaraima (Brasil) e Santa Elena (Venezuela), por onde ingressam os imigrantes. A realidade envolvendo os contextos mencionados, não é diferente do que aconteceu com os demais povos espalhados nas Américas, como o exemplo do país vizinho Bolívia, que envolve temas que serão tratados mais adiante como a colonização e o colonialismo, que tem como principal característica a exploração. Por exemplo, no momento em que escrevo esta dissertação, um fato tem sido notícia frequente nos meios de comunicação: as consequências dos conflitos que há anos tem existido no Estado de Roraima, num cenário que envolve indígenas e não indígenas. Para compreender tais notícias, se faz necessário saber um pouco da história do Estado que, de

acordo Vieira (2003), o processo de colonização de Roraima ocorreu pelo Rio Branco e envolveu, além dos portugueses, ingleses e espanhóis. Neste primeiro conflito, prevaleceu Portugal que, para impedir a entrada de invasores das outras colônias, construiu o Forte de São Joaquim, fundado em 1775. Os colonizadores tinham como propósito se estabelecer nas terras e foi neste período que teve início a atividade econômica da pecuária na região, com a criação de equinos e bovinos por Lobo D'Almada, que de acordo com Souza (1979), era militar português que chegou à Amazônia em 1769 e governou a capitania de São José do Rio Negro entre 1787 e 1799. Neste mesmo período, os indígenas serviam de mão de obra para os colonos, tinham suas terras invadidas, e também eram vendidos para outros territórios para serem escravizados. Diante da necessidade de manter a soberania da região, consolidando as fronteiras nas mãos portuguesas, fortalecendo o comércio interno e externo, se estabeleceram aldeamentos ao redor do Rio Branco e, no final do século XVIII, fazendas reais nas terras do Rio Branco foram divididas em 3 áreas que seriam: (1) a Oeste entre o rio Uraricoera e Rio Branco; (2) a do Rei (São Bento); e (3) a de (São José) perto do Forte de São Joaquim e São Marcos, ainda existente, no setor norte entre Uraricoera e Tacutu. O Rio Branco, principal rio da região, foi um dos grandes responsáveis do desenvolvimento do Estado, pois na época, não havia estradas. Se pode pensar também que tanto a vida, quanto a morte de muitas etnias indígenas, podem ser atribuídas ao fluxo intenso que acontecia no Rio Branco, como se pode observar no registro de Vieira (2003):

O navegável Rio Branco foi a via de acesso usada pelos padres para estabelecerem os aldeamentos de índios no século XVIII, pelos apesadores destes nativos, pelas tropas portuguesas que estabeleceram a fronteira colonial nos limites da sua bacia no fim do século XVIII e estabeleceram as primeiras fazendas, e pelos pecuaristas que fundaram mais e mais fazendas nos meados do século XIX até a segunda metade do século XX para fornecer gado vivo ao vale amazônico, então no auge da borracha. Foi também o Rio Branco a via de chegada dos mineiros, dos colonos, e da massa em geral. O Rio Branco é então por isto um elemento emblemático e central na paisagem da Roraima pré-rodoviária.

Diante deste panorama, em que há a necessidade de se fixar às margens do rio, aderindo desta forma ao projeto de aldeamento é que surgem então os grandes fazendeiros, posseiros, arrendatários, que enriqueciam às custas das fazendas do Estado (COSTA, 2019). A história do Estado de Roraima, em uma versão mais romancista, é contada como integradora em que colonos e colonizados viviam de forma pacífica, porém o que se pode perceber por meio dos relatos da população, dos historiadores e dos próprios indígenas, é a de que sempre houve conflitos, que aconteciam principalmente pela posse da terra. De acordo com Vieira (2003), o conflito se resume naqueles que defendem e aqueles que são contra a criação de áreas indígenas que, para determinados grupos de interesse e para o Estado, inviabilizam o desenvolvimento

econômico da região que desde o fim do período colonial, esteve baseado em atividades primárias como a pecuária e extração de minério.

1.2 A Fundação de Boa Vista

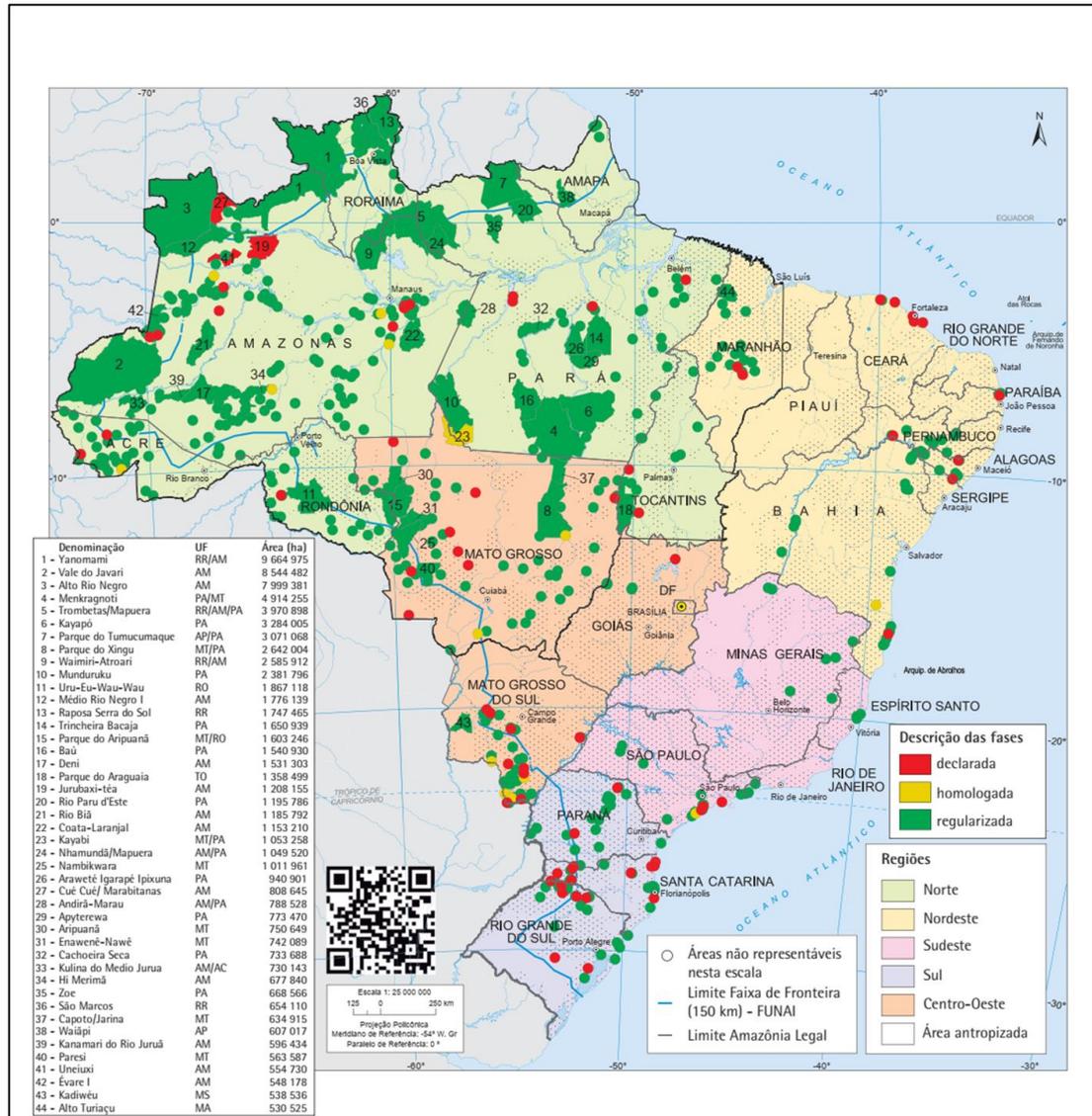
De acordo com Tarrago (2019) e Barbosa (1993), a partir do século XIX, a pecuária passou a ser estratégia principal para intensificar a colonização do território de Roraima. No entanto, haviam desafios a serem superados como: a desmotivação dos colonos em permanecer em um território que se encontrava em constante perigo devido às revoltas indígenas, uma delas em 1790 denominada Praia de Sangue. Além disso, a Inglaterra ameaçava invadir a qualquer instante o território, pois a fronteira não estava protegida o suficiente. Desta forma, o governo Imperial decidiu então, de acordo com os autores, estabelecer uma autonomia administrativa da região constituindo a Fazenda Boa Vista em uma sede administrativa denominada Freguesia de Nossa Senhora do Carmo em 1858 e que anos depois em 1890, se converteu em Boa Vista do Rio Branco. Com isto, o processo de colonização estava garantido e aconteceria mediante várias frentes como: o surgimento de novas fazendas, que geralmente acontecia quando as pessoas se apropriavam de gados que fugiam porque eram criados soltos, ou quando eram roubados, e também com a criação de veredas, para o escoamento e entrada de produção. Uma destas veredas que se pode citar é a de Boa Vista com Manaus, hoje conhecida como a principal BR da cidade, a 174, que contribuiu para que a principal rota de comércio, o Rio Branco, deixasse de ser a única alternativa. Desta forma a paisagem de Roraima foi sendo modificada e com novas construções de estradas, rodovias e com novas rotas de hidrovia. Isto contribuiu para que a população indígena tivesse seu espaço cada vez mais reduzido, ou invadido, pois, todos esses acessos que cortam o Estado, atravessam florestas, savanas, rios, reservas indígenas e ecológicas, como se pode observar na Figura 2 que mostra, por exemplo, a Comunidade Indígena Sabiá às margens da BR 174 em direção à Venezuela.

Atroari². A reserva dos Waimiri-Atroari, por exemplo, para buscar manter a integridade de suas comunidades, tratam sempre de estabelecer regras com os não indígenas, como por exemplo, a não circulação noturna no extenso trecho que corta a reserva. No entanto, isto não tem evitado os constantes conflitos e tensões que acontecem desde o primeiro contato que se deu no século XVIII, conforme Carvalho (1982), e que tem se estendido até o momento atual, com o crescente desenvolvimento territorial.

A partir do século XX, no governo do presidente da República Getúlio Vargas, cinco novos territórios foram criados, dentre os quais Roraima, com o nome de Território Federal do Rio Branco. Como incentivo ao desenvolvimento, o governo além de fazer uma análise da realidade local em termos econômicos e sociais, desenvolveu um projeto denominado Plano de Recuperação e Desenvolvimento do Vale do Rio Branco, em que visava a normatização da estrutura administrativa do território. O aparelho administrativo era composto de: Governador, Secretaria Geral, Divisão de Saúde e Saneamento, Divisão de Assistência à Maternidade e à Infância, Divisão de Educação, Divisão de Produção, Terras e Colonização, Divisão de Obras, Divisão de Segurança e Guarda, Serviço de Administração Geral e Serviço de Geografia e Estatística. Assim, estaria garantida a construção de uma cidade-capital administrativa e a implementação de projetos de colonização (RAMALHO, 2012). Com isto, e o incentivo à vinda de imigrantes, principalmente da região nordeste como: Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, o governo conseguiu aumentar a população do Estado, mas continuou sem dar apoio à população indígena que, condicionados a se adaptarem e se reorganizarem socioculturalmente, perderam seus territórios, muitos tiveram que migrar para os extremos do território, e tiveram que se ajustar a uma realidade relacionada às questões de grilagem de terras, pecuária, monocultura exportadora e extrativismo, por exemplo. Estas práticas corroboraram para dizimação de populações indígenas na época colonial e tem feito com que, comunidades indígenas até então desconhecidas como a dos Yanomamis, migrem para os extremos do território, como se pode observar na Figura 3.

² A reserva indígena Waimiri-Atroari ocupa cerca de 123km dos 721 km que separam Boa vista de Manaus. Conhecidos na região pela sua agressividade aos não índios e tidos como arredios a toda tentativa de contato, a população tem lutado para não terem suas terras invadidas pela política do progresso que não consegue ser detida pelas placas de avisos postas sobre a rodovia. Carvalho (2012).

Figura 3 – Parques e terras indígenas



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil parques e terras indígenas*. Atlas geográfico. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa201526>. Acesso em: 28 mar. 2023.

O mapa mostra a distribuição das comunidades indígenas em todo o território nacional, bem como a concentração acentuada de populações indígenas nos extremos norte de Roraima. Migrar para estes locais distantes, não tem impedido estas comunidades de viverem em perigo constante, pois, ao longo dos tempos, órgãos internacionais e nacionais tem mostrado constante interesse em explorar aquele território, identificado com riquezas minerais nunca explorados. Isto tem atraído a atividade garimpeira que, conforme Vieira (2003) teve seu “boom” da exploração de ouro e diamantes em 1936 a 1939, sendo reconhecida pela Coletoria Federal de Boa Vista, ou seja, o Estado. Em meados de 1980, há um crescimento significativo da população e é neste período que o garimpo é impulsionado pelo paraibano Severino Mineiro, que passa a ser percebido como uma atividade praticada de forma descontrolada e não-

sustentável. É possível compreender então, o porquê de ser tão complicado combater a cultura da exploração garimpeira em terras indígenas, noticiadas no país. Desta forma, Boa Vista que possui uma população estimada em 2021 de 652.713 habitantes, tem se desenvolvido na mesma medida em que se tem estabelecido um cenário de incerteza e exploração, num ambiente de constantes conflitos sociais, culturais, econômicos e ambientais, entre outros. Além disto, todos estes problemas se intensificam pelas questões relacionadas aos problemas imigratórios, considerando que o Estado de Roraima se localiza no extremo setentrional do Brasil e faz limite com a Venezuela e a República da Guiana (ao Norte), Amazonas e Venezuela ao Oeste, justamente aonde há uma maior concentração de reservas indígenas, segundo dados do IBGE (2020).

1.3 A Fundação de Pacaraima

O processo de expansão, para garantir a soberania do território por meio do mencionado método de instalação das denominadas Fazendas Reais, que garantia a posse e a ocupação das terras no território, possibilitou o surgimento de Pacaraima. Sua localização, se dá ao Norte com a Venezuela, ao Sul, com os municípios de Boa Vista e Amajari, ao Leste, com os municípios de Uiramutã e Normandia e ao Oeste com o Município de Amajari, distante cerca de 213 km de Boa Vista, possui uma população estimada em 19.305 habitantes, IBGE (2020). Segundo Batista (2012) e Veras (2011), Pacaraima era uma vila de um aglomerado rural que foi elevado a município em 17 de outubro de 1995, com a chegada do exército. No entanto, a conhecida rodovia BV-8, denominada assim por fazer parte do marco divisor da fronteira Brasil-Venezuela de número 8, foi consolidada com a instalação de um posto do Batalhão Especial de Fronteira (BEF), que além de buscar proteger a fronteira, gerenciava os conflitos existentes na região entre indígenas e posseiros. Por outro lado, conforme Pereira (2012), Santa Helena de Uairén foi fundada em 16 de setembro de 1923 por Lucas Fernandez Peña, possui 29.795 habitantes (censo 2006) e uma distância de 15 km da cidade de Pacaraima. Esta distância, permite um fluxo intenso na fronteira que antes, acontecia devido ao comércio e ao turismo, mas que no presente momento ocorre devido à realidade de crise migratória que se encontra a Venezuela, que condiciona a muitos a optarem por rotas de fuga, devido principalmente à falta de documentação. Todo este cenário, possibilita pensar no conceito amplo de fronteira, que não está restrito apenas ao aspecto geográfico, político, étnico e regional, mas também a uma denominada fronteira em movimento, abordado por Albuquerque (2005), que explica que o conceito não se restringe apenas ao discurso geopolítico de ações expansionistas planejadas pelos Estados nacionais, mas ao que pode ser articulado como frente

de expansão econômica, imigração fronteiriça, fronteira nacional e identidade situacional que gera tensões, conflitos constantes entre pessoas e poderes, onde “A fronteira é um espaço contraditório de integração e conflito”. A exemplo do que pode gerar conflito, é o que diz a própria Constituição Brasileira (1988) quando afirma que fronteira corresponde a uma faixa de controle e uso restrito: “[...] de até cento e cinquenta quilômetros de largura ao longo das fronteiras terrestres [...] considerada fundamental para a defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas por lei” (Artigo 20, parágrafo 2º). Ao analisar o parágrafo, já se pode observar nas frases “controle e uso restrito” e “ocupação e utilização reguladas por lei” uma tentativa de limitar, submeter, controlar, supervisionar o que pode contribuir para essa tensão entre pessoas e poderes, já que, há um fluxo inevitável de pessoas e produtos. Além disto, esta tensão fica ainda mais perceptível quando se pensa nas populações que vivem em comunidades fronteiriças. A complexidade se intensifica em fronteiras como as de Roraima, porque são conformadas por florestas, rios, canais e linhas convencionais, como se pode observar na Figura 3, que servem muitas vezes como rotas de fuga, como mencionado anteriormente.

Por meio do Quadro 1, se observa os variados tipos de fronteiras geográficas existentes no país, o que permite pensar no processo de fronteiras em movimento que se originam a partir delas, de acordo com Albuquerque (2005). Os contatos interculturais são ampliados e as disputas de poder são intensificadas em vários âmbitos como: os econômicos, sociais, políticos e culturais, exigindo da sociedade uma articulação, já que, é neste cenário que surgem as fronteiras simbólicas, os hibridismos culturais e variadas tensões, que fazem parte da dinamicidade da vida nestes espaços. Contudo, o que se percebe quando a tensão acontece de fato, como é o caso da realidade de intensa imigração devido à crise econômica, política e social do país vizinho, é a falta de estrutura do poder público e de informação por parte da sociedade, que tem dificuldades em compreender os processos que envolvem os contatos interculturais.

Quadro 1 – Fronteiras do Brasil

(continua)

PAÍSES	ESTADOS FRONTEIRIÇOS	EXTENSÃO
BOLÍVIA	Acre, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul.	Total: 3423,2 km divididos em: Rios e canais: 2.609,3 km Lagoas: 63, 0 km Linhas convencionais:750, 9 km
VENEZUELA	Amazonas, Roraima	Total: 2.199,0 km divididos em: Divisor de águas: 2.109,0 km Linhas convencionais: 90,0 km
PERU	Acre, Amazonas	Total: 2.995,3 km divididos em: Rios e canais: 2.003, 1 km Divisor de águas: 708,7 km Linhas convencionais: 283,5 km

Quadro 1 – Fronteiras do Brasil

(conclusão)

PAÍSES	ESTADOS FRONTEIRIÇOS	EXTENSÃO
ARGENTINA	Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	Total: 1261,3 km divididos em: Rios: 1236,2 km Divisor
URUGUAI	Rio Grande do Sul	Total: 1068,1 km divididos em: Rios e canais: 608,4 km Lagoas: 140,1 km Linhas convencionais: 57,6 km Divisor de águas: 262,0 km
FRANÇA	Amapá	Total: 730,4 km divididos em: Rios: 427,2 km Divisor de águas: 303,2 km
SURINAME	Amapá, Pará	Divisor de águas: 593,0 km
COLÔMBIA	Amazonas	Total: 1.644,2 km divididos em: Rios e canais: 808,9 km Lagoas: 140,1 km Linhas convencionais: 612,1 km Divisor de águas: 223,2 km
GUIANA	Roraima e Pará	Total: 1.605,8 km divididos em: Rios e canais: 907,6 km
PARAGUAI	Paraná, Mato Grosso do Sul	Total: 1.365,4 km divididos em: Rios: 928,5 km Divisor de águas: 436,9 km

Fonte: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Brasil: *Fronteiras*. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/informacao-e-analise/fronteiras-terrestres-brasil.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

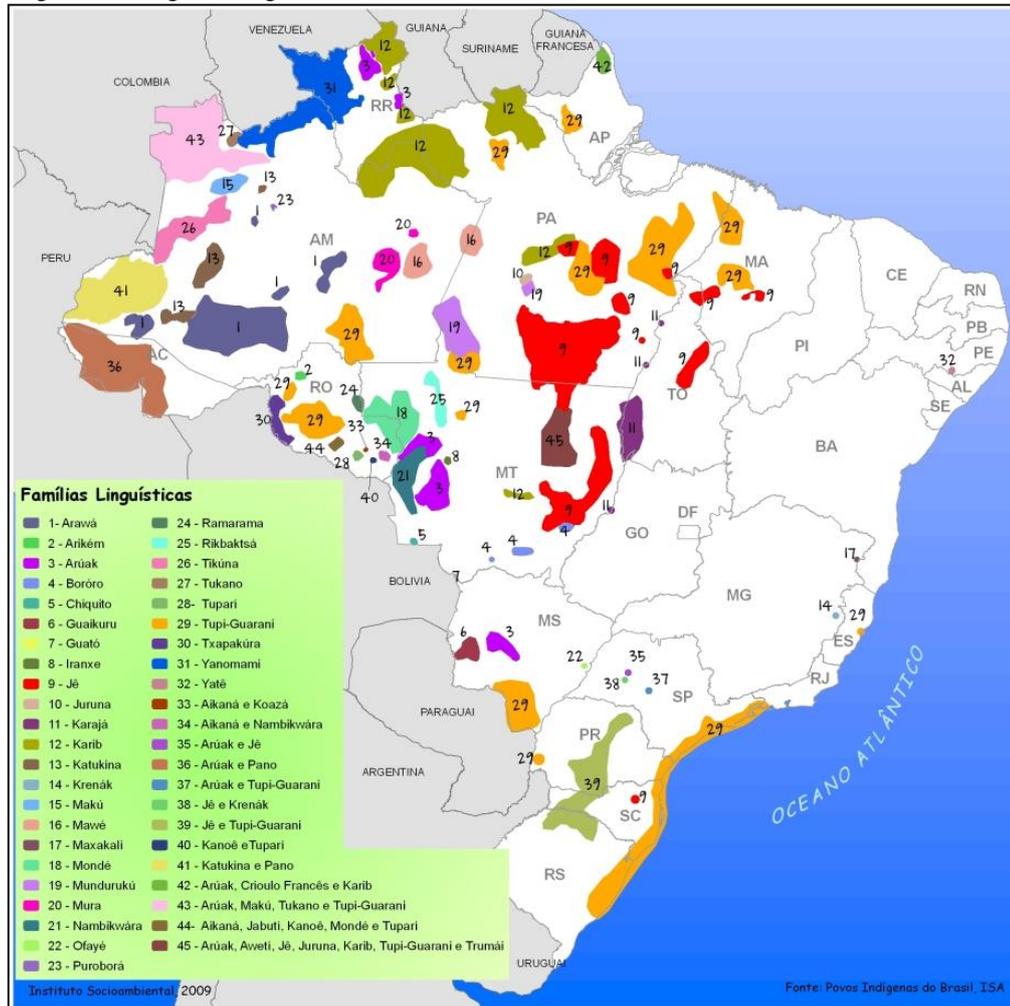
1.4 Lugar de fala e colonização de Roraima/Boa Vista

Ao analisar a história de Roraima contada por meio de artigos, revistas e relatos, entre outros, consigo ativar a memória da minha infância. Nascida em Boa Vista, em 1978 e filha de nordestinos que se deslocaram para viver em Boa Vista, consigo lembrar do período que a cidade passava por grandes transformações. Não havia indígenas transitando em grande número pela cidade, nem nas escolas, nem nas praças tanto quanto se vê hoje, bem como estrangeiros. Hoje, há um número considerado de haitianos, mas principalmente venezuelanos na cidade, que trabalham em todo tipo de serviço, mais que tudo no comércio, serviços gerais e construção civil. Até os meus 15 anos não percebia a diferença entre a população não indígena e indígena, e também não conhecia nenhuma língua das tantas comunidades originárias que existem na cidade, mas cresci ouvindo falar do garimpo, aliás, sempre havia um vizinho e até parentes que se arriscaram na busca pelo ouro. Constituíram famílias, adquiriram bens, passando meses trabalhando em garimpos e não os ouvia falar a respeito de conflito que tivessem tido com os indígenas. Mas à medida que eu crescia junto com a cidade, as consequências dos conflitos iam surgindo em forma de notícias que anunciavam os fechamentos de garimpos, e da reação negativa da população quando responsabilizavam as comunidades indígenas. Foi assim que passei a ter discernimento de que vivia em uma cidade inserida em um território

majoritariamente constituído de comunidades indígenas, que falavam as mais diferentes línguas. Atualmente, o Estado se encontra imerso em uma pluralidade linguística, cultural, étnica nunca antes vista. O agir/reagir no é para o mundo, permite formar as identidades linguísticas dos sujeitos, de acordo com as diferentes condições que os afetam. Como por exemplo, o incremento no número de imigrantes venezuelanos, causado pela crise migratória antes mencionado, que mesmo participando de projetos como o da acolhida (ver Foto 5 no APÊNDICE B), enfrentam condições extremas de sobrevivência e encontram, por meio da língua, oportunidades para modificar suas realidades, assim como a população das comunidades indígenas, que agora circulam em maior número na cidade, modificam suas realidades quando usam a língua para se fazerem compreender. Como se observa na Figura 4, três famílias linguísticas dos povos originários se fazem presente no Estado de Roraima a saber: Yanomami, Karib e Aruak que, em conjunto com o espanhol, e outras línguas encontradas em menor incidência, como o crioulo francês do Haiti, representam a pluralidade linguística do Estado. Desta forma, se pode perceber não somente na linguagem, mas na música, culinária e na arte, as influências e as diferentes trocas culturais que acontecem no cotidiano da população de Roraima.

Apesar de se poder visualizar por meio do mapa uma diversidade linguística, há um negacionismo em admitir esta realidade, já que, não existe uma política linguística integradora eficaz que faça compreender a ideia de somatória que a língua possui. Desta forma, a população adquire uma postura de exclusão para com as línguas que não pertencem ao português, considerando a ideologia do colonizador em admitir um único idioma, como uma forma de apagar a identidade do sujeito.

Figura 4 – Línguas indígenas no Brasil



Fonte: MIRIM. *Línguas indígenas*. 2022. Disponível em: <http://pibmirim.socioambiental.org/linguas-indigenas>. Acesso em: 01 jan. 2022.

No extremo Norte, por exemplo, em que abrange o município de Pacaraima e Santa Helena, o contato linguístico é constante não só de comunidades indígenas, mas de estrangeiros. A população que vive em zonas de fronteiras como as mencionadas, convivem com uma realidade linguística em que todos buscam se comunicar de alguma forma, seja na sua língua, ou aprendendo a língua do outro, tratando de utilizar os recursos que dispõem, como gestos e tecnologias, por exemplo. Tudo isto pôde ser verificado, em uma visita *in loco*, à cidade de Pacaraima em 2021 que, ao conhecer a Escola Estadual Militarizada Cícero Vieira Neto, (ver Foto 6 no APÊNDICE B), no bairro Suapi, conheci a professora Rosiane Felícia, que dá aulas de português/espanhol. Em uma conversa, ela relatou sobre o desafio de lecionar para os diferentes tipos de alunos que incluíam, os das comunidades indígenas próximas e os cerca de 349 alunos que eram residentes em Santa Helena. Os alunos, em relação à língua, sempre apresentavam vergonha em se pronunciar, o que fazia com que a professora adotasse a estratégia de, sempre no primeiro contato com eles, tratar de só ouvir e, somente com o decorrer

do tempo, buscar falar devagar para que pudessem se compreender melhor, e desta forma, se familiarizavam aos poucos com a língua. Com a crise imigratória e a condição pandêmica de Covid-19, as aulas haviam sido suspensas na época da visita, porém, se pôde constatar a falta de estrutura tanto de Pacaraima quanto de Boa Vista, em uma situação emergencial de crise humanitária, como mesmo aponta Albuquerque (2021). Isto, pode ser como um fator relevante para o aumento considerado de venezuelanos envolvidos em casos de violência e prostituição, o que tem provocado a revolta de muitos moradores em ambas as cidades. Além disto, muitos criticam sobre o fato de que um grande número de venezuelanos tem se disposto a trabalhar aceitando uma carga horária maior a um valor reduzido, tirando muitos dos seus postos de trabalho tanto no comércio, quanto na construção civil, por exemplo. Os órgãos públicos têm alertado sobre o número crescente de pedintes em vias públicas, praças e possíveis colapsos em hospitais públicos da cidade. Apesar disto, muitos conseguem progredir, montar seu negócio e receber ajuda, como é o caso dos informantes desta pesquisa, como constataremos mais adiante. No entanto, o que se pode perceber, desde antes da fundação do Estado de Roraima e de Boa Vista, sua capital, é que nunca houve um plano pensado na integração dos povos que se encontram naquela região, sejam comunidades indígenas ou de imigrantes, ficando mais evidente em um caso como este, de crise humanitária. Tudo foi imposto pensando mais que tudo no benefício de poucos, como aconteceu também na população dos países que conformam a América do Sul.

Pensando em contribuir, principalmente em políticas públicas voltadas às questões de ordem linguística e social, é que se desenvolveu este trabalho advindo dos contatos linguísticos e das trocas interculturais existentes em Roraima, podendo ser estendido em todo o território nacional.

1.5 Delimitando a prática translíngua

A temática da translinguagem, apesar de ser um conceito discutido recentemente por educadores e linguistas, sempre foi praticada, por se tratar justamente de um fenômeno proveniente de contatos linguísticos como se verificará a seguir, quando abordaremos os conceitos de contato linguístico e bilinguismo, podendo ser observados nos trabalhos de García (2009) e Wei (2017). No entanto, o que se percebe é que esses estudos geralmente estão voltados à língua inglesa e ao contexto de ensino-aprendizagem, revelando uma deficiência de pesquisas relacionadas à temática num contexto de aquisição de línguas em/de contato. Isto me impulsionou à realização desta pesquisa, que acredito, contribuirá para um maior conhecimento tanto para a sociedade quanto para a academia.

1.6 Língua, Portunhol e Translinguagem

Os contatos linguísticos têm favorecido os estudos de muitos fenômenos linguísticos, que extrapolam a ideia de que as línguas são unidades passíveis de serem facilmente descritas, contadas e nomeadas. A exemplo disto se pode citar o portunhol e a translinguagem que, apesar de fazerem parte de discussões recentes, são praticados há muito tempo. A pesquisa sobre translíngua, especificamente em relação a este trabalho de pesquisa, surgiu de estudos, reflexões e discussões a respeito do portunhol, amplamente trabalhado por meio de uma revisão bibliográfica realizada em trabalho anterior de TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) em Letras Português/Espanhol (CLAROS, 2019). Neste, verificou-se os principais contextos em que o portunhol se manifesta a saber: de fronteira, obras literárias e ensino/aprendizado, que será denominado portunhol de L_1 (língua que aprendemos desde a infância) para L_2/LE . Neste último enquadramento se encontrava a translíngua que, além de haver despertado meu interesse, foi tema sugerido pelos professores do Curso de Licenciatura em Letras (Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG), resultando neste trabalho de dissertação. Se observou também que, nos resultados da pesquisa e juntamente com a translíngua está a interlíngua, conceito importante relacionado ao processo de ensino/aprendizado. Seu precursor Selinker (1972) defende que no aprendizado de L_2 ou LE, o falante para se expressar, cria um sistema intermediário de códigos onde há interferência da língua materna L_1 e que, se tratando do aprendizado de espanhol por lusofalantes (ou vice-versa), esse sistema intermediário seria o portunhol. Para García e Otheguy (2016), é possível que a interlíngua se enquadre no que os autores defendem como sendo uma perspectiva externa da língua, em que há essa interferência da L_1 , já mencionada no aprendizado. Diferentemente da translíngua que, desde o ponto de vista do falante (perspectiva interna), se visualiza simplesmente um repertório. Em se tratando do contexto de sala de aula, em que os alunos estão tendo seu primeiro contato com a língua, acredito que à medida que o aluno tem contato com outra língua, seu repertório linguístico vai se construindo a cada aula, contribuindo significativamente para a comunicação no processo de ensino/aprendizado. Cen Williams (1994, 2002), apresenta a translinguagem como um método a ser utilizado, ou ainda uma estratégia para manutenção e desenvolvimento do bilinguismo, com propósitos diversos e diferentes atividades. Tomar a translinguagem como um método, me resulta bem desafiante, independente se o contexto é fora ou dentro da sala de aula, visto que; um indivíduo bilíngue, a partir de um repertório linguístico que lhes é próprio, seleciona recursos de linguagem para se ajustar às situações comunicativas, constituindo o que se denomina como ato de performance/translinguajar. Desta forma, concordo que é muito mais

significativo considerá-la como uma estratégia porque o método, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), é algo mais sistemático e racional, o que não se enquadra com a visão da translíngua que seria a de permitir habilidades, possibilidades, construções de sentido, visões de mundo e uso de diversos elementos semióticos em diferentes práticas linguísticas. No sentido mais de estratégia, por exemplo, Colin Baker (2001) foi um dos primeiros autores a abordar o conceito de translíngua e a utilizou porque acreditava numa prática pedagógica de duas línguas que poderiam ser praticadas de forma fluida no processo de ensino aprendizagem em sala de aula. García e Otheguy (2016), irão defender a ideia de conceito da translíngua, apresentando duas importantes perspectivas do fenômeno linguístico, que seriam as perspectivas interna e externa do falante translíngue. Na perspectiva interna, o bilíngue possui um repertório, um sistema linguístico próprio adquirido, que desde o ponto de vista do falante não é uma troca de uma língua nomeada por outra. Garcia e Otheguy (2016) citam o exemplo de uma criança de 16 meses (Gabo) e esclarece que seus pais são originários de países que possuem línguas nomeadas como espanhol e inglês. Desta forma, Gabo irá ter no seu repertório linguístico tanto palavras em espanhol quanto em inglês, podendo ser aplicado a qualquer processo do seu desenvolvimento seja aos 16 ou 60 anos de idade. A ideia de línguas nomeadas, espanhol e inglês, por exemplo, também analisada por Sturza (2019), constituiria o que o autor defende como sendo a perspectiva externa, estabelecida pela sociedade e com caráter sócio-político. Desta forma, os autores argumentam que a ideia desenvolvida pela sociolinguística e psicolinguística de que as línguas não são entidades psicológicas internas, mas aspectos que se nomeiam e enumeram por convenção social, são conceitos de índole social e não linguística. São nomes de realidades sociais, vistos desde o ponto social, que é diferente do ponto de vista individual do falante, que tem seu próprio dialeto. E considerando a perspectiva interna referente à translíngua pelos autores, foi que se considerou ser o portunhol uma translíngua, no processo de ensino-aprendizagem. Sturza, Mota e Mancilla (2022), abordam o portunhol no processo de ensino aprendizagem, considerando o que se denomina ser três Arcos, que caracterizam as regiões de fronteira do Brasil com os países de fala espanhola: Norte, Central e Sul. No trabalho de pesquisa, é possível perceber as práticas translíngues que incluem não tão somente o português e o espanhol, mas também línguas originárias presentes nas comunidades ali localizadas. Trabalhos como este, que tratam do conceito de translíngua como língua de contato, são possíveis de serem encontrados, mas não tanto quanto no contexto de ensino-aprendizagem. Desta forma, esta pesquisa se concentrará na verificação do uso da translíngua na manifestação de fala de imigrantes, especificamente venezuelanos, residentes em Boa Vista-Roraima, considerando principalmente a perspectiva interna do falante e o conceito de contato

linguístico. A análise se concentrará nas características comuns presentes referentes a questões estruturais da translíngua, além de questões identitárias e culturais na escrita e fala desses sujeitos.

1.7 Objetivo e pergunta da pesquisa

Como mencionado, diante de poucos estudos referentes à translinguagem num contexto de aquisição de línguas em línguas de contato, o presente trabalho traz como principal objetivo verificar o uso da translinguagem em textos escritos por imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista em Roraima. Nesse sentido, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as práticas de translinguagem que ocorrem entre os imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista?

O público participante da pesquisa são imigrantes adultos, venezuelanos, residentes na cidade. Minha motivação maior em escolher este público especificamente foi que, por fazerem parte da minha comunidade de fala, havia a possibilidade de observar com mais atenção as práticas linguísticas, podendo analisar aspectos estruturais da translinguagem e também questões relacionadas à identidade, à cultura entre outros aspectos.

Para isso, apresentei um questionário com perguntas relacionadas às suas experiências vivenciadas aqui no Brasil, sobre a relação entre eles e a população brasileira. Também as motivações principais que os fizeram sair do seu lugar de origem e por fim, questões relacionadas à língua e especificamente sobre o conceito doportunhol. Também foi solicitado que os participantes realizassem um texto narrativo, versando sobre sua trajetória como imigrantes no Brasil.

1.8 A pesquisa e sua organização

Para um melhor entendimento da pesquisa, os capítulos que seguem estão organizados da seguinte forma: o capítulo 2 tratará de assuntos referentes aos conceitos de contato linguístico e bilinguismo, conceito de língua a partir de diferentes perspectivas, também a respeito dos diversos conceitos de translinguagem e das práticas translíngues, bem como o seu processo da escrita e sobre o papel social da translinguagem nas práticas linguísticas. Tudo isto, por meio de aportes teóricos e revisão de literatura. No capítulo 3 é apresentada a metodologia da pesquisa em que se apresentam os participantes, os instrumentos da pesquisa, o método, além do contexto. Por fim, no capítulo 4 e 5 serão apresentados, consecutivamente os resultados da pesquisa com a análise dos dados e as conclusões, seguidas das referências e anexos.

2 CONTATO LINGUÍSTICO/LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO

Podemos aprender a falar sem conhecer linguística, como podemos digerir sem conhecer a teoria da digestão. É o que parece ser feito por todos aqueles, crianças ou adultos, que adquirem uma língua por simples contato com os que a falam.

(Frédéric François)

Os processos de colonização e migração/imigração apresentados anteriormente, são apenas um dos exemplos que possibilitam o contato linguístico. De acordo com López (1997), o fenômeno intrínseco ao ato natural e cotidiano do ser humano, ocorreu também por outras situações como: expedições marítimas, (com objetivos coloniais ou comerciais), tráfico de escravos da África, situações históricas de convivência de línguas no mesmo território, viagens de negócios, guerras, ócio, catástrofes naturais, entre outros, conformando um contexto em que coexistem mais de 4.000/5.000 línguas no mundo. Tudo isto, somado ao fato de que o mundo vivencia uma intensa revolução tecnológica, é impossível pensar na impossibilidade de que não haja influência de uma língua com outra(s), corroborando com a afirmação de Martinet (1970) de que “...cada indivíduo é um campo de batalha para confrontar tipos e hábitos linguísticos, e, ao mesmo tempo, uma fonte permanente de interferência linguística”, (MARTINET, 1970). As situações passíveis de acontecerem como: mudanças, trocas, conflitos, influências, transferências, têm sido abordadas nas pesquisas ao longo de anos no que se refere ao contato linguístico, e o que se percebe são diferentes definições, interpretações e ideias divergentes por parte dos autores, que buscam considerar questões linguísticas, sociológicas, psicológicas, pedagógicas, culturais, políticas, entre outras. Weireinch (1970), explica a respeito do contato linguístico e de um dos fenômenos que advém da prática que é o bilinguismo:

No presente estudo, duas ou mais línguas serão ditas em contato se forem usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Os indivíduos que usam a linguagem são, portanto, o *locus* do contato. A prática de usar duas línguas alternadamente será chamada de bilinguismo, e os envolvidos, bilíngues.

Num primeiro olhar, o conceito de bilinguismo parece se confundir ao do contato linguístico. No entanto, segundo Weireinch (1970), o bilinguismo se refere a prática de usar de forma alternada duas línguas, ideia compartilhada com outros autores, como se pode observar no Quadro 2.

Quadro 2 – Definições de Bilinguismo

(continua)

AUTORES	DEFINIÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO/BILINGUISMO/SUJEITO BILÍNGUE
BLOMFIELD (1933)	<p>Bilíngue é aquele que usa duas línguas de forma tão controlada, que sua fluência e competência linguística chega a igualar a de um nativo.</p> <p><i>“In the cases where this perfect foreign-language learning is not accompanied by loss of the native language, it results in bilingualism, the native-like control of two languages”.</i></p> <p style="text-align: right;">Bloomfield (1933, p.55 – 56)</p>
WEINREICH (1970)	<p>O contato linguístico acontece, quando duas ou mais línguas são usadas alternadamente pelo falante, definidos como bilíngues.</p> <p><i>“In the present study, two or more languages will be said to be in contact if they are used alternately by the same. The practice of alternately using two languages will be called bilingualism, and the persons involved, bilingual”.</i></p> <p style="text-align: right;">Weinreich (1970)</p>
HAUGEN(1953)	<p>O bilíngue pode utilizar expressões completas e com significado, em diferentes línguas.</p> <p><i>“the speaker of one language who can produce complete meaningful utterances in the other language”</i></p> <p style="text-align: right;">Haugen (1953 p.7)</p>
WEISS (1959)	<p>O uso direto, ativo ou passivo, de dois idiomas pelo mesmo locutor, sendo ativo quem envia a mensagem e passivo aquele que a recebe e compreende, é denominado de bilinguismo.</p> <p><i>“Bilingualism is the direct use, being active or passive of two languages of the same speaker”.</i></p> <p style="text-align: right;">Weiss (1959)</p>
MACNAMARA (1967)	<p>Bilíngue é qualquer pessoa que possua uma competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas de uma língua estrangeira: ouvir, falar, ler e escrever.</p> <p><i>“.. bilingual is anyone who possesses a minimum competence in one of the four language skills in a foreign language: listening, speaking, reading and writing”.</i></p> <p style="text-align: right;">Macnamara (1967)</p>
MACKEY (1976)	<p>A qualidade de uma pessoa ou de uma população que faz uso corrente de duas línguas sem uma aptidão marcada por uma língua mais que outra.</p> <p style="text-align: right;">Mackey (1976)</p>
TITONE (1976)	<p>Bilinguismo é “...a capacidade individual de falar uma segunda língua respeitando os conceitos e estruturas desta língua”</p> <p style="text-align: right;">Titone (1976)</p>

Quadro 2 – Definições de Bilinguismo

(conclusão)

AUTORES	DEFINIÇÃO DE CONTATO LINGÜÍSTICO/BILINGUISMO/SUJEITO BILÍNGUE
BLANCO (1981)	O sujeito que, em qualquer grau, seja capaz de codificar e decodificar os sinais lingüísticos, provenientes de dois idiomas diferentes, é denominado bilíngue. Blanco (1981, p.51)
HARDING E RILEY (1998)	Indivíduos que têm a possibilidade de se comunicar em dois ou mais códigos, fazem isto em contextos diferenciados que exigem deles usar um ou outro sistema lingüístico. Por esa razão, seu vocabulário e sua habilidade para falar, escrever, escutar ou ler, tem diferentes níveis, de acordo com os usos que este realiza em cada língua. Harding e Riley (1998)
ROMAINE (1999)	Bilíngue é aquela pessoa, que aprende um conjunto de significados com duas representações lingüísticas diferentes. Romaine (1999)

Fonte: A autora

López (2011), resume as propostas dos autores mencionados como: domínio pleno de duas línguas, conceito de competência (conhecimento que o falante tem de sua língua, possibilitando a capacidade de compreender, falar, ler e escrever em uma língua diferente da materna), capacidade que o falante tem de usar os mecanismos, estruturas e conceitos de uma segunda língua, sem ter de associar com a língua materna (LM). Também em seu trabalho, o pesquisador apresenta elementos, conceitos de autores, que são relevantes para se compreender alguns dos processos que envolvem o contato lingüístico, dentre os quais está o fenômeno do bilinguismo. Por exemplo, no contato, podem acontecer casos de interferência/transferência e convergência, intercâmbio de códigos (*code-switching*) e exemplifica:

Interferência/Transferência: Resulta numa agramaticalidade, visto que a língua A apresenta sinais (fonéticos, lexicais, gramaticais ou sintáticos), que a distanciam das suas próprias estruturas, para assumir ou assimilar os da língua B. O autor chama atenção, para os casos de atuação das interferências, que podem acontecer a nível da fala, quando os fenômenos acontecem de forma individual, ou no nível da língua, quando acontece de forma mais sistemática, regular, e que afeta ao conjunto de falantes. Além disto, duas questões são importantes de serem consideradas como: em qual aspecto (fonológico, gramatical ou léxico), a interferência acontece e, qual a língua que está ocorrendo o contato (português/ espanhol; catalán/ francês, entre outros). López (1997), explica que muitas vezes os falantes não têm

consciência de qual ou tal palavra está introduzida em uma das duas línguas, mediante a interferência, e muito menos de que se trata de um termo estrangeiro, e afirma que quanto mais parecidas as línguas, menor a probabilidade de identificação por parte dos falantes.

Convergência: Neste caso, existe registro de influências da língua B sobre a língua A, no entanto, diferentemente da interferência, não costuma acontecer casos agramaticais.

Intercâmbio de códigos (code-switching): Acontece quando um falante alterna certas estruturas num mesmo discurso, em um mesmo ato de fala. Se busca analisar os mecanismos que cada indivíduo tem para empregar, de forma aparentemente desordenada, duas línguas, ainda mais quando há coincidências entre as línguas.

Bilinguismo: No que diz respeito ao bilinguismo, López (1997) o define como: “... o uso de duas línguas por parte de um falante ou comunidade”, e apresenta fatores de questões gerais e de cada um dos elementos que intervêm no bilinguismo, fenômenos que podem ocorrer tanto em comunidades como em indivíduos bilíngues, bem como, os possíveis tipos de bilinguismo existentes, como se pode analisar, de forma resumida, na Figura 5.

Figura 5 – Fatores de questões gerais e de cada um dos elementos que intervêm no bilinguismo

Alguns dos fatores e das questões gerais, que tornam a temática do bilinguismo complexa	Fenômenos que podem ocorrer tanto em comunidades, como em indivíduos bilíngues
<ul style="list-style-type: none"> ▷ <i>Fatores individuais:</i> aquisição /aprendizagem da língua A e língua B, dimensão psicológica, estrutura da mente bilíngue; ▷ <i>Fatores sociais:</i> Bilinguismo social, relações língua/sociedade; ▷ <i>Bilinguismo estável/ instável:</i> coexistência de línguas sem que uma ou outra caia em desuso; ▷ <i>Educação bilíngue;</i> ▷ <i>Comunidades bilíngues;</i> ▷ <i>Política linguística e bilinguismo, etc.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▷ <i>Autonomia de códigos:</i> Bilíngue ideal que lida com os sistemas de duas línguas A e B sem nenhum tipo de interferência. Estratégia criticada pelo autor, visto que acredita ser muito difícil que não haja interferências ou transferências de uma língua. ▷ <i>Intercambio de códigos:</i> Ocorre quando o sujeito bilíngue, se vê imerso em uma conversação, utilizando duas línguas distintas. ▷ <i>Tradução:</i> O bilíngue é capaz de expressar dois ou mais conteúdos, de forma alternativa, tanto na língua A quanto na língua B.

Fonte: A autora

O conceito de bilinguismo que se apresenta em diferentes fatores, gera questões complexas que vão desde a mercantilização da língua, em que principalmente escolas veem a língua como um produto a ser consumido, parecendo ser o bilinguismo uma propriedade de poucos, quando a língua deveria ser de fato um direito de todos, até mesmo a ideia de que a língua pode ser encaixada em um lugar pronto e acabado, quando na verdade, ela não possui limites. Por esta razão, não pode existir um conceito único de sujeito bilíngue, ou de bilinguismo, tendo em vista que a língua possui uma dinamicidade única, difícil de ser explicada. Tanto no bilinguismo individual, quanto no bilinguismo social, as questões de

cultura, interculturalidade, estão intrínsecas às ações dos sujeitos, independentemente de idade, grau de instrução, escolaridade ou raças. Como se pode observar no Quadro 3, há diferentes processos, situações e contextos que envolvem e se relacionam com os principais tipos de bilinguismo e seus sujeitos bilíngues.

Quadro 3 – Tipos de Bilinguismo

TIPOS DE BILINGUISTO/ CARACTERÍSTICAS					
BILINGUISTO INDIVIDUAL					
SEGUNDO A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E PENSAMENTO	SEGUNDO O GRAU DE CONHECIMENTO DA LÍNGUA	SEGUNDO A IDADE DE AQUISIÇÃO	SEGUNDO AS RELAÇÕES DE STATUS SÓCIO CULTURAL DAS DUAS LÍNGUAS	SEGUNDO O PERTENCIMENTO E A IDENTIDADE CULTURAL	SEGUNDO O USO LINGUÍSTICO
<p>BILÍNGUES COMPOSTOS: Ao receber uma mensagem na língua A ou B, existem mecanismos de adaptação para a língua dominante na mente do falante;</p> <p>BILÍNGUES COORDENADOS : Acontece quando a mensagem recebida pelo falante é compreendida tanto na língua A quanto na B.</p>	<p>BILÍNGUES EQUILIBRADOS: São aqueles que tem um grau de conhecimento idêntico em ambas as línguas;</p> <p>BILÍNGUES DOMINANTES: Se dá quando o grau de conhecimento é maior em uma das duas línguas. Isto ocorre, geralmente com a língua materna</p>	<p>INFÂNCIA: o bilinguismo acontece concomitantemente ao desenvolvimento geral da criança e se diferem em dois tipos:</p> <p>1. <i>Precocemente simultâneo:</i> crianças que aprendem duas línguas maternas de uma só vez</p> <p>2. <i>Precocemente consecutivo:</i> crianças que adquirem uma segunda língua, ainda quando muito novo, mas depois da aprendizagem da língua materna.</p> <p>ADOLESCÊNCIA: a aprendizagem da segunda língua acontece entre os 10/11 anos até os 16/17 anos.</p> <p>ADULTO: a aprendizagem e ou aquisição acontecem depois das etapas já mencionadas</p>	<p>BILINGUISTO ADITIVO: Se as duas línguas tem valorização positiva;</p> <p>BILINGUISTO SUBTRATIVO/ACULTURAÇÃO: Quando uma das duas línguas, a materna, por exemplo, está desvalorizada. É frequente que a aculturação aconteça em sociedades em que a L₂ de um sujeito é mais privilegiada que sua língua materna.</p> <p>DECULTURAÇÃO: O indivíduo renuncia a cultura de sua língua materna, mas sem conseguir se identificar com a cultura de sua segunda língua L₂.</p>	<p>BILINGUISTO BICULTURAL: quando se reconhece e se aceita as duas realidades culturais das línguas A e B;</p> <p>BILINGUISTO MONOCULTURAL: quando se reconhece apenas a identidade cultural do grupo ao que pertence o bilingue.</p> <p>BILINGUISTO MULTICULTURAL: Pode existir multiculturalidade nos indivíduos, sem que necessariamente dominem as duas línguas.</p>	<p>Se faz necessário examinar o grau de competência que o indivíduo tem em ambas as línguas e baixo que condições as utiliza, considerando as questões:</p> <p>a) internas: idade, aptidão-inteligência, memória, atitude e motivação e a utilização interior de uma língua;</p> <p>b) externos: família, comunidade, escola, meios de comunicação de massas e a correspondência.</p>
BILINGUISTO SOCIAL					
OCUPAÇÃO OU A COLONIZAÇÃO	COMÉRCIO	SUPERIORIDADE DEMOGRÁFICA	EXPANSÃO E ASCENDÊNCIA	EDUCAÇÃO	
A colonização é muito mais duradoura que a ocupação e possui maior efeito no bilinguismo	A necessidade de troca de produtos e bens de consumo pode levar os falantes monolíngues a adotar uma segunda língua	Nos territórios em que a língua A é a maioritária, a população monolíngue (de língua B minoritária) se vê impulsionada a dominar também a língua A	A expansão por um território e a ascendência (o auge) que uma língua pode experimentar, não parece que esteja ligada a língua em si. Em parte, é válido argumentar o número de falantes, o poder político e econômico, o poder dos meios audiovisuais ou a hegemoniacultural (intelectual).	Por meio do ensino que se relaciona as questões de expansão e ascendência.	
A INFLUÊNCIA ECONÔMICA	RELIGIÃO	MEIOS DE DIFUSÃO	PODER E PRESTÍGIO		
A tendência da globalização no Séc. XXI é fundamental para o domínio de vários setores. A língua ou as línguas que estão unidas ao poder são, além disso, as mais solicitadas nos círculos internacionais.	Apresenta papel importante na expansão de uma língua	Rádio, TV, cinema, imprensa, comunicações informáticas, agências de notícias internacionais	A riqueza, o poder e o prestígio social que representa cada um dos grupos se configuram como elementos chave para a necessidade de dominar a língua superior		

Fonte: Adaptado de: LÓPEZ, Javier M. *Lenguas en contacto*. Libros - La Muralla, S.L.; 2ª edição, Madrid, 1997.

A palavra bilinguismo, possui um prefixo de origem latina “bi”, que traz consigo a ideia de dois, duplo, “duas vezes” (BI, 2023). No entanto, quando se analisa os estudos sobre contato linguístico, é possível observar autores que mencionam mais de duas línguas.

O conceito do contato linguístico envolve muito mais que o contato de línguas, como define Silva (2011), contato linguístico é a expressão “...que coloca em foco as intrínsecas relações entre as línguas e suas respectivas culturas e sociedades”. Desta forma, novos conceitos foram surgindo mediante esta realidade, num campo mais sociológico e pedagógico, como o multilinguismo, o plurilinguismo o biculturalismo, a interculturalidade e a bialfabetização, como explicam Bermúdez e Fandiño (2012), por exemplo.

2.1 Multilinguismo

O termo se refere às várias línguas coexistindo em uma dada sociedade, bem como às competências de um indivíduo em duas ou mais línguas, ou ainda, à interação entre falantes de línguas distintas. Assim como no bilinguismo, se deve considerar: a eleição do falante às diferentes maneiras, formas de expressão e estilos de se comunicar, escolhendo entre um idioma ou outro, dependendo do contexto. Os pesquisadores (BERMUDES; FANDINHO, 2012) apresentam três tipos de multilinguismo, a saber: Multilinguismo social (presença de várias línguas no cotidiano de uma comunidade); Multilinguismo individual (presença de várias línguas no cotidiano de um indivíduo) e Multilinguismo escolar/universitário (presença de mais de duas línguas no curriculum ou meio de instrução).

2.2 Plurilinguismo

Diferentemente do multilinguismo, o qual pode ser trabalhado inclusive em centros escolares e educativos, o plurilinguismo está relacionado ao conhecimento e experiência linguística do falante, relacionado à cultura de uma língua. Bermúdez e Fandiño (2012) defendem que língua e cultura não estão guardados, de forma separada, em compartimentos mentais, mas que se desenvolvem nas interações, e nas relações entre as línguas.

2.3 Biculturalismo

Os falantes não deixam de usar seu sistema cultural e passam a fazer uso de dois sistemas culturais em dois contextos diferentes, respeitando os requisitos e as regras de cada cultura.

2.4 Interculturalidade

No uso dos sistemas culturais diversificados, o convívio social requer do falante um reconhecimento de uma diversidade cultural, étnica, respeito mútuo, que regem as línguas diferentes. Por esta razão, ações que promovam a aceitação da alteridade, buscando conscientizar de que as pessoas são diferentes, bem como a construção de relações dialógicas nas mais diferentes esferas da sociedade, contribuem para a compreensão da língua como uma prática social, que envolve a história das pessoas. Neste sentido, este trabalho permite refletir sobre práticas linguísticas que tenham conexão com a história de vida dos informantes. Estes geralmente, silenciados por políticas linguísticas que têm visado sobretudo, a descrição de documentação de registro ortográfico, sem conexão com a história das línguas e dos sujeitos que estão sendo estudados e descritos (BERMUDES; FANDINHO, 2012).

3 LÍNGUA, PORTUNHOL E TRANSLINGUAGEM

Língua é a linguagem particularmente usada por um povo.
(Ismael Coutinho)

Como observado, o contato linguístico possibilita a relação e interação de línguas e culturas, e é por meio de suas práticas que diferentes processos e fenômenos acontecem, como no caso do bilinguismo, já exposto anteriormente. Definir com precisão cada temática que introduz este capítulo é impossível, e cabe apenas, analisar ideias, conceitos, que autores diversos abordam, para compreender um pouco daquilo que as envolve. Neste trabalho de pesquisa, tratarei de expor algumas dessas inúmeras ideias, estudos, interações, que se relacionam aos conceitos de língua, portunhol e translanguagem, que são constituídos por uma realidade atual plurilíngue, pluriétnica e pluricultural. Esta realidade, é contrária àquela que o Estado Moderno impõe, por meio do que a União Europeia (UE) denomina de línguas oficiais, em que é imposto um só idioma (COSTA, 2017). Mediante isto, apesar da limitação do meu conhecimento em relação às temáticas, apresentarei de forma bem resumida, alguns dos principais conceitos, ideias e processos que envolvem à língua, o portunhol e a translanguagem, intrínsecos a este trabalho de pesquisa, na visão de diferentes autores.

3.1 Língua

Tudo o que se refere à pesquisa sobre o conceito de língua, é difícil de definir. Cada teoria, traz diferentes autores que tratam de apresentar diversas definições a respeito do que é a língua. Como a língua, as teorias também vão sofrendo mudanças, reestruturações, mas sempre contribuem para a reflexão daquilo que é intrínseco à sua prática. Desde uma visão mais sociológica, psicológica, estrutural, política, a língua assume papéis importantes, e demonstra grande poder tanto em questões individuais, quanto sociais, para integração de povos e nações. Os estudos linguísticos, não comprovam como a língua surgiu, mas dão ideia de alguns dos processos que as constituem. Desta forma, buscarei expor algumas dessas teorias a respeito da língua, que ao longo de décadas, tem contribuído para formular e reformular novos conceitos.

Para a construção deste trabalho de pesquisa, por exemplo, a ciência da Linguística, tem papel fundamental. Suas subdivisões são conhecidas como:

- a) Linguística Aplicada: problematiza questões de uso da linguagem tanto dentro quanto fora da sala de aula, e propõe pensar como a linguagem se torna significativa, a partir de uma determinada situação social (MOITA LOPES, 2006);

- b) Psicolinguística: busca compreender as relações entre linguagem e pensamentos humanos (PINKER, 2002);
- c) Sociolinguística: trata as relações existentes entre fatos linguísticos e fatos sociais (LABOV, 2008).

Assim sendo, as teorias linguísticas mencionadas, são fundamentais para o corpo deste trabalho de pesquisa, visto que; estão relacionadas com a atividade humana, concordando com o que afirma Martinet (1978):

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Diz-se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais. ‘Científico’ opõe-se a ‘prescritivo’. No caso da linguística, importa especialmente insistir no caráter científico e não prescritivo do estudo: como o objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se.

As pesquisas baseadas nas observações imparciais das práticas linguísticas, que envolvem questões desde as mais estruturais, às mais filosóficas e profundas, são primordiais em tempos que se discutem conceitos de mundo pós-moderno, pós-colonial, globalizado e de representatividade. Por exemplo, Faraco (2005), cita duas vertentes teóricas, que têm sido base para discussões, debates e reflexões no campo da Linguística, a saber as teorias variacionista e gerativista. As características principais se resumem da seguinte maneira: na teoria variacionista, se assume a heterogeneidade sincrônica das línguas como sistemática e primordial; há também uma correlação entre língua e contexto social. Além disto, nesta teoria, o autor sustenta que as hipóteses são fundamentadas em dados empíricos da comunidade de fala. Na teoria gerativista, Faraco argumenta que a realidade homogênea da língua enraíza a questão histórica na estrutura biológica do cérebro; preocupa-se com relações internas ao sistema linguístico e não se ocupa em levantar hipóteses teóricas quanto à natureza da chamada gramática universal. Apesar das divergências encontradas, ambas teorias contribuem na conformação da Linguística Moderna no que constitui os fundamentos do estruturalismo, gerativismo e do sociolinguismo, que fazem parte dos principais processos linguísticos da humanidade.

3.2 Estruturalismo

Pensadores e estudiosos da língua de outras épocas, contribuíram para que os estudos linguísticos se consolidassem ao longo da história. Nascimento (2008), apresenta um estudo a respeito, por exemplo, das ideias de Saussure a princípios do século XX. O pesquisador já

questionava sobre os estudos anteriores a ele, sobre temas relacionados à língua e linguagem. Suas pesquisas, que contribuíram para que a Linguística ganhasse o *status* de ciência, ajudou a definir algumas possibilidades dos estudos linguísticos que autores posteriores a ele concordavam, discordavam ou até reformulavam. Algumas dessas possibilidades são as dicotomias: língua/fala, sincronia/diacronia, forma/substância, associação/sintagma, significante/significado que contribuíram para a consolidação do que conhecemos como teoria estruturalista. Saussure (1970) focou nos primeiros elementos das duplas dicotômicas, como por exemplo, na dicotomia língua/fala, o autor concentrou suas pesquisas na língua como um sistema, diferentemente dos posteriores pesquisadores que a classificavam como uma estrutura:

A língua é uma realidade psíquica, que compreende significados e imagens acústicas, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos [...] uma entidade social, uma instituição social. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode, nem criá-la nem modificá-la [...] ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade [...] é uma entidade abstrata, um sistema funcional. A língua é [...] um todo por si e um princípio de classificação [...] a língua é um sistema cujos termos se condicionam reciprocamente e o valor ou o sentido de uns é o resultado da presença simultânea de outros.

As características referentes à língua por Saussure não são conclusas, e apresentam caminhos que a língua pode alcançar, tanto no que se refere ao indivíduo em si, como ao ser humano no coletivo. Por exemplo, com relação ainda à dicotomia língua/fala, o autor considera a língua como entidade social e defende a importância de se separar o que classifica de linguística interna (aquela que estuda, exclusivamente as mudanças na estrutura de uma língua) da linguística externa (aquela em que se estuda a relação da língua com acontecimentos geográficos, culturais, políticos, sociais, etc.). Isto porque acreditava que separando as duas, seria possível estudar a história da língua sem a necessidade de conhecer as circunstâncias em que ela se desenvolveu (SAUSSURE apud FARACO, 1998). O autor faz ainda, uma divisão da linguagem humana em língua e fala apresentando a língua (*langue*) como homogênea e sistêmica, o que contribuía para a observação e descrição e diferentemente apresentava a fala (*parole*) como heterogênea e individual. É a partir de então, que a abordagem imanente da língua é inaugurada, ou seja, em termos saussureanos significaria afastar “tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema”, como afirma Alkmin (2001). Ainda segundo Saussure, a língua não estaria completa no cérebro de nenhum indivíduo, mas nas relações entre eles, no coletivo, favorecendo uma compreensão mútua. Além disso, considerava que a linguagem e a língua são distintas porque enquanto a linguagem “pertenceria ao domínio individual e social, a língua no conceito de “um todo por si”, se adquire no convívio social. Diante destes posicionamentos com relação à língua, escolas e teorias se consolidaram contribuindo para as

pesquisas no campo dos estudos linguísticos com relação a essas e outras possibilidades levantadas. Da Escola Estruturalista, os principais teóricos e suas teorias são: Círculo de Praga (Vilém Mathesius, Nikolai Trubetzkoy, Roman Jakobson), Americanos (Leonard Bloomfield, Edward Sapir), Franceses (Antoine Meillet, Émile Benveniste), Brasileiro (Joaquim Mattoso Câmara Jr.) e Círculo linguístico de Copenhague (Louis Hjelmslev).

3.3 Gerativismo

A corrente classificada como gerativista tem uma concepção racionalista, e é defendida pelo americano Noam Chomsky que rompe com a forma mais hegemônica de tratar a língua numa hipótese mais inatista, ou seja, o ser humano já nasce com uma espécie de Gramática Universal³ (GU). Chomsky (1959), se opunha principalmente às ideias de Skinner, que defendia que a linguagem é adquirida pelo indivíduo pelo seu convívio social e afirmava que cabia aos pais e professores o ensino e domínio da língua. Esta ideia, defendida também por Leonard Bloomfield, reafirmava sobre os estímulos das interações sociais, como responsáveis pelo comportamento linguístico do falante. Chomsky acreditava que a GU, permitia aos falantes a produção infinita de frases advinda de um repositório finito de regras gramaticais e que exigia muita capacidade para aplicar na prática. De acordo com Kenedy (2008), Chomsky se opôs a esta ideia, defendendo que a capacidade para falar e entender uma língua (princípio da competência linguística), seria inata, partindo de um pressuposto genético, e não determinada exclusivamente, por questões externas, como defendia a teoria behaviorista. Desta forma, se constituiu o que se conhece como Faculdade da Linguagem que, de acordo com o autor, fomenta nos gerativistas os seguintes questionamentos:

- a) Em que consiste o conhecimento que um indivíduo possui quando é capaz de falar e compreender uma língua?
- b) Como o indivíduo adquire esse conhecimento?
- c) De que maneira esse conhecimento é posto em uso pelo indivíduo?
- d) Quais são as sustentações físicas presentes no cérebro/mente que esse conhecimento recebe?

Os questionamentos mencionados têm direcionado os teóricos, sobre o que pode haver em comum entre as línguas humanas e de que maneira elas poderiam diferir entre si,

³ Gramática Universal é uma teoria desenvolvida pelo Linguista Noam Chomsky, que sustenta que o conhecimento linguístico está constituído de princípios universais que são inatos, o qual facilita o aprendizado da língua materna.

contribuindo para que a corrente gerativista sofra, ao longo de décadas, transformações e reformulações de seus estudos.

3.4 Sociolinguística

O papel social nos estudos linguísticos advém de pesquisas relacionadas a uma área da Linguística que recebe o nome de Sociolinguística, com o foco de compreender o mecanismo da mudança linguística, no sentido de o quê muda e como acontece tal mudança; o que não era uma preocupação dos estruturalistas. Meillet (1948), nos primeiros anos do século XX, instaura uma concepção mais sociológica do falante e da língua e, mesmo sendo aluno de Saussure, concebe a linguística como uma ciência social. Esta ideia é compartilhada por Faraco (2005), quando afirma que a condição principal da mudança linguística é a realidade descontínua (heterogênea), das línguas, ou seja, a história dos homens não é linear nem homogênea, logo as sociedades são heterogêneas e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade linguística e condicionante da mudança”. No entanto, foi o pesquisador William Labov (pertencente à linha da sociolinguística variacionista), que mais se destacou, nos estudos referentes à língua e sociedade. Pesquisando comunidades de fala com foco no vernáculo (a fala com menor grau de monitoramento), Labov acreditava ser impossível estudar a língua sem considerar contextos situacionais, econômicos, históricos, culturais e demonstrou que as pressões sociais operam continuamente sobre a língua e que se deve, portanto, considerar a vida social da comunidade para poder entender como acontece, por exemplo, o desenvolvimento de uma mudança linguística (LABOV, 2008; ALKIMIN, 2001).

Os sociolinguistas estudam a variação sincrônica, em que buscam fatores estruturais e sociais que influenciam a escolha do falante entre uma forma linguística e outra. São exatamente esses fatores, que identificam o que fazem as mudanças acontecerem com o passar do tempo, ou seja, os estudiosos analisam os dados sincrônicos para se chegar aos dados diacrônicos, como por exemplo, a análise da diferença de fala de faixas etárias que contribui para uma diversidade linguística. Isto pode ser observado na pesquisa de Alkimin (2001), que cita os estudos de William Brigh (organizador do primeiro congresso referente à Sociolinguística) em que destaca que [...] o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística presenciada numa série de fatores: A identidade social do emissor ou falante (referente a classes sociais e diferenças entre falas femininas e masculinas), identidade social do receptor ou ouvinte (referente à fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês), o contexto social (referente aos estudos das diferenças entre forma e a função dos estilos formal e informal, que existe na maioria das línguas), o julgamento social distinto que os falantes fazem

do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, e as atitudes linguísticas (ALKIMIN, 2001). Como principais representantes da Sociolinguística podem-se mencionar: William Labov, Dell Hymes, John Fischer, José Pedro Rona e Einar Haugen.

3.5 Funcionalismo

Como visto anteriormente, Saussure foi aquele que por meio do seu objeto de estudo, que era a língua, revelou pesquisadores que compartilhavam, se opunham e até mesmo modificavam suas ideias relacionadas aos seus estudos dicotômicos. Dentro deste universo, o termo funcionalismo foi apresentado ainda na corrente estruturalista, por meio dos estudiosos do denominado Círculo Linguístico de Praga representados por Roman Jakobson, Nikolai Trubetzkoy e Vilém Mathesius. Este último, de acordo com Martelotta (2011), deu início às primeiras pesquisas referentes à linha funcionalista, denominado também de estruturalismo funcional, nos campos da sintaxe e fonologia. Segundo o autor, ainda que tenha sido manifestado nos estudos dos linguistas da Escola Linguística de Praga, o funcionalismo se constituiu de forma independente e assumiu uma posição de oposição às correntes gerativista e estruturalista. Os pesquisadores desta escola, que considera a língua como instrumento social, além de reconhecer as propriedades biológicas, psicológicas e cognitivas dos falantes, se assemelham ainda mais às teorias sociolinguísticas, por exemplo. Em Neves (2001), são apresentados alguns tipos de funcionalismo na visão de diferentes autores, bem como algumas críticas direcionadas a essa escola como: não constitui um modelo por não possuir parâmetros fixos, a língua pode não ser um espelho da mente, os sistemas linguísticos e comunicativos seriam módulos independentes, entre outras. Com base em Weedwood (2002), os funcionalistas são aqueles que se dedicarão aos aspectos pragmáticos do uso da língua e que a defenderão como uma atividade social, sujeita assim, à pressão da ideologia.

Linguística Histórica: Em se tratando da linguística histórica (que estuda o desenvolvimento histórico de uma língua), Faraco (1998), aborda dois grandes períodos que podem ser percebidos em 200 anos. O primeiro é de 1786 até a publicação do Manifesto dos Neogramáticos em 1878, e que acontece a formação e consolidação do método comparativo e o segundo que data de 1878 até hoje em que se percebe uma contínua tensão entre duas grandes linhas: a mais imanentista, continuadora do pensamento neogramático e caudatária do estruturalismo, e do gerativismo, que vê a mudança como um fato interno, condicionado por fatores da própria língua. Também a mais integrativa, fundada nos estudos da dialetologia e depois da sociolinguística esta linha entende que a mudança deve ser vista como articulada com o contexto social em que se inserem os falantes, isto é, como um evento condicionado por uma

conjunção de fatores internos (estruturais) e externos (sociais). Com isso, é válido dizer assim, a meu ver, que as teorias contemporâneas da mudança são a da variação e mudança laboviana, a gerativista e a funcionalista. A primeira, se centrava em fenômenos fônicos e morfofônicos, como a concordância e o movimento dos clíticos; a segunda, na sintaxe/morfossintaxe e a terceira na morfossintaxe.

Outras teorias: Depois do funcionalismo, muitas outras teorias têm surgido trazendo visões de ordem ideológica, social e pragmática, como os estudos das linhas da Linguística Textual, da Linguística Cognitiva, da Análise do Discurso, entre outras. A exemplo disto, podemos citar o Círculo de Bakhtin⁴, que trata de questões sociológicas, de poder e ideológicas referentes à língua, contrapondo a ideia de que a mesma seja um sistema autônomo, ou de que ela se resume a um conjunto de códigos. Para Bakhtin (1981), a língua está carregada de conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial e se transforma no momento da interação verbal entre os indivíduos de uma sociedade, colocando desta forma, o sujeito da linguagem, o locutor e sua relação com o interlocutor, no centro das discussões sobre a língua. Esta linha denominada interacionista, defende a ideia de um sujeito único, que possui na sua natureza uma necessidade de interagir com o outro, e promove esta interação por meio da linguagem. Desta forma, o surgimento de trabalhos voltados a questões que envolvem muito mais que a estrutura da língua tem se intensificado depois do estruturalismo até hoje e, por esta razão, é necessário considerar e estudar a língua em como ela é usada no cotidiano, em grupos diferentes, específicos e em contextos distintos. Tudo isto, conforma o que Bakhtin (1981) denomina ser o fenômeno social da interação verbal, em que milhares de fios dialógicos constituem a consciência ideológica resultando assim, na realidade fundamental da língua:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.

O Círculo de Bakhtin é a expressão utilizada às formulações e obras, produtos de reflexão de um grupo conformado por diferentes intelectuais que, além do pensador que dá nome ao grupo Mikhail Bakhtin, tinha a participação de V. N. Volochínov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937), defensores de pilares em que toda concepção de linguagem se ergue como: A interação verbal (primeiro pilar que constitui a “realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.127), o enunciado concreto, o signo ideológico e o dialogismo; visto que o Círculo entende que toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém; toda palavra "serve de expressão a um em relação ao outro" (2009, p.117), conforme consta em Molon (2012).

O processo de construção de sentidos, constituídos por vozes que dialogam em um contexto sócio histórico determinado, faz parte da interação verbal definida por Bakhtin como sendo a realidade fundamental da língua. Neste processo comunicativo, é válido pensar que cada indivíduo constrói e reconstrói sua própria identidade linguística e de outrem, constituídas por trajetórias linguísticas adquiridas em vários contextos sociais como: familiar, acadêmico, cultural, tecnológico, entre outros. Desta forma, novos conceitos vão sendo apresentados nos estudos mais contemporâneos referentes à língua como, por exemplo, a ideia de repertório ou ainda, patrimônios vivenciais, como apontam os estudos de Busch (2012); Megale e Liberali, (2020); Pennycook, (2017) ; Mazzafero, (2018) , García e Wei, (2014), Rocha (2015); Rocha e Megale (2021), tratam das questões de sentidos na prática comunicativa dos falantes que, imprimem suas identidades e vozes sociais que são caracterizados geralmente por gestos, formas de olhar, organização sincronizada entre línguas, linguagens ou modos, entre outros, que contribuem para compreender os enunciados numa dimensão mais ampla do conceito de língua e linguagem, observadas numa forma mais intrínseca.

Todos os estudos advindos das principais teorias até aqui apresentadas, tem consolidado a ciência da Linguística e contribuem para entender os muitos processos que envolvem o conceito de língua que parte de um ponto mais estrutural, em que a língua é a protagonista, para um ponto em que o sujeito, detentor de um repertório linguístico diversificadamente adquirido e constituído, é o centro das pesquisas. Desta forma, os estudos podem apresentar evoluções e mudanças que as constituem com características que vão de uma linha mais estrutural a uma mais social. E nestas evoluções e mudanças, as ações dos sujeitos sobre a língua ao longo de décadas, e em diferentes contextos históricos, têm influenciado para contextos de exclusão e somatória da língua. Tudo isto, é possível de refletir e analisar, por meio dos trabalhos de: Lander (2005), Maldonato (2017/2018), Quijano (2005), Dussel (2005), Carvalho (2001), Ballestrin (2013), Teixeira (2015), Alcântara (2017), entre outros; que tratam de refletir sobre o uso da língua como instrumento de dominação e poder, no que classificam: colonialidade do poder, do saber e do ser.

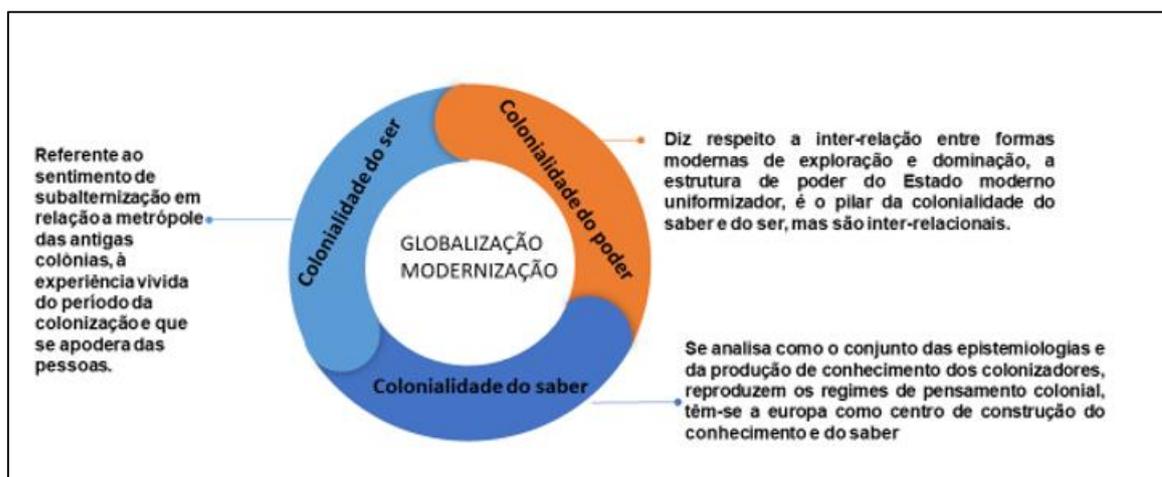
3.6 O processo de colonização e o caráter de exclusão e somatória da língua

De acordo com Torres (2007), Quijano (2007), o colonialismo corresponde a um período histórico em que tropas coloniais invadem o mundo, impondo sua forma de organização por meio de conquistas territoriais e da relação política e econômica com as colônias e seus colonizados, constituindo assim, povos e nações. A soberania dos colonos, imposta por meio de extração de recursos opressão e mortes, constituía um império que funcionava pela lógica

capitalista e, por meio do poder que exerciam, impunham e instituíram suas regras, consolidadas até os dias atuais. Esta consolidação, se deu mediante um processo de estabelecimento de um padrão de modernidade, civilização e desenvolvimento, deliberado pelo continente europeu, o que caracterizou como sendo o eurocentrismo. Desta forma, por meio do mercado capitalista e a ideia de raça principalmente, o continente europeu instituiu seus ideais de forma sutil, dinâmica e avassaladora em diversas esferas como: política, cultural, filosófica, econômica, entre outras, denominando assim, o que os pesquisadores consideram como sendo colonialismo moderno, mascarado pelos termos de globalização ou modernização. Emergido então do colonialismo moderno, o conceito de colonialidade/colonialidade padrão de poder é explicado por Maldonado-Torres (2007) e Castro-Gómez (2007) como um sistema de estrutura de dominação ou padrão de poder, que permanece enraizado em sociedades colonizadas e que, mesmo após o fim das relações coloniais, há uma continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa em relações dominantes, de poder, saber e ser, como expresso no diagrama abaixo e descrito por Mignolo (2017), como “o lado escuro da modernidade”.

A Figura 6, mostra um sistema cíclico em que os conceitos de colonialidade do ser, saber e poder se encontram intrínsecos, funcionando nas mais diferentes esferas da sociedade colonizada, sobre a aparente ideia da modernização/globalização, que pode ser pensado em vários níveis como: econômico, político, cultural, social, entre outros.

Figura 6 – Colonialidade: padrão de poder



Fonte: A autora

Nesse sistema, o eurocentrismo encontra formas de manipular, dominar, explorar e impor sua soberania, constituindo um império em escala mundial. Mignolo (2017) caracteriza

como “alguns nós histórico-estruturais”, os campos da sociedade em que essas formas estão presentes, como por exemplo, o campo da linguagem:

Uma hierarquia linguística, entre as línguas europeias e as línguas não europeias, privilegiava a comunicação e a produção do conhecimento teórico nas línguas europeias e subalternizava as línguas não europeias como apenas produtoras de folclore ou cultura, mas não de conhecimento/teoria.

Para o autor, a propagação do pensamento colonial é descrita na hierarquia constituída de língua ideal/europeias (produtoras de conhecimento/teoria) x línguas minoritárias/não europeias (produtoras de folclore). Desta forma, a homogeneização linguística se intensifica para se alcançar um ideal linguístico eurocêntrico, num exemplo de colonialidade do saber. Também o exemplo evidencia uma colonialidade do ser, visto que: aqueles que pertencem ao padrão de línguas minoritárias, tem que se abster de quem são de fato, para se enquadrarem ao ideal eurocêntrico imposto. Em tudo isto, fica evidente que o ideal linguístico eurocêntrico, não tão somente desqualifica as denominadas línguas minoritárias em relação às europeias evidenciando o caráter de exclusão de línguas, senão também, as pessoas que fazem parte do grupo. Porém, num movimento contrário, especificamente autores do continente latino americano, tem nos trabalhos contemporâneos a respeito da língua, contestado não somente a respeito da desqualificação das línguas classificadas como minoritárias, mas também do apagamento da diversidade cultural dos povos originários e das sociedades colonizadas. O grupo faz parte do denominado “giro descolonial”, conformado por autores como: Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Ramon Grosfoguel, Catherine Walsh, Nelson Maldonado Torres e Arturo Escobar (GÓMEZ; GROSGOFEL, 2007), que rebatem esses ideais eurocêntricos apresentando a realidade pluriétnica, pluricultural e plurilinguística mundial em suas pesquisas. Os autores defendem a produção própria dos saberes e conhecimentos dos povos colonizados e originários, não ignorando o que se pode ensinar e aprender entre os povos de todas as nações, assim como o estabelecimento próprio de formas de organização social, política e econômica, como no exemplo da Bolívia em relação à reformulação da sua constituinte de 2009, anteriormente mencionado, bem como do Equador em (2008), ambos denominados historicamente de Estados Plurinacionais⁵. Desta forma, ainda que o exemplo da hierarquia linguística apresente um padrão de subalternidade em que existe um sujeito

⁵ O Estado Plurinacional se constitui com base na luta dos povos originários em terem seus direitos reconhecidos, o que não vem acontecendo no atual conceito de Estado Nacional, dado ao fato de que as cidades e metrópoles são conformadas também por esses povos que foram ignorados, dizimados e oprimidos em mais de 500 anos pelo processo colonial em um sistema capitalista. O conceito busca ser adotado na tentativa de reparar os danos gerados por este processo, indo contra o pensamento de colonialidade que tem suas bases já estabelecidas nas sociedades colonizadas. (MAGALHÃES, 2008).

soberano, representado pelo intelectual europeu capaz de convencer que os conceitos forjados por ele, são válidos para todos (SPIVAK, 2010), haverá sempre uma realidade que se comportará como resistente a este ideal imposto. Neste sentido, as políticas que impõem uma homogeneização da língua, encontrarão dificuldade na heterogeneidade linguística das línguas denominadas como minoritárias, que apresentam uma característica de uma filosofia da libertação para uma emancipação do colonizado (DUSSEL, 2005). O surgimento de novos pesquisadores, que possuem um olhar diferenciado e crítico, voltado a esta filosofia da libertação, apresenta diferentes formações e origens étnicas que corroboram para produções de conhecimento que, além de renovarem os estudos linguísticos, reinterpretam fatos, mudam perspectivas capazes de romper com imaginários de pureza e hierarquização linguística (DEWULF, 2005). Nesta mesma visão, Pinto (2010), por exemplo, afirma que dentro dessa estrutura de colonidade do poder e saber, a língua tem sido assumida num ponto de vista universal, mas que o ponto principal é o lugar geopolítico e corpóreo-político do sujeito que fala, o que exigiria mudança nas maneiras convencionais do pensar sobre a língua, propondo a criação de espaços onde vozes diferentes possam falar. Quando Canagarajah (2013) e Pennycook (2017) defendem consecutivamente que a língua e linguagem são melhor conceptualizados se pensados como recursos móveis, heterogêneos e híbridos, além de serem “práticas sociais locais discursivamente orientadas, produtos de atividades sociais e culturais diversas”, as questões já citadas de pluriétnica, pluriculturalidade e plurilinguística contribuem para compreender melhor o conceito de língua. Mas anteriormente mencionado, o quechuañol é um exemplo de construção linguística local que abarca as questões citadas, assim como o portunhol, praticado principalmente em regiões de fronteira, como nas cidades de Pacaraima e Boa Vista e Santa Helena de Uairén. Estes exemplos de práticas linguísticas, ganham ainda mais importância porque possibilitam reflexões a respeito da língua como ação social, integradora de povos e culturas, por meio da construção e produção de saberes. Além disto, o foco no sujeito que produz sentidos a partir do uso de múltiplos recursos linguísticos e multisemióticos, constitui um sujeito com uma voz bilíngue unitária, fato este que desafia a lógica da colonialidade, que trata de fazer deste sujeito, aquele que deve priorizar uma língua em relação a outras, numa espécie de hierarquização linguística. Nos trabalhos de Baker (2001), Williams (1994), Wei (2020), Canagarajah (2011) e García (2016), a construção e produção de saberes por meio dessas práticas, possibilita ao sujeito a apropriação de novos recursos linguísticos que corroboram para a composição do seu próprio repertório linguístico, resultando em uma identidade linguística. O portunhol, por exemplo, pode ser considerado como resultante dessa construção e produção de saberes em que o sujeito se apropria de novos recursos

linguísticos, resultando em um repertório linguístico único e complexo. Em um estudo anterior (CLAROS, 2019), relacionado à temática do portunhol, e que tem resultado neste trabalho de pesquisa referente ao tema da translinguagem, constatou-se que a maior parte das pesquisas sobre o tema está concentrada em situações de fronteira. Nisto, duas áreas se destacam: as políticas educacionais (referentes a discussões sobre a necessidade de formalizar o ensino de uma segunda língua nas áreas fronteiriças, bem como implementar políticas que contribuam para o bom relacionamento entre as línguas de fronteira), e a como enquadrar ou denominar o portunhol no sentido de ser, por exemplo: língua, interlíngua ou dialeto. Visto que, havia uma falta de consenso por parte dos pesquisadores e suas pesquisas a respeito do enquadramento do portunhol, o estudo buscou primeiro realizar uma revisão bibliográfica contemplando a classificação do portunhol à luz de diferentes autores. Mediante isto, foi constatado que classificar o portunhol em alguma variante linguística tal como: língua, interlíngua e dialeto, depende do contexto ou situação social em que este é praticado, podendo ser em situações de: fronteira, de ensino/aprendizado e na escrita de obras literárias. Sendo assim, o trabalho de pesquisa buscou primeiro apresentar os conceitos de interlíngua, dialeto e língua, na visão de diferentes autores, bem como seu enquadramento nestas diferentes variantes, dentro dos contextos já mencionados de fronteira, ensino/aprendizado e escrita de obras literárias, apresentados a seguir.

3.7 Interlíngua

O termo interlíngua surgiu, em um período que os estudos na área da linguística eram feitos por meio de análises contrastivas entre as línguas, baseadas em duas correntes respectivamente denominadas de psicológica e linguística (CORDER, 1975). Na primeira, se defendia que cada língua é única e possui sua própria estrutura, na outra, estaria relacionada a analisar sobre as dificuldades encontradas nos processos de ensino aprendizagem, baseadas em hipóteses de que os “erros” são cometidos por interferência da Língua Materna (LM/L₁), no momento de aprender uma L₂ (segunda língua). Ou seja, a interlíngua é um sistema individual de códigos linguísticos, criado pelo falante que está aprendendo uma segunda língua (L₂) ou uma língua estrangeira (LE), na tentativa de se aproximar da língua alvo. A interlíngua, geralmente sofre interferência da língua materna (L₁), a qual constantemente transfere códigos à língua alvo. Essa interferência, vai acontecendo até o sujeito atingir um grau máximo de aprendizado, onde a transferência de códigos diminui. Damasceno (2017), afirma que segunda língua (L₂), é aquela que é aprendida no país onde ela é falada oficialmente, ou seja, o contexto será peça fundamental, já que o contato do sujeito com a língua acontecerá em diferentes

situações cotidianas e cita os programas de intercâmbio e a imigração como oportunidades de maior aprendizado. Já uma Língua Estrangeira (LE), é aprendida no país de origem do estudante, quem deverá buscar oportunidades para ter maior contato com a LE.

O linguista americano Larry Selinker (1972), foi quem por primeira vez constatou que, aqueles que estão aprendendo uma nova língua apresentam a construção de um sistema linguístico intermediário entre a L_1 e L_2 . Este mesmo sistema é defendido por Ellis (1997), como uma “gramática mental”, que está sujeita a sofrer influências de um meio externo, sendo passível de mudanças. Assim sendo, em todo momento, o sujeito que está aprendendo uma L_2 vai reconfigurando sua gramática mental, resultando num processo contínuo de transformação da língua. Selinker cita em seu trabalho, as “identificações interlinguais” de Weirinch (1953). Estas identificações, seriam por exemplo, quando ocorre um fonema em duas línguas, uma relação gramatical em duas línguas ou uma característica semântica em duas línguas em questões relacionadas aos casos de bilinguismo, que acontecem nos contatos linguísticos mencionados anteriormente. Selinker considera que estas questões, de ordem linguística e psicológica, são as que ele também denomina como identificações interlinguais, e destaca que Weirinch, não aprofunda em seus estudos. No entanto, é justamente esta estrutura psicológica, que Selinker acredita estar latente no cérebro dos indivíduos, ideia defendida também por Lenneberg (1967), denominada de linguística latente, que é ativada quando se tenta aprender um segundo idioma. As características principais desta estrutura linguística latente, é apresentada assim: (1) uma disposição pré-formulada no cérebro; (2) é a contrapartida psicológica do conceito de gramática universal; (3) é transformado pela criança em estrutura atualizada de uma gramática particular, em função de determinados estágios maturacionais. Ainda de acordo com Selinker, a estrutura latente não possui garantia de que a tentativa de aprendizado seja exitosa, ou que ela venha a ser ativada no cérebro do aprendiz, bem como não existe nenhuma ou muita chance de uma sobreposição entre a aquisição dessa estrutura linguística latente e outras estruturas intelectuais. Desta forma então, a estrutura psicológica latente, que é ativada toda vez que o aprendiz tenta formar uma sentença em L_2 , origina uma estrutura latente da linguagem, que seria a que gera o sistema de códigos chamado de interlíngua. Desta forma, a interlíngua é formada a partir de cinco processos: (1) transferência linguística, que acontece quando o aprendiz transfere códigos da língua materna na formação de sentenças (L_1); (2) hipergeneralização das regras da L_2 , que acontece quando o aprendiz assimila, por exemplo, uma regra gramatical da L_2 e assim pode aplicar tal regra em outras sentenças; (3) transferência de instrução, que acontece a partir de processos formais de instrução ou ensino; (4) estratégias de comunicação, por exemplo, quando o aprendiz busca contato com

falantes nativos da L₂; e (5) estratégias de aprendizagem, que ocorre quando o aprendiz busca material de estudo da L₂.

3.7.1 Fossilização

Um conceito importante associado ao de interlíngua é a fossilização. A fossilização se refere a itens, regras e subsistemas linguísticos mantidos de forma permanente na interlíngua do aprendiz (SELINKER, 1972). Assim, se os erros na interlíngua do aprendiz se tornam frequentes e ele, por diversos motivos, não os corrige para aprimorar o aprendizado da L₂, esses erros tenderão a ocorrer de forma permanente e estável para finalmente acontecer a fossilização.

Diversos fatores têm sido apontados como causas da fossilização. Entre eles está a idade do aprendiz que, conforme Larsen-Freeman e Long (1991), é “uma das explicações mais óbvias para a falta de sucesso de um adulto ao adquirir uma segunda língua”. Outras possíveis causas são (baseado em PERSEGONA 2005): (1) a falta de acesso à Gramática Universal, que ocorre devido a que um adulto não possuiria mais acesso a este recurso já que ele já aprendeu L₁ e por tanto não facilitaria o aprendizado de uma nova língua; (2) o filtro afetivo, se refere a que fatores como o estado emocional, a motivação e a necessidade do aprendiz, entre outros, interferem no aprendizado da L₂; (3) a transferência de parâmetros da L₁, se refere a que a principal barreira para o aprendizado da L₂ é a interferência ativa da L₁; e (4) a situação em que ocorre (formal ou informal) a aprendizagem de L₂.

3.8 Variação linguística e Dialeto

Coutinho (2011, p. 24), traz uma afirmação que reforça o papel social da língua quando diz que: “...língua é a linguagem particularmente usada por um povo”. De fato, em lugares onde muitas culturas e línguas coexistem, muitos processos linguísticos acontecem quando os sujeitos se apropriam e fazem uso da língua, de forma variada. É deste acontecimento que surge o conceito de variação linguística (que ocorre ao longo do tempo/diacrônica), defendida por autores como, Labov (2008) e Bagno (2013). Isto acontece porque a forma que falavam os nossos antepassados, é diferente das formas que falamos hoje, por exemplo, revelando que a língua sofre mudanças. A variação pode ocorrer também em cada época (variação sincrônica), dado ao fato de que questões como: aspectos geográficos, pragmáticos, sociais, pessoais, funcionais, entre outros, podem influenciar para que essas mudanças ocorram. A exemplo disto, como mencionado anteriormente, as línguas espanhol e português, sofreram e ainda têm sofrido, profundas variações, dado principalmente aos seus contatos linguísticos, gerado por

suas dispersões geográficas. Segundo Bagno (2013), o termo variação faz parte da própria natureza humana, que possui como característica, a heterogeneidade, podendo se manifestar desde o nível mais elevado e coletivo – o português falado em dois países diferentes Brasil/Angola, por exemplo – até o mais baixo e individual, quando se observa o modo de falar de uma pessoa. O autor ainda destaca que, além dos dois níveis extremos mencionados, a variação pode ainda ser observada em níveis como: grandes regiões, estados, regiões dentro dos estados, classes sociais, faixas etárias, níveis de renda, graus de escolarização, profissões, acesso às tecnologias de informação, usos escritos e usos falados. Todos estes contextos e funções diferentes resultam nas variedades linguísticas. A sociolinguística, neste sentido, apresenta um papel fundamental, porque como visto anteriormente, ela tem um olhar mais voltado justamente para esses usos e apropriações que o falante faz da língua, não lhe interessando as questões referentes à norma. Ou seja, não cabe à sociolinguística os pré-julgamentos e o preconceito, quando o que lhe interessa é, sobretudo, analisar os diferentes falares sem perspectiva de eleger qual a melhor. Assim, se ouvirmos um indivíduo pronunciar “tu”, ou “você”, saberemos que a forma de falar dele pode ser diferente da nossa, mas compreenderemos que, independentemente da forma, ele está se referindo à segunda pessoa do singular. Para entendimento terminológico, se compreenderá como mostrado na Figura 7.

Figura 7 – Diferenças entre variação/variável/variantes

VARIEDADE	VARIAÇÃO	VARIÁVEL	VARIANTE
<p>Definido de acordo com critérios geográficos, de ocupação, por exemplo, está relacionado às características de determinado grupo de falantes, dado a alguns critérios que podem ser de ocupação, geográficos, como por exemplo: a variedade linguística roraimense, a variedade linguística da engenharia, entre outras.</p>	<p>Alternância entre dois ou mais enunciados que possuem o mesmo significado referencial, no mesmo contexto e no mesmo período sincrônico. Por exemplo, no nível morfológico, a alternância das formas ‘tu’ e ‘você’ para o tratamento da 2ª pessoa singular. Labov (1978, p.7)</p>	<p>Compreendida como o conjunto das variantes que competem no processo de variação linguística numa dada categoria ou função da gramática da língua, em uma forma mais abstrata. Por exemplo, os pronomes ‘Tu’ e ‘Você’, se refere à expressão pronominal da segunda pessoa do singular, ou seja; corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação.. (LABOV, 1978).</p>	<p>Formas individuais que competem pela expressão da variável. Assim, as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘cê/ocê’, são variantes da variável a expressão pronominal de 2ª pessoa do discurso em singular. Estas formas individuais que ‘disputam’ em uma variável, se apresentam em: Variantes <i>padrão/de prestígio</i>: no caso ‘você’, ou ainda como; Variantes <i>estigmatizadas/inovadoras</i>: no caso ‘ocê’/’cê.</p>

Fonte: Adaptado de: PEREIRA, L. L.O. **¿Eres tú, sos vos o es usted? A escolha das formas de tratamento e os vínculos linguísticos-culturais identitários de aprendizes de espanhol/LE.** Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Como visto na Figura 10, a língua sofre muitas mudanças, que resultam num conjunto de variedades. Dentro destas variedades se encontra o termo dialeto, definido por autores sobre diferentes visões. Para Chambers (1994), por exemplo, é necessário considerar três aspectos: (1) linguagem rústica e de nível baixo, associado geralmente ao povo do campo, classe

trabalhadora e outros grupos considerados carentes de prestígio; (2) línguas que não têm tradição escrita como aquelas que se encontram nos lugares mais afastados do mundo; (3) linguagem praticada por aquelas classes que são consideradas como “fora dos padrões da norma” e que são julgadas como aberrações da linguagem. Conforme Bizzocchi (2006), dialeto vem do grego *diálektos*, composto de *diá* (através) e *léktos* (fala). Considerado como uma variante que não tem prestígio, o que se sabe historicamente, é que muitas línguas são oriundas de dialetos, resultando num produto de transição da língua. A exemplo disto, é possível citar as línguas espanhola e portuguesa, advindas do latim vulgar, praticado por uma população que apresentava as características acima mencionadas por Chambers, como afirma Marrone (2005). Considero, particularmente, a fala de Coutinho (2011, p.24), para definir dialeto: “...língua é a linguagem particularmente usada por um povo”, ou seja; os dialetos são exemplos, de quando o povo se “apropria” e faz uso da língua, podendo ser por meio da fala, da linguagem, por exemplo. Por esta razão, considero o olhar sociolinguístico em relação a considerar o termo “variedade” para definir dialeto, por apresentar uma conotação mais neutra e menos pejorativa, por considerar o dialeto, como um sinônimo de heterogeneidade linguística relacionado às várias formas de falar uma língua. Desta forma, considero ser o dialeto, assim como a língua padrão, norma culta (variedades privilegiadas), apenas mais uma que compõe o quadro de variedades linguísticas existentes na língua, concordando com o que afirma Corvalán (1989), a respeito do problema de se definir o termo dialeto:

El objeto de estudio de la dialectología son los diversos dialectos de una lengua. Esta afirmación hace necesario intentar, por tanto, una definición del concepto de dialecto, tarea no fácil dado que implica una cierta postura teórica que permita también definir otros conceptos relacionados, tales como lengua, estilo de lengua y nivel de lengua, entre otros. El problema de la definición se ha evitado en cierto modo en los estudios de sociolingüística con el uso del término sinónimo de variedad lingüística que, aunque tampoco ha sido rigurosamente definido, es en todo caso neutral en cuanto a que no tiene connotación peyorativa de “forma de inferior o rústica de hablar” que en el uso popular se asocia con el concepto de dialecto. Para el lingüista, sin embargo, éste es un término técnico que se refiere simplemente a una variedad de lengua compartida por una comunidad lingüística.

Justamente sobre a falta de uniformidade, devido às variedades linguísticas, as cartas de Cardoso (2010), trazem um estudo linguístico de áreas e localidades das regiões do Brasil, no campo da dialetologia (ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica; palavras da autora), e revela, por meio do espaço geográfico, as particularidades de cada terra no que tange: “...à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente, à

interferência de outras línguas, que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história”. A autora faz ainda uma observação, ao constatar que a língua revela “...os costumes e as características de seu povo”, confirmando dessa forma, que a língua não é somente um sistema linguístico, mas também um fator social, e apresenta os dialetos como variações num espaço social e espacial, já que os falantes estão distribuídos de forma diversificada nessas duas dimensões. O resultado disso é uma análise das variações: diageracional (relacionado à faixa etária dos falantes), diagenérica (referente ao gênero dos falantes), diastrática (relacionado ao estrato social, à camada social e cultural do indivíduo) e diafásica (referente ao estilo do falante). Cardoso afirma ainda que as distâncias: social, de tempo ou geográfica é que favorece o desenvolvimento de tais variedades; confirmando que o vasto espaço geográfico impossibilita a ideia de homogeneidade linguística pregada pelas normas impostas pelo poder político do país, favorecendo ainda mais as variedades linguísticas existentes.

Em síntese, os conceitos de interlíngua e dialeto dizem respeito respectivamente às práticas linguísticas dos sujeitos, sendo que a primeira está direcionada aos processos de ensino-aprendizado e a segunda a uma variedade da língua identificada por características singulares de pronúncia, de vocabulário e de gramática, podendo se tornar uma língua, mediante a oficialização do governo em nomeá-la como “língua oficial do país”. Ou seja, os conceitos de dialeto e língua, sempre estarão relacionados um com o outro (CHAREILLE, 2004; HAUGEN, 2001).

3.9 Portunhol

Ao falar de contato linguístico, citei López (2011), que mencionava sobre a colonização como um dos fatores que contribuiu para que línguas coexistissem. O portunhol é uma destas línguas, que tem se expandido consideravelmente no mundo, porque é por ela que os sujeitos se comunicam e se integram. Como o portunhol, muitas outras línguas, consideradas variantes estigmatizadas, podem ser encontradas pelo mundo, como é o caso do *spanGLISH*, por exemplo, que advém do contato entre o espanhol e o inglês, e que se misturam também com outras línguas, incluindo o português (LIPSKI, 2003, 2008; ANZALDÚA, 1987). Possivelmente porque uma das qualidades que penso que a língua tem, é a de possibilitar que o falante se situe, trazendo um sentimento de pertencimento, de um território cultural, mesmo não estando em seu território de origem. Especificamente aqui no Brasil, pode-se observar variedades do portunhol, possivelmente devido às variações. Por exemplo, o portunhol do norte do país, não deve ser igual ao portunhol que se localiza na região sul, já que, a constituição das

línguas pode ser diferente. As pesquisas mais robustas a respeito do portunhol no Brasil, se concentram mais na região sul, e apresentam denominações diferentes, como pode-se se observar no Quadro 4.

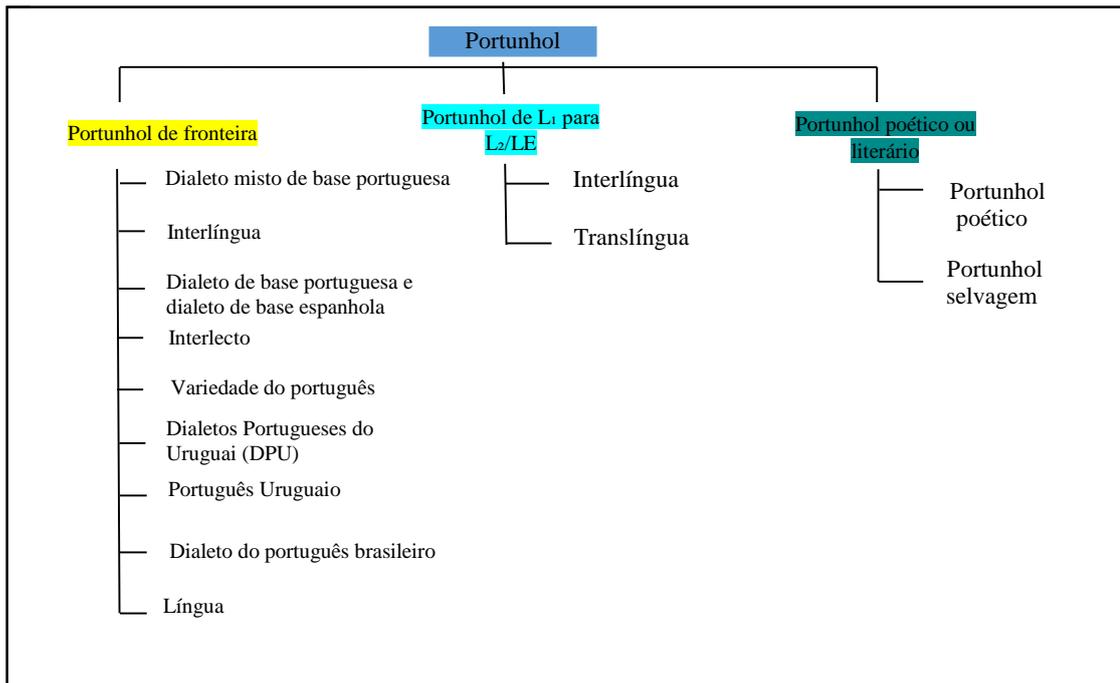
Quadro 4 – Denominação do portunhol por diferentes autores, especificamente na fronteira sul do Brasil

AUTOR	DENOMINAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Rona (1963)	Dialeto fronteiriço misto	Mistura do português falado na fronteira do Rio Grande do Sul com o espanhol. Conforme Rona (1963) este dialeto aparentemente tem base portuguesa.
Rona (1965)	Fronteiriço (<i>fronterizo</i>)	O fronteiriço é resultado da interação do português com o espanhol, sendo que pode ser dividido em dois tipos: fronteiriço de base portuguesa e fronteiriço de base espanhola.
Hensey (1980)	Interlíngua	O fronteiriço não é nem espanhol nem português, nem formas misturadas ou truncadas dos mesmos, senão uma interlíngua capaz de evoluir em direção a uma das duas línguas.
Hensey (1980)	Interlecto	O aprendizado do espanhol faz parte do desenvolvimento da criança fronteiriça cuja língua materna é o português; assim o espanhol é usado como segunda língua, com empréstimos de português, resultando no dialeto fronteiriço.
Hensey (1982)	Variedade do português	O dialeto fronteiriço possui empréstimos do espanhol que se devem ao entorno formal acadêmico onde o espanhol é a língua de instrução. Aspectos fonológicos e de morfossintaxe do fronteiriço também são do português.
Elizaincín, Behares e Barrios (1987)	Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU)	Formas mistas ou dialetos bilíngues de base portuguesa, resultantes do contato entre português e espanhol; praticado em situações informais e contextos familiares pela classe baixa.
Carvalho (1997; 2003)	- Português Uruguaio - Variedade do português brasileiro	Na fronteira se fala duas variantes do português brasileiro, que podem ser nomeadas de <i>português uruguaio</i> . Na zona rural se fala um dialeto de base portuguesa e nas zonas urbanas se fala uma variedade do português brasileiro urbano.
Lipski (2006)	Dialeto do português brasileiro	O portunhol do norte de Uruguai (<i>fronterizo</i>) é essencialmente um dialeto do português rural do Sul do Brasil, com uma pesada mistura de itens lexicais do espanhol e alguma transferência parcial de combinações gramaticais similares mas não idênticas.
Waltemire (2012)	Dialeto do português brasileiro	O portunhol não é língua nem interlíngua, mas um dialeto do português brasileiro. Na fronteira (Rivera) existem dialetos bilíngues em lugar de uma terceira língua.
Mota (2012)	Língua	O portunhol “é uma das línguas constitutivas dos sujeitos que compõem a sociedade que habita a fronteira uruguaio-brasileira [...]. Como uma língua não gramatizada, historicamente, o portunhol que circula na fronteira uruguaio-brasileira circunscreve-se mais amplamente ao domínio da oralidade na sociedade fronteiriça [...]”. (MOTA, 2012, p. 130-131)
Sturza e Tatsch (2016)	Língua	“A língua de fronteira, sendo ela designada de Portunhol ou não, é antes de tudo considerá-la [sic] uma língua que tem sentido para os sujeitos inscritos numa comunidade na qual estar entre uma língua e outra é constitutivo da sua relação identitária”. (STURZA e TATSCH, 2016, p. 96)
Morales (2016)	Interlíngua	O portunhol sofre interferência constante do português ou espanhol, dependendo da língua mãe de cada falante. Essa interferência se traduz em erros de linguagem que os falantes tentam corrigir constantemente. A oscilação entre português e espanhol depende da competência linguística de cada falante.
Pacheco (2017)	Variedade do português brasileiro	O português uruguaio tem aspectos em comum tanto com o português brasileiro gaúcho da fronteira, como com o português brasileiro de modo geral. O português uruguaio e o português brasileiro dialogam entre si, de forma que há uma continuidade dialetal entre eles.

Fonte: CLAROS, A. M. A. **Portunhol: uma classificação baseada na literatura**. 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em português-espanhol, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2019.

O Quadro 4 mostra os diferentes termos usados pelos autores em diferentes épocas, destacando incongruência na definição do conceito portunhol. Também se comprova que a maioria dos autores pesquisados, tratam o portunhol de fronteira como dialeto ou variedade do português e poucos são os que o mencionam como língua, como se pode observar na Figura 8.

Figura 8 – Classificação do portunhol



Fonte: CLAROS, A. M. A. **Portunhol: uma classificação baseada na literatura**. 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em português-espanhol, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2019.

De modo geral, o portunhol na fronteira recebeu várias denominações ao longo do tempo. Segundo o trabalho de pesquisa de Claros (2019) o mais aceito que se observa, é tratar o portunhol como dialeto ou variedade do português brasileiro, no entanto, há autores que o enquadram como língua ou interlândia. O portunhol de L₁ para L₂/LE se refere a situações de aprendizado de uma segunda língua ou língua estrangeira, o qual não necessariamente acontece na fronteira. Os estudos pesquisados nesse sentido, apontam para enquadrar o portunhol como interlândia ou translândia. O portunhol poético ou literário é encontrado principalmente em obras literárias. O portunhol poético tem os mesmos moldes que o portunhol de fronteira. Já o portunhol selvagem, além de usar português e espanhol, também utiliza guarani, porém, pode ainda incluir inglês, francês e italiano, entre outras, conforme o estilo do autor.

Conforme a classificação mostrada na Figura 8, na sequência serão apresentados conceitos sobre portunhol de fronteira, portunhol de L_1 para L_2/LE e portunhol poético ou literário, na visão dos autores mencionados.

3.9.1 *Portunhol de fronteira*

De acordo com Chasteen (2003) e Souza e Prado (2004), em meados do século XIX uma parte importante das cidades do Norte do Uruguai estava composta por propriedades rurais pertencentes a brasileiros que faziam parte da elite da fronteira do Rio Grande do Sul. Assim, por causa da presença massiva de brasileiros, a língua mais falada no norte do Uruguai era o português. Isto preocupou às autoridades políticas e intelectuais de Montevideo, o que mais tarde levou a instaurar uma lei, que formalizava a educação primária em língua espanhola em todo o país. A entrada do espanhol na educação formal na região Norte do Uruguai, com maioria de lusofalantes, deu lugar a uma sociedade bilíngue, juntamente com o surgimento de uma nova variedade linguística: o portunhol. Por causa do conflito entre as duas línguas e os usos dados a cada uma delas, a sociedade fronteiriça do norte do Uruguai tem sido caracterizada como diglósica (URUGUAY, 2013), sendo o espanhol a variedade alta e o portunhol a variedade baixa. Dessa forma, como explica a pesquisadora Ana Maria Carvalho (GLOBO, 2015), o portunhol é usado em casa, na rua e no bairro; já o espanhol é usado nas instituições públicas, por exemplo, no banco.

As pesquisas acadêmicas sobre o portunhol fronteiriço do Norte de Uruguai e sua adequada classificação, remontam à inícios da década de 60, com os estudos de Rona (1963) sobre a variedade do português falado na fronteira Brasil - Uruguai. Nesses estudos, o falar fronteiriço é colocado primeiramente como dialeto fronteiriço misto de base portuguesa, o qual mistura português falado no Rio Grande do Sul com espanhol falado no Uruguai. Posteriormente, Rona (1965) dividiu as práticas linguísticas da fronteira em falantes de português, falantes de espanhol e falantes de fronteiriço (*fronterizo*). O fronteiriço foi dividido pelo mesmo pesquisador em fronteiriço de base portuguesa (*fronterizo portugués*), e fronteiriço de base espanhola (*fronterizo castellano*). O primeiro, tem o português como base e é influenciado pelo espanhol; já o segundo, tem o espanhol como base e é influenciado pelo português.

No entanto, conforme Thun, Forte e Elizaincín (1989), estudos posteriores aos de Rona não confirmam a separação de dialetos sugerida por este autor, entretanto, verificou-se indícios de uma variação diatópica e diastrática do português (diversidade linguística regional ou geográfica e de um grupo social para outro, respectivamente). Assim, somente poderia se

afirmar com certeza que no Norte de Uruguai se fala variedades do português, descartando a possibilidade de um dialeto de base espanhola.

Os estudos de Hensey (1969), são considerados os primeiros no âmbito da sociolinguística, abrindo assim espaço para o estudo da fala da fronteira, também desde o ponto de vista das práticas sociais. Segundo esse autor, a variedade linguística da fronteira não pode ser simplesmente classificada como uma variante do português ou do espanhol ou como uma variante mista independente, mas que deveria se considerar a possibilidade de tratá-la como interlíngua ou interlecto (HENSEY, 1980). No primeiro caso, o falar fronteiriço seria uma interlíngua visando evoluir do espanhol para o português como língua alvo ou vice-versa. No segundo caso, o falar da fronteira poderia ser visto como “uma fase do desenvolvimento linguístico da criança fronteiriça” (HENSEY, 1980, p. 59), ou seja; os fronteiriços que tiverem o português como língua materna, aprendem a falar espanhol na escola e assim o usam como segunda língua, com isto, o dialeto regional poderia ser chamado de interlecto. No entanto, em um estudo publicado posteriormente pelo mesmo autor (HENSEY, 1982), depois de uma análise lexical, fonológica, gramatical e morfossintática, conclui que a caracterização do fronteiriço como variedade do português é inquestionável. Nessa pesquisa, Hensey mostra, dentre outros aspectos, que o dialeto fronteiriço possui empréstimos do espanhol que o pesquisador atribui ao entorno formal acadêmico onde o espanhol é a língua de instrução. Também mostra que aspectos fonológicos e de morfossintaxe do fronteiriço são do português.

Os autores Elizaincín, Behares e Barrios (1987), apresentam um estudo em que mostram a fronteira como uma sociedade bilíngue e diglósica, na qual os habitantes da cidade usam alternadamente um dialeto do espanhol (falado em contextos formais e em contextos familiares de classe média e alta) e um dialeto do português falado no Uruguai, usado em situações informais e contextos familiares da classe baixa. Assim, na cidade ocorre o que os autores denominam de bidialetismo. Já os habitantes das periferias e das zonas rurais são monolíngues, e falam um dialeto misto, resultado do contato entre o português e espanhol. Os autores agrupam os dialetos falados na fronteira sob o nome de Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU). Conforme os autores, o termo plural “dialetos” se refere a que na fronteira, não acontece uma situação linguística uniforme, mas variável. Já o termo “portugueses”, se refere a que os dialetos possuem como denominador comum, a base portuguesa.

As pesquisas de Carvalho (1998), designam por primeira vez aos dialetos portugueses falados na fronteira como português uruguaio, designados como variedades do português brasileiro. Para a autora, o português falado pelos habitantes bilíngues das zonas urbanas da fronteira, é uma variedade do português brasileiro urbano e não um dialeto do português do

Uruguai, como sustentavam Elizaincín, Behares e Barrios (1987). Já o dialeto praticado pelos habitantes monolíngues das zonas periféricas e rurais corresponde, para a pesquisadora, ao fronteiriço de base portuguesa relatado por Rona (1965). Sendo assim, a investigadora afirma que na fronteira, se falam duas variantes do português brasileiro. A autora ainda sustenta (Carvalho, 2003) que o português uruguaio é um continuum entre o português culto das zonas urbanas e o português não culto das zonas rurais, e que este último, por causa da urbanização, sofre mudanças em direção às formas mais cultas do português, que são mais prestigiadas nas zonas urbanas. Foi a partir dos estudos de Carvalho que houve um real reconhecimento de que no Norte do Uruguai se fala uma variedade legítima do português, promovendo políticas educacionais e linguísticas, como o ensino bilíngue nas escolas fronteiriças.

Segundo o estudo de Lipski (2006), o autor admite que o dialeto falado na fronteira contém configurações entrelaçadas que sugerem uma hibridização, em lugar de simples transferência bilíngue. Isto justificaria, designações tais como *fronterizo*, o qual sugere uma “terceira língua”. No entanto, apesar disso, o autor sustenta que o português falado no Norte do Uruguai é essencialmente um dialeto do português falado na zona rural do Sul do Brasil, com uma pesada mistura de itens lexicais do espanhol e alguma transferência parcial de combinações gramaticais similares, mas não idênticas. A visão de Lipski, também é confirmada por Waltemire (2012), que fez um estudo na cidade fronteiriça de Rivera, no Norte do Uruguai. Waltemire conclui, que o *portunhol* de Rivera não é uma nova língua nem uma interlíngua, mas sim um dialeto do português brasileiro. O autor confirma o bilinguismo existente em Rivera e por isso, as situações da fronteira deveriam ser tratadas como dialetos bilíngues e não como uma nova língua. O autor também sugere que não existe uma diglossia entre o espanhol e o português, já que seu estudo comprova que o espanhol ou português é falado conforme os interlocutores e não conforme os estratos sociais. Assim, ele comprova que o espanhol é tão usado quanto o português em situações familiares, por exemplo, dependendo dos interlocutores, assim como o português é usado, por exemplo, em situações informais de trabalho. Isto contraria estudos anteriores que indicam que o português é preferido em casa e o espanhol em situações formais e de trabalho.

Outros autores como Mota (2010, 2012), assim como Sturza e Tatsch (2016), sugerem que o *portunhol* poderia ser considerado uma língua. Nesse sentido, Mota argumenta que a zona de fronteira, por ter características próprias de intercâmbio entre os países, pode ser pensada em termos de um “novo território”, ao que denomina de território fronteiriço. O *portunhol* seria uma das línguas que compõem esse território. Essa língua, por não ser gramatizada, se manifesta mais na oralidade da sociedade fronteiriça. Sturza e Tatsch (2016) afirmam que o

portunhol é uma língua, apoiando-se na sociolinguística aplicada às línguas de contato. As autoras sustentam sua colocação baseadas na afirmativa de Appel e Muysken (1996), de que em situações sociolinguísticas de línguas de contato, pode haver alternância de estilo, câmbio linguístico e escolha do repertório linguístico, entre outros. Assim, para os habitantes da fronteira, o portunhol é a língua escolhida por eles para se expressar e assim, afirmar uma identidade fronteiriça, realizando uma escolha política, que busca produzir efeitos de sentido por meio da relação com o interlocutor, seja ele um falante de espanhol, um falante de português ou um falante de Portunhol/língua de fronteira (STURZA e TATSCH, 2016).

Sustentado pela linha de pensamento de autores como Waltemire e Carvalho, entre outros, o trabalho de Pacheco (2017) também confirma que o português uruguaio é uma variedade do português brasileiro. Em seu estudo, Pacheco mostra que o português uruguaio tem aspectos em comum tanto com o português brasileiro gaúcho da fronteira, como com o português brasileiro de modo geral. Assim, “o português uruguaio e o português brasileiro dialogam entre si e são semelhantes em vários aspectos linguísticos” (PACHECO, 2017, p.24). Dessa forma a pesquisadora conclui que há uma continuidade (continuum) dialetal entre o português uruguaio e o português brasileiro, tal como previsto por Carvalho (2003). O portunhol é único, diferente, com características que não se enquadram a uma norma padrão, mas que é constituído historicamente, socialmente por uma cultura de fronteira. No Quadro 4, Motta (2012) e Sturza e Tatsch (2017), afirmam que o portunhol se consolida historicamente na oralidade do povo da fronteira e também se consolida de forma identitária. Importante destacar, o conceito de identidade abordado nos estudos de Hall (2000), quando este argumenta que ela não é produzida de forma natural ou transcendental, mas é produzida pelas pessoas, sendo, portanto, uma criação social e cultural, que acontece por meio da interação, da linguagem, tornando-se única.

Tratar o portunhol como língua, também é reforçado por Celada (2002), que sustenta que esta variante se constitui em uma “língua espontânea”, já que ao ser o espanhol parecido com o português, faz com que o falante de português, pense que o espanhol é uma língua fácil, dando uma “ilusão” de competência, tornando assim sua fala espontânea, por isso o termo “língua espontânea”. Este termo, também poderia ser aplicado ao caso da fronteira, já que, como foi visto, a língua predominante nessa região inicialmente era o português, depois, por causa da introdução da educação formal em espanhol nas escolas, os falantes de português tiveram mais contato com o espanhol, resultando na língua espontânea do portunhol.

3.9.2 *Portunhol de L₁ para L₂/LE*

É importante ressaltar que o portunhol falado pelos habitantes bilíngues da fronteira (português uruguaio), é diferente do portunhol falado circunstancialmente por falantes monolíngues, os quais tentam se comunicar, por exemplo, em situações comerciais de fronteira, ou em situações de turismo em que pessoas falantes de português, tentam se comunicar em espanhol, ou vice-versa. Esses falantes monolíngues, também podem estar em processo (formal ou informal) de aquisição de uma segunda língua. Como explicado anteriormente, a segunda língua (L₂) é aquela que é aprendida no país onde ela é falada oficialmente, desta forma, esses casos, incluindo o portunhol circunstancial de fronteira, serão tratados como aquisição de L₂. Na fronteira bilíngue a situação é diferente, já que as línguas estão em contato de forma permanente, o que não acontece no caso de aquisição de uma L₂ (a não ser que o aprendiz fique de forma permanente no país onde a língua é falada oficialmente), ou aprendizado de uma LE.

Para Pacheco (2017), há diferença entre o portunhol e o português uruguaio, já que o primeiro se constitui em uma comunicação momentânea, e o segundo é uma variedade linguística praticada como língua materna pelos uruguaios da fronteira. A este respeito, Pacheco (2017) sustenta:

Na fronteira Brasil-Uruguaí, especialmente em Aceguá, a maioria dos falantes uruguaios são bilíngues. Por isso, do ponto de vista linguístico e científico, não se pode confundir o portunhol com o português da fronteira, porque o português falado no Uruguaí, especificamente em Aceguá, é língua materna e existe há mais de três séculos, pois se trata de comunidades bilíngues que falam o português e o espanhol, uma vez que o contato linguístico é estável. No caso do portunhol, seria uma tentativa de monolíngues de se comunicarem, especialmente em situações comerciais na fronteira.

Assim, o portunhol a que Pacheco (2017) se refere, tem a ver com aprendizado ou aquisição de L₂, já que em situações comerciais de fronteira, por exemplo; o falante ao tentar se comunicar em outra língua, já se insere no contexto de aprendizado no país onde a língua alvo é falada oficialmente.

Seguindo a teoria de Selinker (1972), no aprendizado de uma segunda língua (L₂ ou LE) acontece o fenômeno da interlíngua, que é um sistema intermediário entre L₁ e L₂/LE. Levando em conta que o portunhol falado momentaneamente ou descontinuamente na fronteira, como tentativa de comunicação, é uma forma de aprendizado de outra língua, pode-se considerar que nesse processo também há manifestação do sistema intermediário proposto por Selinker (1972). Da mesma forma, em situações formais de aprendizado de LE a interlíngua também faz parte do processo de ensino-aprendizado. Assim, pode-se dizer que o portunhol falado nesses contextos é a manifestação oral da interlíngua.

Os estudos sobre interlândia relacionada ao portunhol na aprendizagem estão concentrados na aquisição de LE. Não foram achados estudos específicos de portunhol no contexto de aprendizado de L₂ na fronteira, a não ser os estudos relacionados na seção de Portunhol de Fronteira anteriormente citados, em que alguns autores o consideram como uma interlândia. Dessa forma, a seguir será exposto somente estudos relacionados à aquisição de LE. No entanto, será considerado que os princípios interlinguísticos que regem o aprendizado de LE são aplicáveis ao aprendizado de L₂.

Segundo Carmolina (1997) e Boésio (2001), a proximidade entre o português e o espanhol facilita a aquisição de algum deles como LE, mas somente no início do aprendizado. Em níveis mais avançados, conforme esses autores, a proximidade entre as duas línguas dificulta o melhor aprendizado. É que em um nível avançado, por exigir mais acurácia por parte do aprendiz, há mais risco de errar usando algum termo parecido nas duas línguas, mas com uso diferente. Por exemplo, o termo *sino* em espanhol é o equivalente ao *senão* em português, no entanto nem sempre possui os mesmos usos. Em alguns casos o “*sino*” usado no espanhol deverá ser substituído pela expressão, “*mas sim*” em português, caso contrário, a frase resultante não terá muito sentido no português. Outro exemplo similar, é o uso do *apenas* em português, que nem sempre será usado da mesma forma no espanhol. Esse tipo de erros acontece tanto do espanhol para português, quanto do português para espanhol. Estes exemplos, corroboram à manifestação do sistema intermediário (interlândia) quando do aprendizado de LE, resultando, no caso do espanhol e do português, em portunhol, mesmo em níveis mais avançados do conhecimento da língua alvo.

Conforme Poza e Melo (2018), a interferência do português no aprendizado do espanhol (o qual poderia ser aplicado também no aprendizado do português) na interlândia resultante, acontece mais em marcadores de caráter conversacional espontâneo, do que em marcadores de caráter sintático. Ou seja, o falante experimenta interferência mais em questões de caráter conversacional, por se sentir mais “livre” e espontâneo, o qual não acontece com os aspectos sintáticos da fala, que possuem uma estrutura mais lógica.

3.10 Interlândia/translândia e portunhol

Ao tratar sobre o bilinguismo, foram apresentadas anteriormente algumas das principais características intrínsecas ao conceito, como a habilidade que o falante tem de gerenciar duas ou mais línguas. Isto corroborou para que muitos outros conceitos, por meio de métodos e estudos, surgissem no campo do ensino aprendizado. Um destes métodos tem resultado, no que denomina ser hoje a translíngua, que tem como principal representante a pesquisadora

Ofélia García (2017), que veremos mais adiante quando será discutida a temática. O termo conhecido como *trawsieithu*, que tinha como finalidade desenvolver o bilinguismo dos alunos, traduzido para o inglês como *translanguaging*, trata sobre o uso da linguagem dos falantes bilíngues no seu cotidiano e de quê forma estes utilizam suas línguas, para se comunicarem em situações distintas. A situação apresentada é tratada pelos autores da temática como sendo repertório linguístico, que apresenta a ideia de que no cérebro do falante bilíngue, não há a divisão de sistemas linguísticos, tendo em vista que há um só repertório linguístico, em que os falantes selecionam recursos de linguagens (sons, palavras, expressões, questões de semiótica), que lhes é próprio, para se ajustarem a situações comunicativas, constituindo-se um ato de performance, denominado como translinguajar. Aliás, o prefixo “trans”, neste sentido, estaria justamente relacionado a que existem usos na linguagem que não se podem classificar sendo de uma língua ou de outra, neste caso, reforça a ideia da autora quando diz que o falante bilíngue é que tem o protagonismo nas práticas, ou seja, os elementos de mais de uma língua estão presentes no “translinguajar” dos falantes (MOZZILLO; PUPP, 2020; VOGEL; GARCÍA, 2017; KLEYN; GARCÍA, 2019; LEWIS; JONES; BAKER, 2012). A origem tanto da interlíngua, quanto da translíngua provém do contato linguístico. No entanto, o que causa certa confusão, são as correntes teóricas às quais cada uma está vinculada, não sendo concorrentes entre si. Seus objetivos, na verdade são diferentes, enquanto que a interlíngua busca descrever, observar interferências linguísticas e desvendar processamentos cognitivos, a translíngua tem por objetivo a conscientização para uma mudança de paradigma, no sentido de valorizar o aprendiz, que possui um repertório linguístico único, e conseqüentemente faz parte das minorias linguísticas. No Quadro 5, são apresentados alguns pontos a serem considerados nos estudos a respeito da interlíngua e da translíngua.

Quadro 5 – Características da interlíngua e translíngua

INTERLÍNGUA	TRANSLÍNGUA
<ul style="list-style-type: none"> - Tem como objetivo descrever, observar interferências linguísticas, desvendar processamentos cognitivos por meio do que considera como base, a gramática gerativista. - Está, portanto, intrinsecamente ligada à aprendizagem e às habilidades do indivíduo; considerando assim, as línguas como sistemas distintos, em que se busca explicar fenômenos relacionados à aprendizagem da língua, nas variedades encontradas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvida no âmbito da Linguística Aplicada (LA), que trata de estudar as questões de linguagem colocadas na prática social, objetiva a conscientização para uma mudança de paradigma, buscando valorizar o aprendiz, detentor do chamado repertório linguístico, buscando retirar o foco da língua como produto para pensar a língua como ação social - Considera, portanto, as práticas linguísticas situacionais e a relação dos falantes com os contextos. - Considerar a dinamicidade, multiculturalidade que os novos tempos impõe e que interfere no conceito de pureza linguística, caracteriza o viés político da translíngua que discute questões relacionadas as práticas linguísticas/colonização/globalização, num sentido de liberação de vozes que estão silenciadas, principalmente em sala de aula. - Permite olhar a língua padrão como uma variedade a mais a ser ensinada, e não como a única a ser seguida.

Fonte: A autora

Para definir se o portunhol se enquadraria em conceitos de língua ou translíngua, destaco Flory (2009), que apresenta definições a respeito do bilinguismo, caracterizando-o como sendo de comportamento linguístico psicológico e sócio-cultural complexo e com aspectos multidimensionais. Também são apresentadas 4 dimensões em que se pode considerar um sujeito bilíngue: a linguística, a cognitiva, a desenvolvimental e a social e explica que dado a isto, o levantamento de diferentes hipóteses possibilita novas pesquisas, nos campos de observação específicos. Mediante isto, cito dois tipos de bilinguismos, referenciados no Quadro 3 sobre os tipos de bilinguismo, e mencionados pela autora, que são: o Bilinguismo Aditivo (a segunda língua é adquirida sem perda de proficiência na primeira, ou seja, as duas línguas aprendidas pelo bilíngue, devem ser valorizadas na sociedade que ele reside), e o Bilinguismo Subtrativo/ Aculturação (aquele no qual a segunda língua é adquirida às custas da primeira, ou seja, ao adquirir uma segunda língua, perde-se a proficiência na primeira). Analisando os conceitos de interlíngua e translíngua, com o portunhol, pode-se dizer que este é uma translíngua, tendo em vista que cada falante faz uso completo do repertório linguístico que o conforma, sem se preocupar em vigiar as fronteiras sócio-políticas que o distinguem entre as línguas numeradas e nomeadas que ele conhece. Pode ser assinalado interlíngua, desde que, considerando o meio em que as línguas são hierarquizadas, nos atentemos para o bilinguismo de subtração/aculturação, assumindo uma postura em que se busque ensinar de forma mais contextualizada e menos hierarquizada, refletindo sobre o fato de não considerar o “outro” como “inferiorizado”, “estigmatizado”, “minoritarizado”. Num sentido de sistema linguístico, o portunhol já não poderia ser enquadrado como interlíngua. É neste sentido, que a translíngua rompe com paradigmas, quando possibilita pensar que não é preciso ser bilíngue para ser translíngue, pois, posso ser translíngue na minha própria língua. Desta forma, o portunhol no processo de aprendizado como translíngua e interlíngua, tem o papel de serem aliados, auxiliando na comunicação das línguas em contato, seja em questões identitárias, culturais, sociais e estruturais que envolvem as línguas, importantes também para as análises que serão discutidas mais adiante, neste trabalho.

3.10.1 *Portunhol poético ou literário*

Conforme vários autores (entre eles, LIMÃO, 2015; CRINÒ, 2016; e ATTI, 2013), o portunhol na literatura surgiu com a publicação da obra *Mar paraguay* do escritor brasileiro Wilson Bueno (1992), a qual seria a primeira obra literária escrita totalmente em portunhol. O poeta argentino Perlongher (1992) descreve o portunhol presente nessa obra da seguinte forma:

Há entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável...Não há lei: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática.

Esse trecho faz parte da Introdução à *Mar parauayo* e, dessa forma, apresenta ao leitor a “língua” com a qual essa obra seria escrita. O portunhol de *Mar paraguay* consiste basicamente na mistura de português e espanhol, fazendo também alguns empréstimos do guarani. Depois de *Mar paraguay*, o escritor Wilson Bueno também escreveu outras obras embora não usando inteiramente o portunhol. Como cita Souza (2015), Wilson Bueno possuía um *caráter múltiplo de linguagem*, resultando assim em temas e estilos variados. Ao fazer empréstimos do guarani, o portunhol de *Mar paraguay* poderia ser classificado, como será visto mais adiante, em *portunhol selvagem*.

Outro autor literário de destaque que possui obras escritas em portunhol é o escritor uruguaio Fabián Severo. Este autor faz parte de um grupo de escritores, poetas e músicos que apresentam obras em portunhol, inseridos no contexto da fronteira Brasil - Uruguai. Assim, a “língua” que esses autores usam nas suas obras é inteiramente composta pelo portunhol de fronteira discutido anteriormente na seção de Portunhol de fronteira. Isto representa uma diferença em comparação ao portunhol presente em *Mar paraguaio*, que, por possuir termos em guarani, se insere no contexto do portunhol da tríplice fronteira (Brasil – Argentina – Paraguai). Conforme Crinó (2016), a poesia de Fabián Severo é fronteiriça no fundo e na forma, já que as personagens, os temas e os cenários apresentados nas suas obras só adquirem significado se escritos em portunhol. Para Crinó (2016), não há uma única versão escrita do portunhol, já que os autores fronteiriços o utilizam segundo o efeito poético pretendido nas suas obras, assim tais autores se constituem em “criadores de palavras”, empregando a mistura de português e espanhol conforme o resultado poético desejado.

Conforme explica Abrantes (2018), o portunhol presente em obras literárias na fronteira no Norte do Uruguai se remonta à década de 40, com obras contendo, além do espanhol, portuguesismos e palavras em português e portunhol em parte dessas obras. Assim, somente em 2010, com a obra *Noite nu Norte: poemas em portunhol*, de Fabián Severo, o portunhol aparece inteiramente em uma obra literária na fronteira. Abrantes (2018) também explica que as obras precursoras somente apresentam uma alternância das línguas, enquanto que nas obras de Severo “a língua flui mesclada e com uma certa padronização na sintaxe e na fonologia, pois segue um estilo próprio que assumiu para escrever em uma língua tradicionalmente oral” (ABRANTES, 2018, p. 85). Além de *Noite nu Norte: poemas em portunhol*, Severo também possui outras obras lançadas inteiramente em portunhol.

Por se tratar de portunhol escrito no contexto da fronteira Brasil - Uruguai, em que as línguas de base são o português e o espanhol, este tipo de escrita literária será classificado simplesmente como *portunhol literário*, que difere do *portunhol selvagem*, que além de português e espanhol inclui outras línguas. O portunhol selvagem será exposto a seguir.

3.10.2 *Portunhol selvagem*

O nome *portunhol selvagem* foi criado pelo autor Douglas Diegues, que começou a usá-lo a partir da publicação da obra *Dá gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvajes*, em 2002. Conforme o próprio autor, ele sustenta que: “[...] además del guarani, posso enfiar numa frase palavras de mais de 20 lenguas ameríndias que existem em Paraguaylândia y el resto de las lenguas que existem em este mundo. [...]”. (DIEGUES, 2003).

Assim, o portunhol selvagem usa portunhol convencional, guarani e outras línguas, conforme o resultado que o autor deseja alcançar em seus textos. A obra *Mar paraguayo* do autor Wilson Bueno, escrita dez anos antes, seria a precursora do portunhol selvagem e, conforme Rocha (2011), Diegues seria seu sucessor. A partir da sua primeira publicação em portunhol selvagem, em 2002, todas as obras posteriores do autor Douglas Diegues são escritas nessa “língua”. O termo portunhol selvagem começou a ser referenciado como tal pelo próprio autor somente a partir da sua segunda obra: *Uma flor na solapa da miséria*.

Para Locane (2015), que chama o portunhol selvagem de *guaraportunhol*, a literatura escrita nessa variante exalta deliberadamente o portunhol falado na tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguay), tornando-o assim em *artificial*. Para o autor, o portunhol selvagem se constitui em uma *apropriação e exaltação poética de uma língua efetivamente em uso*. Assim, o portunhol selvagem reflete a variante falada na tríplice fronteira, no entanto os autores literários que o usam readéquam esta variante, ressaltando ou exaltando poeticamente suas principais características.

Segundo Amarante (2009), o portunhol selvagem é uma língua artificial criada a partir do vocabulário de outras línguas já existentes, entre elas o espanhol, português e guarani, assim, o portunhol selvagem seria uma língua artificial criada *a posteriori*. Como língua criada artificialmente, outra característica do portunhol selvagem é que não possui regras e, dessa forma, pode ser usada seguindo a vontade de quem faz uso dessa língua.

A autora Alves (2016) coloca o portunhol selvagem em posição de resistência à ideologia dominante que determina as normas cultas de fala e escrita da língua. Para o autor, o termo “selvagem” indica uma forma de ser livre, original, “não domesticado”, em meio à normatização imposta pela ideologia dominante. Assim, o portunhol selvagem seria um dos

resultados de um processo de contraidentificação ideológica originado na fronteira, onde a norma imposta está muito distante da realidade dos sujeitos que a habitam. Esses sujeitos, ao questionar as normas impostas, dão lugar ao processo de contraidentificação, que tem como um dos seus resultados a escrita em portunhol selvagem, o qual, por sua vez, reforça e legitima a resistência.

Para Peres (2018), o portunhol selvagem é uma língua poética inventada pelo autor Douglas Diegues, que usa como base a hibridação linguística e cultural que acontece na tríplice fronteira. Ao escrever em portunhol selvagem, Douglas Diegues distancia-se do conceito de nação e resgata a identidade híbrida da fronteira. Ou seja, o portunhol não define o pertencimento a algum país, mas retrata uma realidade em que dois ou mais países se encontram e os textos em portunhol legitimam e mantêm essa identidade fronteiriça.

O Quadro 6 mostra as principais colocações de Locane (2015), Amarante (2009), Alves (2017) e Peres (2018). Pode-se observar que a maior parte dos autores citados enquadra o portunhol selvagem como língua, especificamente Locane (2015), Amarante (2009), e Peres (2018). O portunhol literário, descrito anteriormente, também é enquadrado como língua por Abrantes (2018).

Quadro 6 – Características do portunhol selvagem

AUTOR	DENOMINAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Locane (2015)	Portunhol selvagem ou guaraportunhol.	O portunhol ou <i>guaraportunhol</i> é uma língua literária que possui como característica principal uma variante do portunhol com nuances de guarani. Os textos redigidos em portunhol possuem uma deliberada exaltação estética, manifestada poeticamente, que faz com que a língua se torne artificial.
Amarante (2009)	Portunhol selvagem.	O portunhol selvagem é uma língua inventada a partir de outras línguas já existentes, entre elas o português, espanhol e guarani, assim, é uma língua artificial <i>a posteriori</i> . O portunhol selvagem não possui regras, pelo qual pode ser usado segundo a vontade do falante/escritor.
Alves (2017)	Portunhol selvagem.	O portunhol selvagem é um dos resultados de um processo de contraidentificação ideológica na fronteira, assim este se constitui em uma forma de resistência aos padrões da norma culta. O portunhol selvagem na forma escrita legitima tal resistência.
Peres (2018)	Portunhol selvagem; Língua poética.	O portunhol selvagem é fruto de uma hibridação linguístico-cultural que ocorre na Tríplice Fronteira. O portunhol selvagem resgata e reafirma a identidade fronteiriça, se afastando do conceito de nação ou pertencimento algum país.

Fonte: CLAROS, A. M. A. **Portunhol: uma classificação baseada na literatura**. 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em português-espanhol, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2019.

Conforme os estudos dos autores pesquisados, tanto o portunhol literário quanto o portunhol selvagem representam e reafirmam a identidade das comunidades de fala por meio da escrita. Ambos os estilos, embora retratem a realidade linguística da fronteira, são fruto da criação do escritor ou poeta que deseja fazer uso do portunhol. Como cita Celada (2002), é onde o poeta tem a possibilidade de se “entregar a uma Babel do inconsciente”. A autora argumenta que o poeta explora um entremeio e encontra a forma de desterritorialização tanto da língua portuguesa quanto da língua espanhola nesse entremeio que seria o portunhol.

O processo do colonialismo não apenas expandiu territórios, mas também por meio da sua ideologia (colonialidade), se impôs como única e verdadeira forma de ser seguida, ignorando e sobrepondo-se a outras formas de culturas e saberes em muitas esferas, entre as quais está a língua e a linguagem. No entanto, o mesmo colonialismo que intensificou o contato entre as línguas, tem gerado muitos fenômenos linguísticos resultantes do contato entre duas ou mais línguas. Em um território como o Brasil que, de acordo com Maher (2013) possui mais de 222 línguas faladas e uma extensa área de fronteira, a língua deveria ser pensada com um caráter de somatória, de integração e não de exclusão. No documentário de Thaís Fernandes (2020), é possível observar o papel integrador do portunhol, além de conformador de identidades, e isto se explica porque, conforme Sturza (2019), é uma língua resultante da necessidade do indivíduo se comunicar e de se relacionar com o outro, sendo fundamental para a manutenção de uma fluidez nas relações entre grupos sociais e comunitários distintos. Além disto, a autora destaca que a língua tem sido reivindicada como patrimônio cultural pelas questões históricas e políticas que a envolvem. A necessidade que o indivíduo tem de se comunicar, pode ser incrementada também por fatores econômicos, sociais e imigratórios, como abordam Albuquerque (2005) e Carlos (2015) e também no caso dos imigrantes de Roraima, que usam o portunhol no seu cotidiano. A pesquisa de Claros (2019) referente ao enquadramento do portunhol, revela sua prática, podendo ser denominada como língua, interlíngua, dialeto ou outra variante em três contextos a saber: portunhol de fronteira, portunhol no contexto de ensino/aprendizagem e portunhol literário/poético, como mostrado na Figura 8. No caso de portunhol de fronteira, foi constatado que a maior parte dos estudos o classifica como dialeto ou variedade do português. No entanto, por ser uma variante histórica e socialmente consolidada, representando a linguagem particular do povo da fronteira, além de representar sua identidade, pode ser considerado uma língua. O portunhol no contexto de ensino/aprendizagem (portunhol de L_1 para L_2/LE) pode ser considerado uma translíngua ou interlíngua, mantendo a visão do falante protagonista e detentor de um repertório linguístico único, consolidado pelo conceito de bilinguismo aditivo, que analisa e observa as estruturas

pertinentes à língua, e não é excludente. Quanto ao portunhol poético ou literário, tanto o portunhol poético como o portunhol selvagem, podem ser classificados como língua literária, já que possui uma linguagem particular e única, representando a realidade linguística da fronteira que se apropria e faz uso da linguagem, de forma própria e particular.

Referente aos estudos sobre a translíngua, cabe dizer, que o portunhol é fruto do processo das práticas translíngues referentes ao conceito de translíngua. De acordo com a pesquisa de Claros (2019), ela se enquadra no contexto de ensino-aprendizagem, no entanto, as práticas translíngues são fluídas, podendo ocorrer em outros contextos, como será discorrido a seguir.

3.11 Translíngua

A translíngua pode ser entendida como a interação entre duas línguas, realizada por um sujeito bilíngue ou multilíngue, para poder construir repertórios linguísticos que ajudem o indivíduo a, por exemplo, se comunicar na língua alvo. A translíngua é uma forma do falante fazer uso do seu repertório linguístico entre duas línguas para diferentes propósitos tais como: dar sentido, compreender um significado, aprimorar o aprendizado e se expressar linguisticamente, entre outros. A noção de translíngua começou a ser difundida a partir do estudo de Williams (1994), que usou o termo *trawsieithu* (em galês) para se referir ao fato de que aprendizes de uma segunda língua (no caso inglês) alternavam entre a língua materna (galês) e a língua alvo para facilitar o aprendizado. O professor, por exemplo, ensinava em galês e os alunos respondiam em inglês, ou, também, os alunos liam em galês e os professores explicavam em inglês. Segundo o estudo de Williams (1994) essas práticas ajudam alunos e professores no processo de resolução de problemas e construção do aprendizado de línguas. Em obra posterior, Williams (2002) reafirma e complementa que a translíngua favorece o aprendizado de uma segunda língua além de reforçar o uso tanto da língua materna quanto da segunda língua, resultando assim no domínio de ambas as línguas por parte do aprendiz bilíngue. Nesse estudo, Williams (2002) define translíngua como:

“[...] um método para crianças que possuem boa compreensão de ambas as línguas; é uma estratégia para reter e desenvolver o bilinguismo em lugar de [usá-la] para o ensino inicial de uma segunda língua.” (Tradução nossa)

Ainda segundo Williams (2002), a translíngua é uma habilidade natural que possui qualquer indivíduo bilíngue, e praticá-la implica o uso de uma língua para reforçar a outra. A este respeito, o autor afirma que na translíngua o aprendiz: internaliza as palavras que ouve; atribui seus próprios rótulos à mensagem/conceito; depois alterna a mensagem/conceito para a

outra língua; aumenta a mensagem/conceito e a complementa. Assim quando o aprendiz translingua, além de reforçar a segunda língua, amplia a compreensão do assunto em questão.

Corroborando as ideias de Williams (1994), Baker (2001) sustenta que a translíngua precisa que o aprendiz assimile um conteúdo em uma língua, por exemplo por meio da leitura ou escuta (o qual segundo Baker é o *input*), para, depois de compreender o conteúdo, realizar uma atividade, por exemplo, na forma de escrita ou fala (o qual é o *output*) em outra língua. Este conceito converge com a abordagem de Williams (2002) no sentido de que a translíngua reforça a segunda língua e amplia a compreensão do aprendiz.

Em estudo posterior, Lewis, Jones e Baker (2012) ampliam o conceito de translíngua associando-a aos processos de construção de sentido, formação de experiências, entendimento e conhecimento através do uso de duas línguas. É possível perceber que nesta abordagem, os autores introduzem a noção de que as línguas envolvidas na translíngua são processadas de forma integrada pelo aprendiz e, assim, não são consideradas de forma isolada. A este respeito, Lewis, Jones e Baker (2012) sustentam:

“[...] ambas as línguas são usadas de maneira dinâmica e funcionalmente integrada para organizar e mediar processos mentais no entendimento, fala, alfabetização, e, não menos importante, aprendizado. A translíngua se preocupa com a comunicação efetiva, com a função em lugar da forma, com a atividade cognitiva, assim como também com a produção de linguagem.”

Este conceito atualizado privilegia a função comunicativa exercida pela translíngua, dando mais ênfase à necessidade do aprendiz de construir significados para poder se expressar e exercer comunicação efetiva, usando as línguas de forma integrada. Esta definição de translíngua também é apoiada por outros autores tais como: Canagarajah (2011) e Garcia e Wei (2014; 2016), os quais atualizam o conceito de translíngua submergindo-o no contexto contemporâneo de realidades multilíngues.

O estudo de Canagarajah (2011) sustenta que a translíngua pode acontecer em diferentes contextos tais como: escrita e leitura acadêmica, comunicação na *internet*, interações comunicativas performativas entre jovens e crianças e sinalização de rua, entre outros. O autor também ressalta a necessidade de esforços em direção à pesquisa e construção de uma teoria da translíngua para uso no ensino-aprendizagem. Essa necessidade se confronta ao contexto vigente da linguística que teoriza as competências comunicativas em termos de normas monolíngues, as quais delimitam o uso da língua em sistemas fechados e que não estão de acordo com a integração de outras línguas. A este respeito, o autor salienta que:

“A tendência de adotar as orientações binárias e hierárquicas da linguagem distorceram a natureza integrada da competência e comunicação multilíngua. A

translinguagem nos ajuda adotar orientações específicas para multilíngues e apreciar sua competência em seus próprios termos.”

A necessidade de teorizar a translinguagem apontada por Canagarajah (2011) também é sustentada por Wei (2017) cujo estudo busca desenvolver a translinguagem como uma teoria da linguagem. O autor sustenta que a translinguagem é um “bom candidato para uma Teoria da Prática de linguagem” e justifica a necessidade de desenvolvimento dessa teoria, pela preocupação com as práticas linguísticas cotidianas atuais de usuários multilíngues apontando que a translinguagem, como uma teoria prática da linguagem, oferece melhores interpretações para tais práticas multilíngues. Em seu estudo, Wei (2017) apresenta dois conceitos relativos à translinguagem: Espaço Translínque (*Translanguaging Space*) e Instinto Translínque (*Translanguaging instinct*). O Espaço Translínque, que já tinha sido descrito em Wei (2011), é aquele espaço onde a translinguagem acontece, no qual o usuário da linguagem pode integrar espaços sociais e, por tanto, códigos linguísticos. O aspecto social integrado traz consigo diferentes dimensões da história pessoal, crenças e ideologias, atitudes, capacidades cognitivas e físicas do usuário da língua, as quais são reunidas de forma coordenada e significativa. Assim podem ser criados novos significados. Segundo o autor, o multilinguismo favorece a criatividade de novos significados, uma vez que envolve “tensão, conflito, competição, diferença, e mudança em várias esferas, variando de ideologias, políticas e práticas a conteúdos históricos e atuais”. Quanto ao Instinto Translínque, Wei (2017) o descreve como um impulso que leva ao usuário da língua a transcender os limites culturalmente definidos da linguagem, indo além das sugestões linguísticas estabelecidas para assim produzir uma comunicação eficaz. Para definir esse conceito, Wei (2017) faz alusão ao Instinto da Linguagem de Pinker (1994), que se refere à capacidade inata das pessoas para adquirir línguas, a qual é utilizada por meio de um impulso natural que leva às crianças adquirirem a língua dos seus pais. Esse instinto também está relacionado à aquisição de línguas adicionais de jovens e adultos. Wei (2017) estende esse conceito ao “instinto translínque”, enfatizando “a relevância da interação mediada do século XXI, o processo multisensorial e multimodal de aprendizado e uso da linguagem”. Esse conceito estendido privilegia a comunicação, tão necessária nos tempos atuais em que os usuários da língua têm acesso a diferentes modalidades de interação social e comunicativa, ao mesmo tempo que se faz necessário a interação e contato com outras línguas.

Garcia e Wei (2014) apresentam a translinguagem referindo-se ao bilinguismo dinâmico; para os autores, a translinguagem integra, de forma dinâmica, as línguas em um único sistema, diferente do bilinguismo tradicional no qual as línguas atuam de forma separada ou linear. No bilinguismo dinâmico o usuário da língua deve se engajar em diversas práticas de

linguagem para assim poder desenvolver um processo efetivo de comunicação; a translíngua está dentro deste campo, no qual os recursos linguísticos são construídos a partir de um sistema único, formado a partir das línguas envolvidas. Neste sentido, pode-se afirmar que o conceito de bilinguismo foi evoluindo de modo a aproximar, de forma integrada, as línguas em questão, chegando ao bilinguismo dinâmico. Para Garcia (2009), o bilinguismo dinâmico:

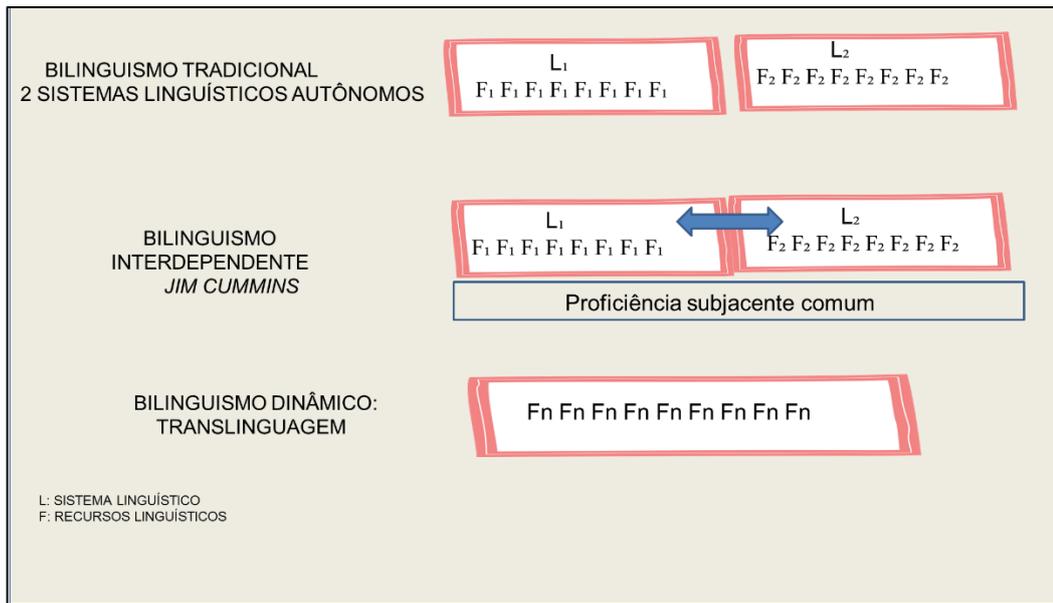
“[...] se refere a práticas de linguagem que são múltiplas e sempre [estão] se ajustando ao terreno multimodal multilíngue do ato comunicativo. Este modelo não tem a ver com os modelos lineares do passado, respondendo à interação linguística que toma lugar em diferentes planos que incluem multimodalidades e multilinguagem.”

A evolução do conceito de bilinguismo pode ser observada na Figura 9, que mostra como ocorre a relação entre as línguas, levando em conta as diferentes visões do bilinguismo. Por um lado, a figura mostra a visão tradicional, em que as línguas (L_1 e L_2) atuam separadamente, ou seja em sistemas linguísticos autônomos, com recursos linguísticos diferentes (F_1 e F_2)⁶. Na parte central da figura pode-se observar o conceito de interdependência linguística de Cummins (1979), o qual postula que a proficiência linguística de bilíngues não é armazenada de forma separada no cérebro e que cada proficiência não atua de forma independente da outra. Em seu estudo, Cummins (1979) sustenta que, embora aspectos superficiais da língua estão claramente separados (por exemplo a pronúncia e a fluência), existe uma interdependência cognitiva que permite a transferência de práticas linguísticas. Assim, o desenvolvimento de competências linguísticas em L_2 depende, ou é função, das competências linguísticas desenvolvidas em L_1 . Garcia e Wei (2014) chamam a interdependência proposta por Cummins (1979) de Proficiência Subjacente Comum, indicando que, embora exista tal interdependência, L_1 e L_2 , assim como seus recursos linguísticos, estão separados.

O modelo de bilinguismo apresentado por Garcia e Wei (2014), o qual está relacionado à translíngua, considera que existe apenas um sistema linguístico representado pelo retângulo inferior da Figura 9, com recursos linguísticos integrados. Os autores sustentam que tais recursos linguísticos são praticados frequentemente de acordo com línguas socialmente construídas e controladas, mas outras vezes produzindo novas práticas de linguagem, tais novas práticas estão no campo da translíngua.

⁶ Na versão original da figura aparece F_1 em ambas as áreas dessa figura, no entanto, entende-se que houve um erro, já que no texto do trabalho de Garcia e Wei (2014) fala-se em F_1 e F_2 ; assim, nesta dissertação levaremos em conta que L_1 corresponde a F_1 e L_2 corresponde a F_2 .

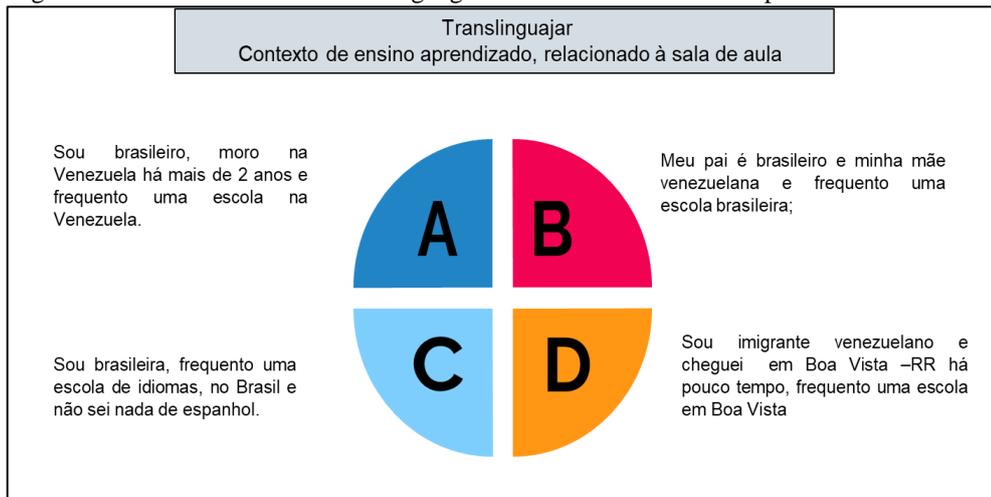
Figura 9 – Diferentes visões de bilinguismo



Fonte: Adaptado de: GARCÍA, O.; WEI, L. *Translanguaging*. In: CHAPELLE, C. A. (Org.). *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Wiley Online Library, p. 1-7, 2018.

O exemplo representado acima de bilinguismo dinâmico, sugerido por García e Wei (2014), foi elaborado pensando em situações de ensino aprendido, especificamente em sala de aula, porém acredito que pode ser aplicando também em outros tipos de situações que envolvam, além disso, o contato de línguas. A partir da Figura 10, alguns exemplos de casos diferentes, que envolvem bilinguismo ou não, podem-se analisar, na tentativa de averiguar como e quando podem acontecer casos de translanguagem.

Figura 10 – Possibilidades de translanguagem em contexto de ensino-aprendizado



Fonte: A autora

Em A, a possibilidade do sujeito translanguajar acontece, devido a que possivelmente já possui um repertório linguístico considerável, sendo um sujeito bilíngue.

Em B, o sujeito que já nasce inserido num contexto de bilinguismo, tem seu repertório linguístico construído, sendo passível de translinguajar.

Em C, o sujeito de fala, a curto prazo, ainda não é bilíngue; seu repertório linguístico está sendo construído a cada conhecimento e práticas adquiridos, e isto, a longo prazo, o constituirá bilíngue, possibilitando seu translinguajar. Caso o sujeito falante, frequentando uma escola de idiomas decida viajar para o país que está aprendendo a L₂, estaria sujeito a se tornar bilíngue devido às experiências, que o contato linguístico proporciona, possibilitando seu translinguajar.

Em D, o sujeito de fala é condicionado, por meio do seu cotidiano, situações de contato linguístico em diversos contextos, experiências, a se tornar, a curto prazo, em um sujeito bilíngue, com um repertório linguístico já constituído, possibilitando seu translinguajar.

Diversos autores têm apresentado ideias, que corroboram para o conhecimento a respeito dos processos que envolvem a translinguagem, a seguir, serão apresentados estudos a respeito da temática.

3.12 Estudos sobre translinguagem

Como mostrado anteriormente, em comparação aos estudos sobre bilinguismo tradicional, os estudos sobre a translinguagem são recentes. Os inícios das pesquisas sobre translinguagem, remontam ao estudo de Williams (1994) sobre métodos de ensino-aprendizagem no contexto de educação bilíngue. A partir desse estudo, pesquisas como as de Backer (2001) e Williams (2002) mostraram que a translinguagem é um instrumento importante para o ensino-aprendizado de línguas. Posteriormente, estudos como: Lewis, Jones e Baker (2012); e Garcia e Wei (2014), mostraram que a translinguagem está relacionada à construção de sentido por parte do aprendiz bilíngue, integrando as línguas em um sistema único. Estudos como: Canagarajah (2011) e Garcia e Wei (2014; 2016), atualizaram o conceito de translinguagem colocando-o no contexto de realidades multilíngues. Devido à notável atenção dada à translinguagem e mostrada sua relevância no contexto atual de realidades multilíngues, Wei (2017) propôs desenvolver a translinguagem como uma teoria da linguagem. Pode-se observar que a maior parte desses estudos estão voltados ao contexto de ensino-aprendizagem de línguas, que não é diferente das pesquisas recentes sobre translinguagem. A seguir, apresentam-se estudos atuais que abordam sobre a translinguagem; a seleção dos artigos foi realizada levando em conta a relação entre os estudos analisados e o tema de pesquisa do presente trabalho, assim, foram priorizados estudos sobre translinguagem no contexto brasileiro, bem como estudos relacionados à translanguagem entre português e espanhol.

Kraus-Lemke (2020) fez uma pesquisa sobre os estudos de translinguagem considerando o contexto estrangeiro e brasileiro. No cenário brasileiro, a pesquisa mostra que, apesar do país ser multicultural, multiétnico e multilíngue, as políticas educacionais brasileiras favorecem práticas voltadas ao monolinguismo. Nesse sentido, o estudo mostra também que o ensino orientado por meio de uma pedagogia translíngue favoreceria uma aprendizagem mais inclusiva, especialmente em cenários multilíngues.

Os autores Windle e Possas (2022), realizaram uma pesquisa sobre o posicionamento de professores e alunos perante o uso da translinguagem no ensino do inglês no Brasil, em escolas públicas e privadas, assim como em cursos de idiomas. Um dos objetivos dos autores foi verificar se o uso da translinguagem no ensino do inglês no Brasil pode contribuir para a aprendizagem em um contexto multilíngue, como é o caso brasileiro. Segundo os autores, no Brasil, embora as práticas de translinguagem sejam evidentes em todos os setores analisados, sua contribuição para a aprendizagem no contexto brasileiro é limitada. Segundo os autores, isto se deve a que o acesso ao ensino do inglês privilegia as escolas particulares e cursos de idiomas, nos quais os estudantes têm maior proficiência em língua inglesa. Desta forma, esses estudantes podem praticar a translinguagem de forma mais consciente favorecendo assim, o aprendizado. Isso não ocorre na maior parte das escolas brasileiras, principalmente nas escolas públicas, nas quais o acesso à língua inglesa é mais limitado.

Lucena e Cardoso (2018) apresentam um estudo sobre práticas de translinguagem durante a introdução do ensino bilíngue em uma sala de aula de uma escola particular de ensino médio; a translinguagem é utilizada como um recurso pedagógico durante as aulas nas quais a língua oficial de instrução é o inglês. As autoras evidenciaram que os alunos utilizavam, de forma intencional, diferentes recursos de seu repertório linguístico para facilitar e dar sentido à sua comunicação. Foi evidenciado também que o uso do português foi negociado ou solicitado pelos alunos em situações em que não compreendiam algum conteúdo das aulas em inglês. Essa prática de mesclar as duas línguas foi percebida, por professores e alunos, como benéfica para a aprendizagem e fixação de conteúdos. Também foi constatado o uso de hibridizações entre o português e o inglês durante as aulas por parte de professores e alunos; tais hibridizações, segundo as autoras, somente poderiam ser entendidas por pessoas que conhecessem os dois idiomas, que era o caso dos estudantes e professores que fizeram parte da pesquisa. Pode se perceber aqui que a constatação dos autores Windle e Possas (2022) corrobora com os achados de Lucena e Cardoso (2018), no referente a que o uso da translinguagem para a aprendizagem do inglês é mais efetivo em contextos nos quais há maior acesso e conhecimento da língua inglesa, como é o caso da escola na qual foi realizada a pesquisa de Lucena e Cardoso (2018).

A autora Takaki (2019) apresentou um estudo sobre a percepção de alunos de ensino fundamental de uma escola pública a respeito da translinguagem por meio de oficinas sobre imigração. O assunto “imigração” foi escolhido devido a que muitos dos alunos da escola pesquisada são descendentes de imigrantes (principalmente haitianos e sírios), pelo qual o estudo pretendeu fornecer subsídios para contribuir com a elaboração de diretrizes de ensino-aprendizado nesse contexto. As oficinas foram realizadas com o intuito de “ativar” o repertório translíngue e multimodal crítico dos alunos, os quais foram expostos a recursos como: memes e vídeos sobre imigração recente nos Estados Unidos e Brasil; aulas básicas de inglês voltadas para a negociação de sentidos no processo de aprendizagem; e *posters* com sentenças básicas do inglês (tais como cumprimentos e apresentações) voltadas para exercitar maneiras criativas de se expressar perante a língua de outro interlocutor, entre outros. A autora verificou atitudes translíngues por parte dos alunos, por exemplo no momento de eles se posicionarem sobre memes de imigração nos Estados Unidos compostos por imagem e texto, momento no qual os estudantes se apropriaram de discursos dominantes em inglês e os usaram em contra de um presidente desse país. Nesse exemplo, segundo a autora, houve translinguagem no sentido dos alunos produzirem um sentido a partir da junção do texto com a imagem em inglês. Atividades similares foram propostas aos alunos também por meio de vídeos sobre imigração, com os mesmos resultados. O estudo mostrou que as atividades praticadas com diferentes recursos multimodais são muito importantes para encorajar alunos a produzir significados translíngues.

O estudo de Oliveira e Sabota (2020) discorre sobre a relação entre translinguagem e interculturalidade, na procura de meios que contribuam para o ensino de línguas a partir da relação entre os dois conceitos. Na aprendizagem de língua estrangeira (inglês) as autoras defendem que a segunda língua deve ser tratada como “língua adicional” em lugar de simplesmente língua estrangeira, para que assim o aprendiz possa conscientemente construir e ampliar seus repertórios linguísticos. Neste sentido, a cultura também faz parte do repertório do sujeito que objetiva aprender uma língua adicional, e tal aprendiz pode ter contato com a outra cultura percebida por meio da língua adicional, dependendo da mediação realizada no processo de ensino/aprendizagem. As autoras sustentam que para favorecer a aprendizagem da língua adicional, devem ser realizadas práticas que promovam a interculturalidade crítica durante as aulas; ou seja, o contato entre as culturas, por meio da língua aprendida, deve ser problematizado e discutido e sugerem práticas como: leituras de textos multimodais realizadas em conjunto para compartilhar percepções sobre o texto; narrativas orais e multimodais

incentivadas em sala de aula para que se estabeleça nas turmas um espaço de escuta empática, entre outros.

Os autores Espírito Santo e Santos (2018), fazem uma análise das políticas que consolidaram a ideologia monolíngue no Brasil e discutem a necessidade de reformular tais políticas em direção a práticas de linguagem pautadas no caráter fluído e híbrido das relações sociais, bem como no caráter multissemiótico dos sentidos do uso da língua. Nesse cenário os autores trazem a tona o papel das práticas translíngues no ensino de línguas e sugerem caminhos para formular estratégias que incluam tais práticas na formação docente e em sala de aula. A necessidade de reformulação das políticas vigentes favoráveis ao monolinguismo surge a partir de aspectos como: a sociedade tem tomado consciência dos efeitos da globalização; intenso uso da tecnologia; e o crescente fluxo migratório, entre outros. Para os autores, o ensino de línguas no Brasil, ao estar guiado por políticas monolíngues, exclui as práticas linguísticas que se efetuam no “mundo real”, tais como as práticas de linguagem das classes socioeconômicas mais baixas, por exemplo, e sugerem que a orientação translíngue é uma alternativa adequada para nortear as práticas de linguagem no contexto contemporâneo de globalização. Dessa forma, Espírito Santo e Santos (2018) propõem “desinventar” o ensino e a formação de professores de línguas por meio de políticas que promovam e potencializem a realização de aulas nas quais haja “socialização de vozes e experiências múltiplas” dos alunos a partir de recursos e experiências que reflitam a realidade desses alunos fora de sala de aula.

Reis e Grande (2017) realizaram uma análise de práticas de translanguagem em textos produzidos durante avaliações formais de disciplinas da língua inglesa realizadas por alunos de ensino superior (curso de Letras). Os resultados mostraram que mais da metade dos textos analisados apresentam translanguagem. Segundo as autoras, o contexto no qual as provas foram aplicadas contribuiu para as práticas de translanguagem, já que as avaliações não somente observavam erros de escrita e gramaticais, mas também o conteúdo crítico das respostas. A análise das práticas de translanguagem foi realizada segundo as seguintes categorias: (1) integração inglês e português; (2) *scaffolding* estratégico; (3) anotações pessoais; (4) recursos multimodais; (5) hibridização sintática; e (6) hibridização morfológica. A maior ocorrência de translanguagem segundo essa análise ocorreu por meio da integração inglês e português, seguido da hibridização morfológica. A menor ocorrência de práticas de translanguagem ocorreu na forma de recursos multimodais. Segundo as autoras, a translanguagem nos textos escritos ocorreu para “garantir” o melhor entendimento por parte dos leitores, assim como garantir o próprio entendimento dos estudantes e expor suas identidades.

O autor Díaz (2016) fez uma pesquisa sobre as práticas bilíngues na fronteira entre Brasil e Venezuela, especificamente na cidade de Santa Elena de Uairén. O autor relata que nessa cidade fronteira há prática do espanhol venezuelano, principalmente na sua variedade sudoriental, e do português brasileiro, principalmente na sua variedade amazônica; no entanto, relata que também são comuns práticas linguísticas em que o português e espanhol se “misturam”, fruto da frequente visita de brasileiros à cidade fronteira, motivada principalmente por fins comerciais, o qual conseqüentemente se estende a outras áreas como turismo, hospedagem e lazer. O autor expõe que os praticantes do “portunhol” nessa cidade fronteira fazem uso dessa prática linguística principalmente com o intuito de facilitar sua comunicação com os visitantes brasileiros nos setores comercial e turístico. Segundo dados coletados pelo pesquisador, a percepção dos falantes de portunhol na fronteira é que o conhecimento limitado da língua do Brasil faz com que eles “apelem” ao portunhol na tentativa de falar português. Assim os praticantes de portunhol na fronteira têm uma concepção monoglóssica dessa prática, a qual estabelece representações das línguas como entidades separadas e autônomas. Díaz de fato apresenta exemplos, a partir de dados coletados em campo, que corroboram com essa ideia, no entanto, o mesmo autor se posiciona perante tais evidências e aborda essa prática na perspectiva da translíngua em lugar de alternância ou mistura de códigos, afirmando que esses atos comunicativos são “eleições dentro de um repertório dinâmico que se ativa no complexo marco da interação bilíngue” (tradução nossa). Para sustentar essa afirmativa, por meio de trechos de entrevistas, revela partes em que os fronteirões fazem uso de expressões que não são compatíveis com a alternância ou mistura de códigos, tais como: “[...] si, falamos con los japais”. Esse exemplo, mostra, segundo o autor, uma expressão que não se trata de uma eleição alternativa entre as duas línguas por parte do falante, mas de uma produção original que deriva do seu repertório bilíngue. Inclusive em expressões que podem ser interpretadas como alternância de códigos, por exemplo: “Yo les falo português”; o autor se posiciona desde a perspectiva da translíngua e afirma que tais expressões são fruto do repertório dinâmico do falante.

Das tantas teorias até aqui apresentadas, sem dúvida a translíngua é a prática que mais se aproxima da realidade dos contatos linguísticos. O sujeito translíngue e seu translínguar, são resultantes da necessidade de sobrevivência, nos mais diferentes contextos. Com um repertório linguístico, que pode estar carregado de conhecimento cultural, histórico, social, linguístico do lugar que está vivendo, que em conjunto com um conhecimento antes constituído do lugar que se originou, sua identidade se torna única. Para Maher (2013), a identidade não é algo natural, ela é uma construção discursiva que pressupõe ser relacional,

tendo em vista que eu preciso da alteridade daquilo que eu não sou, para me constituir como algo. Além disto, a identidade é mutante, inacabada, múltipla e por esta razão, considerar questões interculturais e intraculturais se torna fundamental para combater a tendência que temos, em ver o diferente de forma unívoca, sendo a translinguagem, uma ferramenta essencial neste panorama relacional e de construção, como foi possível de observar e de vivenciar, durante a pesquisa. Cada informante, que será apresentado na sequência deste trabalho, traz consigo vivências, de seu país de origem, que se fundem com as novas experiências adquiridas aqui, geralmente vivenciadas baixo forte tensão, e no que tange à língua, impor ou incentivar uma única forma de falar, seria como apagar a identidade do sujeito, conforme afirma Maher (2013).

Com tudo isto, pode-se observar que a maior parte dos estudos de translinguagem analisados se refere a pesquisas voltadas para a área de ensino-aprendizado; pesquisas nas quais se faz evidente que há uma necessidade de políticas que favoreçam o uso de práticas de translinguagem no contexto atual, mas que também é necessário um aprofundamento para compreender os processos intrínsecos à translinguagem, no que tange ao contato linguístico, também ao bilinguismo, em diferentes contextos que envolvam o ensino- aprendizado em sala de aula, imigração/emigração, entre outros. Os estudos evidenciam a vigência das políticas atuais que favorecem o ensino-aprendizado monoglóstico da língua, o qual, dificulta a inserção das práticas de translinguagem. Também foi observado a falta de estudos de análise da translinguagem voltadas para as línguas português e espanhol em contexto de imigração, relacionados ao contato linguístico, o que propõe este trabalho, sendo assim, o presente estudo pretende contribuir para este campo de pesquisa.

4 METODOLOGIA

Como explicado no Capítulo I do presente trabalho, o objetivo deste estudo consiste em verificar o uso da translinguagem em textos escritos em imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista em Roraima. A pergunta de pesquisa que o estudo procura responder é: quais são as práticas de translinguagem que ocorrem entre os imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista?

No presente capítulo pretende-se explicar a natureza da pesquisa, assim como o ambiente no qual os dados foram coletados. Também se apresentam dados sobre os participantes da pesquisa, como também, os instrumentos de coleta de dados.

Por se tratar de entender a respeito de um fenômeno linguístico complexo, como a translinguagem, foi adotado o método de natureza qualitativa-interpretativa. Segundo Denzin e Lincoln (apud Gil, 2021), a pesquisa qualitativa “ênfatisa a natureza socialmente construída da realidade, o relacionamento íntimo entre o pesquisador e o que é estudado, além das restrições situacionais que moldam a investigação”. Também segundo os autores, estes tipos de pesquisas são essencialmente de caráter interpretativo, nas quais os pesquisadores estudam os fenômenos dentro dos seus contextos naturais, procurando entender ou interpretar seus significados socialmente construídos. Nesse sentido, o que se buscou estudar como objeto de pesquisa foram as práticas de translinguagem, dentro do contexto natural no qual ocorre nos imigrantes venezuelanos, tal como analisar e interpretar as práticas de linguagem dos participantes, procurando verificar a ocorrência de translinguagem. Além disso, esta pesquisa também pode ser caracterizada como um estudo de caso, que segundo Gil (2002) consiste no estudo de um ou poucos objetos, de modo que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Nesse sentido, para estudo do objeto de pesquisa utilizou-se um grupo de participantes (como será explicado, mais adiante) a partir dos quais foram coletados os dados para realização do estudo.

4.1 Dificuldades encontradas no processo de construção da pesquisa

Quando surgiu a oportunidade de estudar na iniciação científica a respeito doportunhol, no curso de graduação em Letras Português-Espanhol, logo surgiu o tema da translinguagem. Ao ingressar no mestrado, já objetivava pesquisar a respeito da temática, mas foi justamente no princípio que os desafios surgiram. Em 11 de março de 2020, no primeiro mês de ingresso ao campus, o tema inicial para a pesquisa relacionada a translinguagem era sobre: “ A influência do convívio com hispano-falantes na fossilização da interlíngua de estrangeiros hispanos nativos residentes no Brasil”. Até então conhecia pouco ou quase nada a

respeito da temática, mas tinha muita curiosidade, já que, esta prática linguística fazia parte da minha rotina, justamente por ter esposo, filho, amigos, parentes que falam o espanhol. No entanto, neste mesmo período, especificamente em 30 de janeiro de 2020, a OMS: “Organização Mundial de Saúde” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020), declarou o surto do SARS-CovV-2 ou COVID-19 no mundo. Em 19 de março do mesmo ano, tivemos que adotar medidas de distanciamento no Brasil devido à condição pandêmica e as aulas tiveram que ser suspensas, retornando em seu formato remoto em 18 de junho de 2020. Tudo isto prejudicou, de maneira considerada, todos os planos para a execução do projeto. No entanto, buscou-se manter as atividades e mesmo de forma isolada, as pesquisas bibliográficas referentes a temática da translíngua puderam ser realizadas. No entanto, o contato físico foi significativamente prejudicado, tendo que ser reelaborado. Com tudo isto, somou-se o agravamento da doença de minha mãe (que residia em Boa Vista/RR), foi então que, mesmo em meio à pandemia, tive que realizar as viagens para a cidade. Neste percurso, surgiu então a ideia de trabalhar com aqueles que estavam em meu entorno em Boa Vista e que eram imigrantes venezuelanos, já residentes na cidade. Com isto, a pesquisa me direcionou a um novo olhar para as práticas linguísticas dos imigrantes venezuelanos, o que resultou no tema desta pesquisa dissertativa que trata a respeito de: “Identificar o uso da translíngua em textos escritos em imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista – Roraima”.

4.2 Descrição do contexto de pesquisa

Esta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná (parecer nº 4.978.977, conforme ANEXO A), foi realizada na cidade de Boa Vista – Roraima, capital do estado que faz fronteira com a Venezuela. Como mencionado anteriormente, o processo de colonização contribuiu para a diversidade étnica e cultural do estado, intensificada mais ainda, pelas questões atuais de crise migratória, visto que, por ser um estado de tríplice fronteira, tem sido ponto de entrada de imigrantes, em especial de venezuelanos, cuja imigração tem sido motivada pela crise socioeconômica e humanitária na Venezuela, país que sofre grandes instabilidades econômicas e políticas principalmente desde 2013. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de venezuelanos refugiados na cidade de Boa Vista em 2021 era de 32 mil (KRUSE, 2021), sendo que em torno de 2.000 moram em abrigos facilitados pela Prefeitura em parceria com Organizações Não Governamentais (ONGs). Durante minhas visitas à cidade de Boa Vista (2019/2020/2021) a primeira impressão que tive dos refugiados venezuelanos foi o crescente número de famílias nos semáforos, supermercados, feiras, na construção civil e serviços gerais. Como nasci e tenho

familiares vivendo na cidade, pude observar mais de perto a realidade de outros venezuelanos que, por estarem mais tempo morando na cidade, realizam serviços nos quais têm oportunidade de obter maior fonte de renda em comparação aos venezuelanos que têm pouco tempo de estadia, como no caso de uma das participantes que fez parte da pesquisa (Rosa), que trabalha realizando serviços domésticos. Nos serviços que envolvem atividades como a construção civil, comércio, por exemplo, os venezuelanos oferecem mão de obra de menor custo em relação aos cidadãos brasileiros, pois, é uma forma encontrada pelos imigrantes de terem um melhor acesso a fontes de emprego e renda, na maior parte dos casos de maneira informal. Ao trabalharem com famílias brasileiras, ou em serviços que têm contato frequente com cidadãos brasileiros, constatei que os venezuelanos vão se acostumando com a língua portuguesa e aprendem a se comunicar, não usando apenas a língua, mas gestos, expressões e recursos tecnológicos também. Por exemplo, quando não sabem o significado de uma palavra, recorrem imediatamente à internet e desta forma, ao longo do tempo, pode-se afirmar que os venezuelanos adquirem uma condição de bilinguismo. Este fato é notável quando se compara os venezuelanos que moram pouco tempo na cidade com aqueles que moram há mais tempo. Tendo essa condição de bilinguismo, isto é favorável às práticas de translinguagem que o presente estudo pretende analisar. A seguir, apresenta-se informações sobre os participantes da pesquisa.

4.3 Participantes da pesquisa

Os dados coletados para a presente pesquisa foram obtidos em 2019, 2020 e 2021. Na primeira ocasião obteve-se a participação de quatro venezuelanos, dos quais duas (Rosa e Marta) trabalhavam em serviços domésticos, e os outros dois participantes trabalhavam na construção civil e em serviços diversos, tais como jardinagem e pintura. A Tabela 1, a seguir, mostra um resumo dos participantes da pesquisa para os dados coletados em 2019.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa 2019

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
ROSA	54	Serviços domésticos
EDGAR	52	Construção civil, outros
MARCO	38	Construção civil, outros
MARTA	42	Serviços domésticos

Fonte: A autora

Entretanto, as respostas dos participantes em 2019 não foram como esperadas, visto que foram consideradas muito curtas, não fornecendo dados suficientes para análise de translinguagem, além de que uma das participantes (Marta) forneceu respostas em espanhol. Por esses motivos decidiu-se aumentar o número de participantes, e mudar a estratégia de coleta de dados.

Em 2020/2021 foram obtidos dados de um segundo grupo de participantes cujas informações se apresentam de forma sucinta na Tabela 2.

Tabela 2 – Participantes da pesquisa 2020/2021

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
LUIS	46	Garçom
ALEJANDRA	18	Serviços de manicure
DAVID	35	Não informado
ODELYS	37	Serviços domésticos

Fonte: A autora

A seguir serão apresentadas mais informações a respeito dos participantes da pesquisa de 2020/2021, cujos dados coletados formaram a maior parte da análise neste estudo.

Antes de vir ao Brasil, a participante Odelys trabalhava como autônoma na Venezuela, fazendo bijuterias e costura junto às três filhas. Estudou Administração de Empresas até o terceiro semestre do curso, o qual teve que trancar por motivo de doença. Quando veio ao Brasil não tinha nenhum conhecimento sobre a língua portuguesa, motivo pelo qual teve dificuldade na comunicação, especialmente quando conseguiu seu primeiro emprego no país, 15 dias depois da sua chegada. No começo, eram seus colegas venezuelanos, que moravam há mais tempo no país e trabalhavam junto com ela, que ajudavam na comunicação entre o chefe e Odelys. Isso sugere que Odelys não possuía uma condição de falante bilíngue. Depois, aos poucos, ela foi aprendendo a língua, devido a um maior contato linguístico advindos de contextos diversos como: igreja (Odelys faz parte de uma congregação religiosa) e vizinhança, entre outros, o qual possibilitou a construção de seu repertório linguístico. Desde sua chegada ao Brasil, há mais de 4 anos, Odelys trabalhou com serviços domésticos, costura e crochê, atualmente mora com a mãe e as três filhas, as quais ajudam na confecção das peças de crochê.

O participante Luis, antes de vir ao Brasil, trabalhava na área de vendas e recepção de materiais numa loja de artigos de pesca, caça e construção civil, na Venezuela. Ele tem formação técnica em Agropecuária, pelo qual trabalhou em um complexo agroindustrial desde a conclusão do curso, em 1993, até o fechamento do complexo pelo governo venezuelano.

Quando chegou ao Brasil, não tinha nenhum conhecimento da língua portuguesa, pelo qual começou a ouvir rádio e assistir programas políticos na TV, o qual ajudou no aprendizado do idioma. Depois de 5 meses de estadia no país ele começou a fazer serviços de jardinagem, reparos domésticos e pintura. Atualmente trabalha como garçom em uma pizzaria e já reside no país há quase 5 anos. Da mesma forma que Odelys, Luis, não possuía um repertório linguístico que o caracterizasse como um falante bilíngue; foi com conhecimento, experiência e interação com seu entorno que Luis adquiriu a condição de bilíngue, possibilitando seu translinguajar.

A participante Alejandra tinha 16 anos quando sua mãe decidiu migrar para o Brasil. Depois de dois anos sem ver a mãe, Alejandra finalmente completou o ensino médio na Venezuela e foi o momento em que ela veio para o Brasil para morar junto da mãe. Desde que chegou, Alejandra trabalha em serviços de manicure, profissão na qual deseja se especializar e qualificar. Para complementar a renda ela também trabalha fazendo produtos de confeitaria e não descarta a possibilidade de cursar uma faculdade. Alejandra é a participante mais nova dentre os venezuelanos entrevistados e fazia quase um ano de estadia no momento da coleta de dados.

O participante David decidiu migrar para o Brasil há mais de quatro anos. Da mesma forma que os outros participantes, ele não tinha conhecimento prévio da língua portuguesa, pelo qual teve dificuldades na comunicação nos primeiros meses de estadia no país. No entanto, à medida que passou por vários empregos, pouco a pouco foi aprendendo a língua. Ele já trabalhou realizando serviços de limpeza e atendimento em uma balsa, passando por serviços de zeladoria em fazenda e vendedor em loja de roupas, serviço no qual ele foi demitido por causa da pandemia. O emprego atual de David não foi informado pelo participante.

Como se pode observar, os informantes possuem escolaridade que vão do ensino médio ao curso superior, no entanto, assim que chegaram ao Brasil, não eram bilíngues, considerando os estudos referentes à translinguagem. Desta forma, a translinguagem não era uma realidade para cada um, tendo em vista que não possuíam um repertório linguístico. Porém, esta realidade foi substituída pelas consequências do contato linguístico que tem possibilitado integração, experiências e conhecimento. Por meio de tudo isto, o repertório linguístico foi sendo constituído, sendo possível identificar casos de translinguagem nas práticas linguísticas de todos os informantes. É possível que tais práticas permitam trocas de variedades linguísticas, dado ao fato de que os venezuelanos carregam consigo variações linguísticas constituídas de seu local de origem, assim como nós brasileiros as temos, e o contato ocorra entre formas de variantes prestigiadas ou estigmatizadas. No entanto, são estas formas que possibilitam a

comunicação entre raças, povos em diferentes classes sociais. A função da translinguagem, como se pode constatar, vai além de questões estruturais relacionadas por exemplo à fonética, gramática, por exemplo. Ela é um meio pelo qual as pessoas conseguem “tener voz”, como mencionado anteriormente, se colocando num mundo como indivíduos protagonistas que enfrentam dificuldades, tensões constantes, frustrações, preconceitos, desafios pela sobrevivência, em que estes têm que superar os obstáculos impostos pela vida, mas ainda em condições de imigrantes. Com base nisto, partirei para a apresentação dos procedimentos referentes à coleta de dados.

4.4 Procedimentos de coleta de dados

Como mencionado anteriormente, foram coletados dados nos anos de 2019, 2020 e 2021. Em 2019 foi elaborado um questionário versando questões sobre a experiência dos imigrantes quanto a residir fora do seu país de origem. Para isto, foi solicitado aos participantes que respondessem de forma escrita. O questionário aplicado em 2019 consta no APÊNDICE A e os questionários respondidos pelos participantes constam no ANEXO B. No entanto, como explicado na seção anterior, as respostas dos questionários em 2019 não foram de acordo como esperado e por esta razão, se optou por aumentar o número de participantes e mudar a estratégia de coleta de dados. Desta forma, para complementar os dados obtidos em 2019/2020, foram coletados novos dados obtidos com novos participantes. Para isto, em 2021, foi solicitado então aos participantes, a elaboração de um texto narrativo a respeito da trajetória e experiências de vida de cada um, desde a chegada ao Brasil até o momento da realização da pesquisa. Estas se encontram no ANEXO C.

4.5 Procedimentos de análise de dados

Para atingir o objetivo do trabalho e dar resposta à pergunta de pesquisa, foram analisados os questionários respondidos pelos participantes, assim como os textos fornecidos. Para verificar as práticas de translinguagem a partir dos dados coletados, foi necessário agrupar as expressões de translinguagem em categorias, para assim melhor diferenciar e caracterizar tais práticas. As categorias de análise da translinguagem foram escolhidas seguindo e adaptando as recomendações de Reis e Grande (2017)⁷ e apresentadas da seguinte forma: (1) integração

⁷ Reis e Grande (2017) recomendam seis categorias para análise das práticas de translinguagem: (1) integração inglês e português; (2) *scaffolding* estratégico; (3) anotações pessoais; (4) recursos multimodais; (5) hibridização sintática; e (6) hibridização morfológica. Neste estudo, a primeira categoria foi adaptada para a análise do espanhol e português. As categorias de anotações pessoais, *scaffolding* estratégico e recursos multimodais não foram

espanhol e português; (2) hibridização sintática; e (3) hibridização morfológica. A partir dessas categorias, foram analisados os dados de texto dos participantes.

observadas durante a pesquisa de campo, uma vez que essas categorias são mais perceptíveis em contexto escolar, pelo qual não foram consideradas neste trabalho.

5 RESULTADOS

Para análise dos resultados, buscando atingir o objetivo do trabalho e responder à pergunta de pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos: primeiramente foram mapeadas todas as ocorrências de translinguagem, caso houvesse, fazendo leituras dos textos fornecidos e em seguida, atribuiu-se uma das categorias escolhidas da translinguagem, para cada ocorrência identificada. Seguem, portanto, os resultados destas análises dos textos, conforme cada categoria considerada.

5.1 Integração espanhol e português

A integração espanhol e português consiste especialmente no uso de termos que somente existem no contexto da L₁, que no caso deste trabalho é o espanhol, para dar sentido à frase em L₂. Esses termos podem ter tradução específica para L₂, mas o falante usa o termo em L₁, por exemplo, por falta de conhecimento ou por possuir familiaridade com o termo em L₂. Tais termos não existem na L₂ e estão relacionados ao contexto, região ou cultura da L₁. Assim, entendemos que o falante transita entre L₁ e L₂, apropriando-se de um termo da L₁ para se expressar em L₂, realizando assim a prática da translinguagem.

A integração espanhol e português pode ser confundida com alternância de códigos (*code switching*), no sentido de fazer empréstimos de termos da L₁ para se expressar em L₂. A diferença é que na alternância de códigos há uma *simple*s troca de termos, no caso o uso de um termo de L₁ em troca ou substituição de um termo de L₂, mantendo assim a forma monoglósica das línguas, não configurando um caso de translinguagem, visto que; a prática translíngue vai além da alternância de códigos, já que o falante procura dar um sentido à frase como um todo, formando uma sentença única que não pode ser atribuída a L₁ ou L₂. A este respeito, Garcia e Wei (2014) sustentam:

A translinguagem difere da noção de alternância de códigos na medida em que se refere não apenas a uma mudança ou um vaivém entre duas línguas, mas à construção e uso de práticas discursivas originais e complexas inter-relacionadas que não podem ser facilmente atribuídas a uma ou outra definição tradicional de uma língua, mas que compõem o repertório linguístico completo do falante (GARCIA e WEI, 2014, p. 22).
(Tradução nossa)

Assim, pode-se observar que a translinguagem implica no uso da L₁ e L₂ em um sistema único; no caso da integração espanhol e português, formando expressões em que o falante termos da L₁ que se aplicam somente ao contexto da L₁, para dar sentido à frase como um todo.

Nos textos analisados, foram observadas duas situações nas quais ocorre integração espanhol e português: (1) quando o participante usa um termo que não possui tradução específica para o português e que, portanto, somente se aplica a contextos de L₁, no entanto o falante procura dar sentido à frase em L₂ usando tal termo; e (2) quando o participante usa termos de L₁ que são similares ao português, numa tentativa de se aproximar à L₂.

A seguir apresentam-se ocorrências da primeira situação acima relatada, em que foram observadas práticas de integração espanhol e português a partir dos dados obtidos na pesquisa de campo. Cabe ressaltar que este tipo de situação, foi o que teve menos ocorrências em relação à segunda situação acima relatada.

Texto 1

So David tenho 35 años nacionalidad
Venezolana, tenho 4 años que quize procurar
mejor qualidate de vida e decidí vim
pra boa vista brasil para assim poder
ayudar a meus filhos. foi un pouco
difícil no início ja que tive que
empezar desde inicio tudo principalmente
pelo idioma ja que como emigrante não
conhecia nada mais graças a deus
foi pouco a pouco adaptando mais jamais
perdi a fe en deus fiquei 3 meses morando
e trabalhando en uma vialsa no Rio Branco
de ali foi 1 ano e 6 meses pra uma
fazenda depois con un pouco de conocimiento
Volte pra Cidade onde arranxe un
trabalho de vendedor en uma loja de roupas
onde por causa da pandemia foi demitido
mais graças a deus divagadamente foi
enchando pra frente arranxe outros empregos
onde estou actualmente e graças a deus
posso ajudar a meus filhos e posso ate
pagar que estou estavel e posso ajudar
mesualmente a meus filhos sempre con
deus no comando de tudo...

Pode-se observar no Texto 1, na parte superior indicada, que o participante (David) utiliza a palavra em espanhol “empezar” no trecho onde escreve “empezar desde inicio”. O termo “empezar” somente existe no espanhol, e é sinônimo de “comenzar”. Ambos os termos podem ser utilizados indistintamente no espanhol para expressar o mesmo significado. “Comenzar” tem um aspecto mais formal, pelo qual “empezar” é mais frequentemente usado em práticas linguísticas cotidianas. Pode ser por esse motivo que o participante (David) usou o termo “empezar” e não “comenzar”. Isto mostra uma prática de translinguagem, já que há uma

apropriação de um termo linguístico em espanhol (“empezar” é mais frequentemente utilizado em práticas linguísticas cotidianas) para dar sentido a uma frase em português.

No Texto 1 também é possível observar, na parte marcada inferior, que há uso de um termo extraído do contexto em espanhol. Trata-se do termo “enchando” para construir a frase “enchando pra frente”. Analisando o sentido da frase como um todo, o termo “enchando” na verdade se refere a “echando”, palavra em espanhol que deriva do verbo “echar” a qual se refere a ações como lançar e jogar. No entanto o verbo “echar” tem muitos outros usos no espanhol. Analisando o contexto da frase e o sentido que o falante quis lhe dar, pode-se deduzir que o participante quis expressar uma frase muito usada em contexto de países de fala hispana e que, por tanto, faz parte da cultura desses países. Trata-se da frase “echando para adelante” a qual inclusive tem sua forma mais curta e popularizada “echando pa’lante”⁸. Essa frase na cultura de alguns países de fala hispana expressa um sentimento de determinação de uma pessoa que está muito disposta a seguir em frente com firmeza, apesar das dificuldades. Aqui, mais uma vez, pode-se perceber que o participante realiza uma prática de translinguagem, tomando aspectos do contexto e cultura do seu país de origem, indo ao encontro do repertório de palavras do contexto em português, para formar assim uma expressão em um sistema único das duas línguas. Isto confirma a afirmação de Garcia e Wei (2014, p. 22) que sustenta que a translinguagem implica na *construção e uso de práticas discursivas originais e complexas inter-relacionadas que não podem ser facilmente atribuídas a uma ou outra definição tradicional de uma língua*.

Como mencionado anteriormente, a segunda situação na qual ocorre integração espanhol e português nos textos analisados, o falante usa termos de L₁ que são similares ao português, numa tentativa de se aproximar à L₂. Foram observadas mais ocorrências desse tipo nos textos analisados, pode ser pelo fato do falante estar mais familiarizado com esses termos no português, já que são parecidos aos utilizados em espanhol. A seguir apresentam-se ocorrências desse tipo de integração espanhol e português.

Texto 2

Sentiu-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais o fizeram se sentir um estrangeiro, uma pessoa de fora? Ainda se sente um estrangeiro?

Si eu me senti ao chegar e ainda me sento estrangeiro

⁸ Cabe ressaltar que a frase “echando pa’lante” é tão popularizada em alguns países de fala hispana, que inclusive há uma música do famoso cantor venezuelano Oscar d’León intitulada Echando Pa’lante.

...
 Você acredita que tem dificuldade na comunicação? Pensa em aprimorar a língua? Se sim de que forma?
 E já participou alguma vez de algum programa ou projeto que o ajudasse a aprimorar a prática da língua?

Si ainda não participei

O que você entende por portunhol? Caso você saiba definir o conceito de portunhol, qual sua opinião sobre quem o pratica?

mistura dos línguas

No Texto 2 pode-se observar que o participante (Edgard) usa o termo afirmativo em espanhol “Si” em lugar do equivalente em português “Sim”. Também usa o termo em espanhol “dos” em lugar do português “duas”. Nestes casos o participante usa os termos pensando no sentido de afirmação (“Si”) e número (“dos”) na frase que expressa, usando seu repertório linguístico em espanhol. Pode-se perceber assim que o participante transita entre espanhol e português para produzir sentidos, constituindo a prática de translinguagem. Pode-se deduzir também, a partir do Texto 2, que o participante afirma que tem dificuldade na comunicação; isto poderia estar relacionado ao fato do participante fazer uso de práticas de translinguagem para se comunicar.

Texto 3

Sentiu-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais o fizeram se sentir um estrangeiro, uma pessoa de fora? Ainda se sente um estrangeiro?

So um pouco, situações somente quando estiver procurando assistência
 médica, se não tiver para mim
 mas agora mesmo só um pouco

...
 So um pouco
si foi importante para conseguir trabalho

Você acredita que tem dificuldade na comunicação? Pensa em aprimorar a língua? Se sim de que forma?
 E já participou alguma vez de algum programa ou projeto que o ajudasse a aprimorar a prática da língua?

Si si eu penso em aprimorar minha língua
 sem eu já participei.

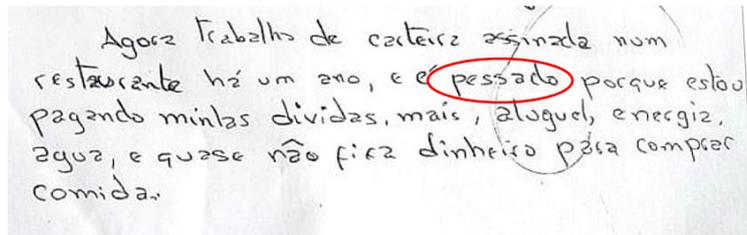
O que você entende por portunhol? Caso você saiba definir o conceito de portunhol, qual sua opinião sobre quem o pratica?

é mistura da língua espanhola e Portuguesa
 a melhor a compreensão de ambas

Da mesma forma que no Texto 2, no Texto 3 a participante (Rosa) também utiliza o termo afirmativo “Si” em espanhol para dar sentido à frase em português. No Texto 3, pode-se observar também na parte inferior o termo “comprension”, referindo-se ao termo em espanhol “comprensión”. Em todos estes exemplos, observa-se o uso de repertórios, tanto em espanhol como em português para expressar sentidos únicos. Na fala da participante, fica claro também que translinguajar funciona como ferramenta para a produção de sentido nos atos comunicativos.

No Texto 4, o participante (Luis) utiliza o termo “pessado” cuja fonética em português é equivalente ao termo “pesado” em espanhol, ambos têm o mesmo significado e sentido, tanto em espanhol quanto em português. Acreditamos que se trata de translinguagem na forma de integração espanhol e português. A palavra exprime algo que parece transparecer também nos demais participantes, a rotina de tensão para se sobreviver em um contexto diferente ao da realidade em que estavam antes de vir ao Brasil. Cada dia trabalhado, representa um dia garantido de comida na mesa e contas pagas, e que a língua neste caso, tem papel fundamental, seja ela praticada de forma “correta” ou não, na visão de pesquisadores. A frase que integra as duas línguas, na verdade integra também duas culturas que conformam a identidade linguística do sujeito de fala.

Texto 4



Agora trabalho de carteira assinada num restaurante há um ano, e é **pessado** porque estou pagando minhas dívidas, mais, aluguel, energia, água, e quase não fica dinheiro para comprar comida.

Texto 5⁹

So David tenho 35 anos nacionalidad
 Venezolana, tenho 4 anos que quiz procurar
 melhor qualidade de vida e decidí vim
 pra boa vista Brasil para assim poder
 ajudar a meus filhos, foi un pouco
 difícil no inicio ja que tive que
 comenza desde inicio tudo principalmente
 pelo idioma ja que como emigrante não
 conhecia nada mais graças a deus
 foi pouco a pouco adaptando mais jamais
 perdi a fe em deus fiquei 3 meses morando
 e trabalhando en uma valsa no Rio Branco
 de ali foi 1 ano e 6 meses pra uma
 fazenda depois con un pouco de conhecimento
 volte pra cidade onde arrume un
 trabalho de vendedor en uma loja de roupas
 onde por causa da pandemia foi demitido
 mais graças a deus divagadamente foi
 achando pra frente arrume outro emprego
 onde estou actualmente e graças a deus
 posso ajudar a meus filhos e posso ate
 falar que estou estavel e posso ajudar
 mesalmente a meus filhos sempre con
 deus no comando de tudo...

Da mesma forma que em textos anteriores, no Texto 5 pode-se observar várias situações de translinguagem de integração espanhol e português, todas as ocorrências marcadas no texto se referem a termos em espanhol que são parecidos ao português e que possuem o mesmo significado e sentido em ambas as línguas. Todas estão escritas em espanhol, e são usadas para dar sentido às frases construídas. Além disto, exprimem situações carregadas de tensões, realidades vivenciadas em que a língua, no caso o portunhol, é protagonista.

Nos textos 6 e 7, a seguir mostram-se outras ocorrências de translinguagem na forma de integração espanhol português.

⁹ O Texto 5, na verdade tem o mesmo conteúdo do Texto 4, no entanto no Texto 5 são ressaltadas as ocorrências de integração espanhol e português em que os termos usados em espanhol são similares aos do português, diferente do Texto 4, em que estão marcadas somente as ocorrências em que os termos usados em espanhol não existem no português. **Nota:** nas análises posteriores, já que os participantes podem apresentar vários tipos de translinguagem no mesmo texto, também são usados textos repetidos, somente que identificando ocorrências diferentes de translinguagem.

Texto 6

Com colegas ao residir fora do seu país
 1.º cheguei ao Brasil Janeiro 2019 para
 pagar umas coisas só que a fronteira
 ficou fechada na época, então deu para
 voltar então procurei um emprego,
 trabalhei e consegui trazer minhas filhas
 e minha mãe. Já e morando em
 diferentes barrios não tem vista.

Texto 7

Fui aprendendo. Agora consigo me comunicar
 melhor
 Sai da Venezuela com uma sobrinha e
 minhas três filhas ficaram lá com minha
 mãe por 1 ano tenho-la, então com
 meu trabalho consegui juntar dinheiro para
 elas virem / graças a deus que me deu força
 para conseguir aguentar toda essa situação
 difícil.

Nas ocorrências de integração espanhol e português acima, da mesma forma que em casos anteriores, o significado dos termos é o mesmo tanto em espanhol quanto em português e a forma de escrita no espanhol é parecida ao português. No Texto 6, o termo marcado “e” é um caso de translanguagem espanhol e português em que o termo no espanhol é bem diferente no português. Neste caso, a forma do termo em espanhol é “he”, que se refere ao verbo equivalente em português “tenho”. Uma vez que o participante usa de termos do repertório em espanhol para dar sentido à frase em português, percebe-se a integração entre as duas línguas.

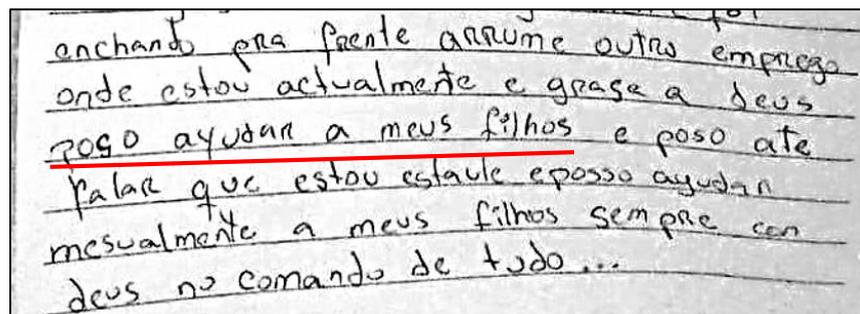
5.2 Hibridização sintática

As formas de construção sintática são parecidas no espanhol e português, contudo há situações nas quais o uso de alguns componentes sintáticos no espanhol difere do uso em português, e vice-versa. Não pretendo neste trabalho, me aprofundar em questões de análises gramaticais, por esta razão, não se considerou todos os casos encontrados de hibridização sintática, tendo em vista que neste trabalho é considerado, também questões sociais relacionadas ao sobretudo papel da translanguagem. A forma de “falar corretamente”, ao

pesquisar os trabalhos relacionados à língua por autores renomados, não se sobrepõe as falas aqui apresentadas pelos imigrantes de determinação, coragem, dificuldades, tensões e preocupações diárias. Desta forma, serão apresentados alguns casos estruturais, considerando também as questões sociais que a translinguagem traz consigo. Assim, a seguir trago alguns trechos em que se identificou casos possíveis de translinguagem considerandoos aspectos sociais e estruturais das entrevista.

No Texto 8, o participante (David) utiliza a frase “poço ajudar a meus filhos”, também usando a forma sintática usual em espanhol: “puedo ayudar a mis hijos”. Nesse sentido, Fanjul (2005) explica que o espanhol não admite uso de artigo antes de adjetivos possessivos. Já no português o uso de artigo antes de adjetivos possessivos é facultativo, de forma que neste caso poderia se expressar “posso ajudar meus filhos” ou “posso ajudar aos meus filhos” de forma equivalente. No espanhol as formas possíveis comuns são: “puedo ayudar a mis hijos” e “puedo ayudar mis hijos”, não permitindo, como explicado acima, o uso de artigo antes do adjetivo possessivo. Vale destacar no texto de David, a luta por uma colocação no campo de trabalho, para poder sustentar a família, no caso, a preocupação pelos filhos que o impulsiona a lutar, revela a tensão diária que muitos imigrantes experimentam. O alívio em mostrar que no momento se encontra mais estável, supera questões relacionadas ao “falar corretamente” o português.

Texto 8



anchando pra frente arrume outro emprego
onde estou actualmente e grazie a deus
poço ajudar a meus filhos e posso ate
falar que estou estavel e posso ajudar
mesualmente a meus filhos sempre con
deus no comando de tudo...

No Texto 9 o participante (David) utiliza o termo “de ali” na forma sintática utilizada no espanhol: “de allí”. No português a forma usada que expressa o mesmo sentido é “dali”. Ambas as expressões são equivalentes e tem o mesmo sentido tanto no espanhol quanto no português. Neste caso o participante recorre à forma do espanhol para construir a frase em português.

Texto 9

foi pouco a pouco adaptando mais jamais perdi a fe en deus fiquei 3 meses morando e trabalhando em uma ualga no Rio Branco de ali foi 1 ano e 6 meses pra uma fazenda depois com um pouco de conhecimento volte pra cidade onde arrumei um trabalho de vendedor em uma loja de roupas onde por causa da pandemia foi demitido

Texto 10

3 não sofremos de discriminação mas conheço muitas pessoas que sofrem muita discriminação

No Texto 10, da mesma forma que em casos anteriores, o participante (Marco) usa um termo na forma sintática usada no espanhol: “sofrimos de discriminação”. No espanhol a forma sintática dessa frase pode ser construída de duas formas: “sufrimos discriminación” ou “sufrimos de discriminación”. Ambas as formas são praticadas e podem ser utilizadas com o mesmo sentido no espanhol. Já no português a forma utilizada é “sofremos discriminação”. Da mesma forma que em outros casos de hibridação sintática, pelo fato das construções sintáticas serem parecidas em uma e outra língua, o falante de espanhol pode recorrer a formas de sintaxe da língua nativa para se expressar em português.

Texto 11

Agora trabalho de carteira assinada num restaurante há um ano, e é pesado porque estão pagando muitas dívidas, mais, aluguel, energia, água, e quase não fica dinheiro pra comprar comida.

No Texto 11 há um exemplo de hibridação sintática um tanto diferente e mais complexo em comparação aos casos anteriores. Neste, o participante (Luis) usa o termo “fica” para expressar o sentido de “sobra”, “resta” em português. Analisando a construção da frase, Luis poderia ter usado a palavra “sobra”, que em espanhol tem o mesmo sentido da palavra

“queda” (fica em português). Mas o que se percebe é que o participante se apropria do termo “fica”, possivelmente por se sentir familiarizado com a palavra em português, o que para ele dá mais sentido. Assim, neste caso, deduzo que o participante realizou uma prática de translanguagem na forma de hibridização sintática, já que teria pensado no termo “queda” em espanhol, para assim escrever o termo “fica” em português para dar um sentido de “sobra” na construção da frase. Aqui, se pode observar a característica dinâmica que a translanguagem representa para formar um sistema único de códigos que representam L_1 e L_2 , contribuindo para a construção de seu repertório linguístico.

5.3 Hibridização morfológica

O fato do espanhol ter similaridade com o português não somente pode ocasionar certa confusão ao falante de espanhol buscando se comunicar em português, resultando em hibridização sintática, mas também pode ter o mesmo efeito no aspecto morfológico das palavras, resultando em hibridização morfológica. Por exemplo, o pronome em espanhol “quien” é singular, sendo que o plural é “quienes”; já no português o pronome “quem” é usado tanto para o singular quanto para o plural. Isso pode confundir o falante nativo de espanhol que, caso não esteja familiarizado com o uso de “quem” em português, terminará por aplicar a mesma regra do espanhol na palavra em português, flexionando desta forma, o termo para “quens” contribuindo para que aconteça um caso de hibridização morfológica.

Da mesma forma, a palavra em português “tudo” tem sua tradução em espanhol “todo”, sendo que no português “tudo” não varia em número, ou seja, não existe a palavra “tudos”. Já no espanhol, a palavra “todo” pode variar em número formando a palavra “todos”. Assim, o falante nativo de espanhol que não está familiarizado com o termo “tudo” em português pode aplicar a regra do espanhol, resultando na hibridização morfológica “tudos”. Um caso possível de considerar de hibridização morfológica é da palavra encontrada no texto 12, em que o participante utiliza o termo “divagadamente” para expressar o sentido de “lentamente” ou “paulatinamente”. Isto porque em espanhol se costuma utilizar o termo “lentamente” para expressar o sentido de fazer algo de maneira gradual ou progressivamente. Assim, o termo “divagadamente” resulta da hibridização morfológica entre os termos “divagar”, em português, e “lentamente” em espanhol. Levando em conta essa análise, pode-se perceber a prática da translanguagem entre esses termos do espanhol e português.

Texto 12

Sou David tenho 35 anos nacionalidade
 Venezuelana, tenho 4 anos que quis procurar
 melhor qualidade de vida e decidi vim
 pra boa vista Brasil para assim poder
 ajudar a meus filhos, foi um pouco
 difícil no início já que tive que
 começar desde início tudo principalmente
 pelo idioma já que como emigrante não
 conhecia nada mais graças a Deus
 foi pouco a pouco adaptando mais jamais
 perdi a fé em Deus fiquei 3 meses morando
 e trabalhando em uma ualça no Rio Branco
 de ali foi 1 ano e 6 meses pra uma
 fazenda depois com um pouco de conhecimento
 volte pra cidade onde assumi um
 trabalho de vendedor em uma loja de roupas
 onde por causa da pandemia foi demitido
 mais graças a Deus divagadamente foi
 enchando pra frente assumi outro emprego
 onde estou atualmente e graças a Deus
 posso ajudar a meus filhos e posso até
 falar que estou estavel e posso ajudar
 mesualmente a meus filhos sempre com
 Deus no comando de tudo...

Texto 13

Sou Odelys e tenho 37 anos sou da Venezuela
Cheguei ao Brasil no dia 19 de Janeiro
 de 2019. Estou morando morando em boa vista
 vim para buscar uma Refeição que minha
 irmã preparou para nós. uma semana
 depois de chegar aqui fechei com a fronteira
 Venezuela-Brasil, o que dificultou meu retorno
 a Venezuela. 15 dias depois que cheguei aqui
 no Brasil consegui um emprego numa casa
 de família, foi muito difícil porque eu
 não sabia nada da língua, a comunicação
 naquela época era muito difícil. aos poucos
 fui aprendendo. Agora consigo me comunicar
 melhor

No Texto 13 a participante (Odelys) utiliza verbos influenciados pela forma do passado em espanhol. Observam-se dois casos em que, analisando o contexto da frase, a participante expressa os termos “preparou” e “dificultou” no sentido do passado. Esses termos derivam do

espanhol “preparó” e “dificultó” respectivamente. Este tipo de situação, também é possível de observar no texto do participante Marco (texto 14). As palavras citadas, podem indicar ocorrências de hibridização morfológica, no entanto, também é possível dizer que são casos que acontecem com falantes que realizam a prática de repetir da mesma forma como ouvem falar, tendo em vista que aqui no Brasil, especificamente em Roraima, estas palavras são usadas constantemente dessa forma pelos imigrantes venezuelanos.

Texto 14

Com a chegada ao resíduo para do seu país
 1. te cheguei ao Brasil Janeiro 2019 para
 pegar umas coisas só que a fronteira
 ficou fechada na época, então deu para
 voltar, então procurei um emprego,
 trabalhe e consegui trazer minhas filhas
 e minha mãe. Já é morando em
 2. Perceitas, bairros na boa vista.

7. Participe tem algumas instituições que
 ajudam ao estrangeiro com a língua

A maior quantidade de ocorrências de práticas de translíngua observadas aconteceu na categoria de integração espanhol e português, seguido de casos de hibridização morfológica e hibridização sintática. Uma explicação para a maior ocorrência de casos de translíngua na primeira categoria analisada, pode ser que os falantes de espanhol que aprendem português tendem a manter palavras da L₁ na construção de frases em L₂, devido à similaridade de termos entre espanhol e português, levando em conta que os falantes ainda não tem familiaridade com a língua alvo. A quantidade de ocorrências de translíngua na forma de hibridização sintática poderia ser maior, já que, como explicado anteriormente, precisamente a similaridade entre o espanhol e o português pode contribuir para que o falante nativo de espanhol possa se expressar de forma similar em português.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs verificar o uso da translinguagem por meio de textos de imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista em Roraima. Esse objetivo foi alcançado por meio de análise da escrita de um grupo desses imigrantes. Para atingir esse objetivo, procurou-se em todo momento responder à pergunta de pesquisa para este estudo: quais são as práticas de translinguagem que ocorrem entre os imigrantes venezuelanos na cidade de Boa Vista?

Para dar resposta à pergunta de pesquisa foram escolhidas três categorias de práticas de translinguagem: (1) integração espanhol e português; (2) hibridização sintática; e (3) hibridização morfológica. Mas além disto, o contexto assim como os atores sociais desta pesquisa, possibilitaram uma investigação que torna a reflexão sobre a translinguagem crucial nos tempos em que se vivenciam crises imigratórias em uma era tecnológica sem fronteira.

A minha percepção a respeito da relação da língua e seu papel na vida dos imigrantes, é de como se houvesse um marco em que se irão apresentar infinitas possibilidades na vida conforme acontece o contato. Mediante as entrevistas, as conversas e a minha própria experiência como imigrante, percebi que num primeiro momento tudo se torna muito intenso e complicado quando não se tem conhecimento quase nenhum da língua. No entanto, à medida que o contato acontece, que não é num prazo curto, as cortinas parecem se abrir e as possibilidades e oportunidades vão surgindo, da mesma forma que o medo e a vergonha, nas tentativas de falar em outra língua, vão desaparecendo. De repente, você não se dá conta, mas já está interagindo mais comodamente com o outro e aquele país e cultura, que antes parecia tão assustador, diferente, parece fazer parte de você. Analisando isto, numa forma mais estrutural por exemplo, se pôde verificar que as práticas de integração espanhol e português são as que acontecem com maior frequência entres os participantes do estudo, seguidos de hibridização morfológica e hibridização sintática.

Quanto à maior ocorrência de integração espanhol e português, uma das possíveis causas para a maior quantidade desse tipo de prática pode ser o fato de o imigrante venezuelano, por ainda não ter bastante familiaridade com a língua portuguesa, e pela similaridade entre as duas línguas, manter palavras em espanhol na sua fala, o qual se reflete também na sua escrita. Levando em conta que ele ainda não tem bastante familiaridade com o português, o imigrante usa o recurso em espanhol para expressar frases em português.

Pode-se afirmar que os casos de hibridização morfológica, da mesma forma que os casos de integração espanhol e português, acontecem pela similaridade entre as duas línguas. Nos casos de hibridização morfológica, foi observado que os imigrantes venezuelanos utilizam

os recursos em espanhol, pode ser por falta de familiaridade com o uso adequado dos termos em português, pensando que tais recursos podem ter os mesmos usos no português, resultando assim em novos termos morfologicamente híbridos.

Também foi verificado que os casos de hibridização sintática ocorrem pela similaridade entre espanhol e português, pode ser pelo fato de que as formas sintáticas entre espanhol e português são bastante parecidas. Isto pode confundir o falante, resultando em hibridização sintática, mas também pode contribuir para o falante se expressar em língua portuguesa.

Outras categorias de translinguagem, tais como: *scaffolding* estratégico e anotações pessoais (REIS e GRANDE, 2017; VELASCO e GARCIA, 2014), não foram verificadas neste estudo. Isso devido a que essas categorias de translinguagem, assim como outras categorias similares, foram identificadas em contextos formais de ensino-aprendizagem, seja no contexto escolar (por exemplo em VELASCO e GARCIA, 2014) ou acadêmico (por exemplo em REIS e GRANDE, 2017). Nesses contextos, essas situações de translinguagem são estimuladas pela interação entre aluno e professor, de forma que há um *feedback* tanto por parte dos alunos quanto dos professores, assim o ambiente é propício para a ocorrência dessas e outras categorias similares nas quais a negociação entre aluno e professor é parte integrante das ocorrências de translinguagem. No caso dos imigrantes venezuelanos, o contexto é bem diferente do contexto formal de ensino-aprendizagem, no qual é mais difícil acontecer situações de negociação entre o interlocutor e o ouvinte ou leitor, já que a língua portuguesa falada ou escrita pelos imigrantes não está sendo, por exemplo, formalmente avaliada e, por tanto não haverá um *feedback* por parte do ouvinte ou leitor. O uso de meios que estimulem esse tipo de translinguagem para a situação de imigrantes, fora do contexto de ensino-aprendizagem, também é recomendado para estudos futuros.

A translinguagem é uma realidade que acontece nos contatos linguísticos, e uma ferramenta essencial para a quebra de barreira entre duas ou mais línguas. Em muitas situações é fundamental para a sobrevivência de povos e por esta razão, espero contribuir para mais discussões a respeito da importância que ela apresenta, principalmente na vida do imigrante, sujeito translíngue, que a utiliza como ferramenta para sua inserção na sociedade.

BARROS, N. C. de. **Roraima paisagens e tempo na Amazônia setentrional**. Recife. Editora Universitária-Universidade Federal de Pernambuco, 1995. 269p.

BAKER C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89–117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>. Acesso em: 9 mar. 2023.

BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

BARBOSA, R. I. Ocupação humana em Roraima I: do histórico colonial ao início do Assentamento Dirigido. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 9, n. 1, p. 123-144., 1993.

BATISTA, A. N. et a. A importância do plano diretor nas cidades de Fronteira: Uma reflexão a partir do Estudo de caso de Pacaraima (RR). *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE E FRONTEIRAS: “AS FRONTEIRAS DA INTERDISCIPLINARIDADE E A INTERDISCIPLINARIDADE DAS FRONTEIRAS”, 1., 2012, Boa Vista. **Anais[...]** Boa Vista: UFRR, 2012. p. 47-57.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BERMÚDEZ J, J.; FANDIÑO P, Y. El fenómeno bilingüe: perspectivas y tendencias en bilingüismo. **Revista de la Universidad de La Salle**, n. 59, p. 99-124, 2012.

BI. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bi/>. Acesso em: 29 mai. 2023

BIZZOCCHI, A. **A distância entre língua e dialeto**. Blog diário de um linguista. São Paulo, 8 jun. 2017. Disponível em: <https://diariodeumlinguista.wordpress.com/>. Acesso em: 23 set. 2023.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p.

BOÉSIO, C. P. Espanhol e português: proximidade, transferências, erros e correções na flexão do infinitivo. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE LÍNGUA ESTRANGEIRA. 2001, Pelotas. **Resumos [...]** Pelotas UCPEL e UFPEL, 2001.

BOLÍVIA [Tribunal Constitucional Plurinacional de Bolivia]. **Las constituciones políticas de Bolívia 1826-2009**. Sucre: Academia Plurinacional de Estudios Constitucionales, 2018.

BUSCH, B. The linguistic Repertoire Revisited. **Applied Linguistics**, v. 33, n. 5, p. 503-523. 2012.

BUENO, W. **Mar Paraguayo**. São Paulo/Curitiba: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1992. 80p.

CANAGARAJAH, A. S. Changing orientations to heritage language: The practice-based ideology of Sri Lankan Tamil diaspora families. **International Journal of the Sociology of Language**, Sri Lankan, n. 255, p. 9-44, 2019

CANAGARAJAH, A. S. Transnational work, translingual practices, and interactional sociolinguistics. **Journal of Socio Linguistics**, v. 24, n. 5, p. 555–573, 2020.

CANAGARAJAH, A. S. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. London/New York: Routledge. 2013.

CANAGARAJAH, A. S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, Pensilvânia, n. 2, p. 1-28, mai. 2011.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARLOS, V. G. **O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CARVALHO, J. P. F. de. **Waimiri Atroari: a história que ainda não foi contada**. Brasília: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 1982.

CARVALHO, J. J. de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/kNnShbTR3wLSWgCspyx8JBv/?lang=pt#>. Acesso em: 10 set. 2021.

CARVALHO, A. M. **The social distribution of Uruguayan Portuguese in a bilingual bordertown**. 1998. Tese (Doutorado) - University of California, Berkeley, 1998.

CARVALHO, A. M. Rumo a uma definição do português uruguaio. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, v. 1, n. 2, p. 125-149, 2003.

CAMORLINGA, R. A distância da proximidade: a dificuldade de aprender uma língua fácil. **Intercâmbio**, v. 6, 1997.

CASTRO-GOMÉZ, S. Michel foucault y la colonialidad del poder. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 6, jun. 2007.

CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira.** 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da linguagem, UNICAMP, Campinas, 2002.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectología.** Madrid: Visor Libros, 1994.

CHAREILLE, S. Aspects de la situation linguistique de l'Uruguay: le cas du portuñol. Glottopol, Revue de sociolinguistique en ligne. **GLOTTOPOLO**, n. 4, p. 125-135, 2004. Disponível em: http://glottopol.univ-rouen.fr/telecharger/numero_4/gpl401introduction.pdf. Acesso em: 27 mar. 2023

CHASTEEN, J. C. **Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos.** Porto Alegre: Movimento, 2003. 227p.

CHINELLATO, A. El portuñol en la frontera Venezuela-Brasil: contacto, actitudes e ideologías lingüísticas. **Estudios de Lingüística del Español**, n. 37, p. 111-126, 2016.

CHOMSKY, N. A review of BF Skinner's Verbal behavior. **Language**, v. 35, n. 1, p. 26–58. 1959.

CLAROS, A. M. A. **Portunhol: uma classificação baseada na literatura.** 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em português-espanhol, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2019

COELHO, L. M. A história da rodovia BR 174 e os contatos com a etnia Waimiri-Atroari nos anos 70: doenças e desenvolvimentismo na Amazônia. In: SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-13.

COSTA, G. G. A Tríplice Fronteira Setentrional do Brasil e a Arquitetura do Forte São Joaquim do Rio Branco-RR. **Revista de Ciência e Tecnologia**, Boa Vista, v.5, n.9, p. 1-16, dez. 2019.

COSTA, O. **A União Europeia e sua política exterior: história, instituições e processo de tomada de decisão.** FUNAG, Brasília, 2017.

COOMBS, K. **Quechuañol: Préstamos lexicales en el quechua de Cochabamba.** Disponível em: https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/1578. Acesso em: 07 abr. 2023

CORDER, S. P. Error Analysis, Interlanguage and Second Language Acquisition. **Language Teaching & Linguistics**, v. 8, n. 4, p. 201-218, 1975.

COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico. 1976.

COELHO, I. L. [et al.]. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, p. 172, 2010.

CRINÓ, C. Portunhol/Portuñol na poesia de Fabián Severo. **Revista Interfaces**, v. 24, n. 1, p. 35-53, 2016.

CUMMINS, J. Linguistic interdependence and the educational development of bilingual children. **Review of educational research**. v. 49, n. 2, p. 222-251, 1979.

DAMASCENO, R. **Língua estrangeira, materna, segunda língua.... Qual o significado?** 2017. Disponível em: <https://cacs.org.br/linguas/lingua-estrangeira/>. Acesso em: 11/04/2019.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. SAGE, 2018.

DIEGUES, D. **Dá gosto andar desnudo por estas selvas**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2003.

DEWULF, J. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEREDO, O.; SILVA, F. (orgs). **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. Porto: Universidade do Porto, 2005, p. 305-312.

DUSSEL, E. D. *Europa, modernidad y eurocentrismo*. In: LANDER, E (org). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO 2000. 152 p.

DUSSEL, E. D. **Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 2005.

ELLIS, R. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

ELIZAINCÍN, A. **Dialectos en contacto: español y portugués en España y América**. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. **Nos falemo brasileiro**. Montevideo: Editorial Amalur, 1987.

ESPÍRITO SANTO, D.; SANTOS, K. A invenção do monolinguismo no Brasil: por uma orientação translíngua em aulas de “línguas”. **Calidoscópico**, v. 16, n. 1, p. 152-162, 2018.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FLORY, E. V.; SOUZA M. T. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, v. 9, p. 23-40, 2009.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Brasil: **Fronteiras**. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/informacao-e-analise/fronteiras-terrestres-brasil.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

GALLINATE, G. **Mapa linguístico de Bolívia**. 2020. Disponível em: https://zenodo.org/record/3950102#.Y_x6XbMLre. Acesso em: 20 jan. 2023.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley/Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. London: Palgrave Pivot, 2014.

GARCÍA, O. TESOL Translanguaged in NYS: Alternative Perspectives. **NYS TESOL Journal**, v. 1, n. 1, p. 2-10, 2014.

GARCÍA, O.; LIN, A. M. Y. Translanguaging in Bilingual Education. *In*: GARCÍA, O.; LIN, A.; MAY, S. (Org.). **Bilingual and Multilingual Education**. Cham: Springer International Publishing, p.1-14, 2016.

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging**. London: Palgrave Macmillan UK, 2014.

GARCÍA, O.; WEI, L. Translanguaging, Bilingualism, and Bilingual Education. *In*: E. WRIGHT, W.; BOUN, S.; GARCÍA, O. (Org.). **The Handbook of Bilingual and Multilingual Education**. 1. ed. John Wiley and Sons, p. 223-240, 2015.

GARCÍA, O.; WEI, L. Translanguaging. *In*: CHAPELLE, C. A. (Org.). **The Encyclopedia of Applied Linguistics**. Wiley Online Library, p. 1-7, 2018.

GARCÍA, O. Education, multilingualism and translanguaging in the 21st century. *In*: MOHANTY, A.; PANDA, M.; PHILLIPSON, R.; SKTUNABB-KANGAS, T (org). **Multilingual Education for Social Justice: Globalising the local**. Nova Deli: Orient Blackswan, p. 128-145, 2009.

GARCÍA, O.; OTHEGUY, R. Conversations in the observatorio: translanguaging theories and spanish in the U.S. Cambridge: Harvard University, 2016. 1 vídeo (85min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pEZaI9-nX1M&t=252s>. Acesso em: 16 jun. 2023.

GIL, A. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓMEZ, S.C, GROSFOGUEL, **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

GROSJEAN, F.; BRITO DE MELLO, H. A.; KAREN REES, D. Bilingüismo Individual. **Revista UFG**, Goiânia, v. 10, n. 5, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48213>. Acesso em: 16 ago. 2023.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 73-101.

HAUGEN, E. Dialeto, língua, nação. *In*: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

HAUGEN, E. **The Norwegian language in America**: A study in bilingual behavior. Philadelphia: University of Philadelphia, 1953.

HENSEY, F. O sociolinguismo da fronteira sul. **Letras Hoje**, Porto Alegre, p.107-116. 1969.

HENSEY, F. G. **The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Boder**. The Hague: Mouton, 1972.

HENSEY, F. G. El fronterizo del Norte del Uruguay: interlândia e interlecto. **Foro Literário**, Montevideo, n. 7-8, p. 54-59, 1980.

HENSEY, F. G. Uruguayan fronterizo: A linguistic sampler. **Word**, v. 33, n. 1-2, p.193-198, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil terras indígenas**. Atlas geográfico. São Paulo. 2017. Disponível em: https://atlascolar.ibge.gov.br/images/atlas/mapas_brasil/brasil_terras_indigenas.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil parques e terras indígenas**. Atlas geográfico. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa201526>. Acesso em: 28 mar. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2020**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>. Acesso em: 28 mar. 2023.

JR., O. V.; WEISSHEIMER, J.; MARCELINO, M. Bilinguismo: aquisição, cognição e complexidade. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 399-416, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10283>. Acesso em: 17 ago. 2023.

KENEDY, E. Gerativismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *In*: **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

KRAUS-LEMKE, C. Translinguagem: uma abordagem dos estudos em contexto estrangeiro e brasileiro. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 59, n. 3, p. 2071-2101, 2020.

KRUSE, T. Venezuelanos em Roraima enfrentam desemprego e falta de acesso à educação. **Veja**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/venezuelanos-em-roraima-enfrentam-desemprego-e-falta-de-acesso-a-educacao/>. Acesso em: 01/12/2022.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D; LONG, M. **An introduction to second language acquisition research**. London: Longman, 1991. 416p.

LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO 2005. 130p. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LENNEBERG, E. H. **Biological Foundations of Language**. Nova Jersey: John Wiley and Sons, 1967.

LEWIS, G.; JONES, B; BAKER, C. Translanguaging: origins and development from school to street and beyond. **Educational Research and Evaluation**, Londres, v.18, n.7, p. 641-654, out. 2012.

LIMÃO, P. C. de P. O" portunhol" da América Latina no ciberespaço: De interlíngua e língua de fronteira a língua de intercompreensão e língua literária sem fronteiras. De volta ao futuro da língua portuguesa. *In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA*, 5., 2006. **Anais[...]** Somerville, Cascadilla Proceedings Project. 2006.

LIPSKI, J. Too close for comfort? The genesis of portuñol/portunhol. *In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM*, 8., 2006, Somerville. **Anais[...]** Somerville, Cascadilla Proceedings Project. 2006.

LIPSKI, J. La lengua española en los Estados Unidos: avanza a la vez que retrocede. **Revista Española de Lingüística**, n. 33, p. 231-260, 2003.

LIPSKI, J. **Varieties of Spanish in the United States**. Washington: Georgetown University Press, 2008.

LIU, Y.; FANG, Y. Translanguaging Theory and Practice: How Stakeholders Perceive Translanguaging as a Practical Theory of Language. **RELC Journal**, v. 53, n. 2, p. 391-399, 2022.

LOCANE, J. Disquisiciones en torno al portunhol selvagem: del horror de los profesores a una "lengua pura". **Perífrasis**, v. 6, n. 12, p. 36-48, 2015.

LÓPEZ, J. M. **Lenguas en contacto**. 2 ed. Madrid: Arco Libros - La Muralla, 1997.

LUCENA, M.; CARDOSO, A. Translinguagem como recurso pedagógico: uma discussão etnográfica sobre práticas de linguagem em uma escola bilíngue. **Calidoscópico**, v. 16, n. 1, p. 143-151, 2018.

MACEDO, A. V. T de. Funcionalismo. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. *In: FISHMAN, J. A (ed.) Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968, p. 555-584.

MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance: a psychological overview. **Journal of Social Issue**, v. 23, n. 2, p. 58-77, 1967.

MAGALHÃES, J. L. Q. Plurinacionalidade e Cosmopolitismo: A diversidade Cultural das cidades e Diversidade Comportamental nas Metrôpoles. **Rev. Fac. Direito - UFMG**, Belo Horizonte, n. 53, p. 201-216, jul./dez. 2008.

MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. *In*: NICOLAIDES, C. et al. (Orgs.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, p. 117-134, 2013.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 27-54. 2018.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARRONE, Célia Siqueira. **Português-espanhol: Aspectos Comparativos**. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1990.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINET, A. **Eléments de linguistique générale**. 4 ed. Paris: Armand Colin, 1973.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Livraria Martins Fontes, 1978.

MARTINET, A. Prefácio. *In*: WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. 7 ed. Mouton: Den Haag, 1970.

MARTINET, J. **Linguística e filologia: da teoria linguística ao ensino da língua**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1979.

MARTINS, A. P. P. Funcionalismo Linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Linguagem**, v. 3, n. 2, p. 18-35, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11504>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MARTINS, L. **Principais rodovias e estradas de Roraima**. 2012. Disponível em: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/11/mapa-rodoviario-roraima.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MAZZAFERRO, G. **Translanguaging as everyday practice**. New York: Springer, 2018. 283 p.

MEGALE, A.; LIBERALI, F. C. As implicações do conceito de patrimônio vivencial como uma alternativa para a educação multilíngue. **Revista X**, v.15, n.1, p. 55-74, 2020.

MEILLET, A. **L'État actuel des études de linguistique générale, leçon d'ouverture du cours de grammaire comparée au Collège de France, lue le . 13 février 1906**. Paris: Durand, 1906.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2020.

MIRIM. **Línguas indígenas**. 2022. Disponível em: <http://pibmirim.socioambiental.org/linguas-indigenas>. Acesso em: 01 jan. 2022.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. 192 p.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. (2012). O círculo de Bakhtin e a lingüística aplicada. **Revista de estudos do discurso**, v. 7, n. 2, p. 142–165, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/9890>. Acesso em: 15 mar. 2023

MORALES, G. O portunhol: língua, interlíngua ou dialeto. **(IN)Genios**, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2016.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, M. A. C. Línguas em contato. *In*: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. (orgs.) **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

MOTA, S. S. **Línguas, sujeitos e sentidos: o jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2010.

MOTA, S. S. Portuñol, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em Noite no Norte. **Abhache**, v. 2, n 3. jul./dez. 2012.

NASCIMENTO, E. Diálogos Pertinentes. **Revista científica de letras**, Franca, v.4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008.

NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 38, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959>. Acesso em: 18 jul. 2022.

NEVES, M. H. de M. A gramática de usos é uma gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 41, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4029>. Acesso em: 18 jul.2022.

NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TÍLIO, R; ROCHA, C. H. (Org.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013. 334 p.

OLIVEIRA, J.; SABOTA, B. Translinguagem e interculturalidade na educação linguística crítica: entre concepções e articulações. **Cadernos de gênero de diversidade**, v. 6, n. 3, p. 384-406, 2020.

OLIVEIRA, K. da L.; BETHONICO, M. B de M. Dinâmicas Espaciais na terra indígena São Marcos-RR: um olhar a partir da Introdução de Objetos Artificiais. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima**, Boa Vista, v.8, n. 3, jan. /jun. 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

PACHECO, C. Como definir o falar da fronteira Brasil-Uruguai? **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 11, n. 19, p. 9-28, 2017.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

PENNYCOOK, A. Translanguaging and semiotic assemblages. **International Journal of Multilingualism**, v. 14, n. 3, p. 269-282. 2017.

PERCEGONA, M. **A fossilização no processo de aquisição de segunda língua**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

PERES, W. O Portunhol Selvagem: uma revolução na linguagem com imagens resgatadas do inconsciente coletivo. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 177- 189, jun. 2018.

PEREIRA, A. B. *Um olhar sobre sujeitos entre línguas e entreculturas na fronteira Brasil/Venezuela*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE E FRONEIRAS: “AS FRONTEIRAS DA INTERDISCIPLINARIDADE E A INTERDISCIPLINARIDADE DAS FRONTEIRAS”, 1., 2012, Boa Vista. **Anais[...]** Boa Vista: UFRR, 2012. p.127- 145.

PEREIRA, L. L.O. **¿Eres tú, sos vos o es usted? A escolha das formas de tratamento e os vínculos linguísticos-culturais identitários de aprendizes de espanhol/LE**. 2021. Tese

(Doutorado) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PERLONGHER, N. Introdução. *In*: BUENO, W. **Mar Paraguayo**. São Paulo/Curitiba: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1992. 80 p.

PINTO, J. P. Da língua-objeto à práxis linguística: desarticulações e rearticulações contra hegemônicas. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 69-83, 2010.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PINKER, S. **The Language Instinct**: how the mind creates language. New York: *William Morrow & Co.* 1994.

PORTUNHOL. Direção de Thaís Fernandes. Brasil: Vulcana Cinema, 2020. 1 DVD (70 min.).

POZA, L. (2017). Translanguaging: Definitions, implications, and further needs in burgeoning inquiry. **Berkley Review of Education**, v. 6, n. 2, p. 101-128. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/8k26h2tp>. Acesso em: 10 nov. 2020.

POZA, J.; MELO, G. A interferência linguística no processo de ensino-aprendizagem da língua espanhola em professores e aprendizes brasileiros. **Afluente**, v.3, n. 9, p. 45-61, set./dez. 2018.

QUIJANO, A. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMALHO, P. O. **Lugar de Memória**: o plano urbanístico de Boa Vista/RR. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

RECHDAN, M. L. A. Dialogismo ou Polifonia? **Revista de Ciências Humanas**, Taubaté, v. 9, n.1, p. 45-54, 2003. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/soft-livredu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf>. Acesso em: 25 de jun. 2021.

REIS, M.; GRANDE, G. A *translinguagem* como ferramenta de aprendizagem e identidade na escrita acadêmica. **Revista Papéis**, v. 21, n. 41, p. 128-149, 2017.

RIBEIRO, A. B. P. O reconhecimento na expansão dos direitos na Bolívia pelos movimentos indígenas. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.6, p. 45935-45950, jun. 2022.

ROCHA, C. H., MACIEL, R. F. Ensino de língua estrangeira como prática translíngua: articulações com teorias bakhtinianas. **D.E.L.T.A.**, v. 31, n. 2, p. 411- 445, 2015.

ROCHA, C. H., MEGALE, A., H. Translinguagem e seus atravessamentos: dos entendimentos conceituais e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. **D.E.L.T.A.** 2021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2733/4794>. Acesso em: em 28 out. 2023

ROCHA, W. I. Oportunhol e captação de herança nos sonetos salvajes, de Douglas Diegues. **Estação Literária**, n. 7, p. 6–14, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/el.2011v7.e25638>. Acesso em: 28 out. 2023.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.

RONA, J. P. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. **Veritas**, v. 8, n. 2, p. 201-221, 1963.

RONA, J. P. **El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay**. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965. 45 p. 2021.

SANCHES, E. **Língua brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1940. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/lingua-brasileira>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística y Pragmática del Español**. Washington: George Washington University Press, 2011.

SILVA, S. de S. **Líguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v.10, p. 209-231, 1972.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, 133 p.

STURZA, E. R.; TATSCH, J. A fronteira e as líguas em contato: uma perspectiva de abordagem. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, p. 83-98, 2017. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/290>. Acesso em: 25 jan. 2020.

STURZA, E. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, v. 24 n. 48, p. 95-116.

STURZA, E.; MOTA, F. P.; MANCILLA, S. V. Las fronteras hispanobrasileñas como contexto para la enseñanza de Español. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 1, e2395, p. 224-238, jan./abr. 2022.

SOUZA, A. F. de. **Roraima: fatos e lendas**. Boa Vista: Gov. do T. F. de Roraima, 1979, p.27.

SOUZA, S. B.; PRADO, F. P. Brasileiros na fronteira uruguaia: economia e política no século XIX. In: GRIJÓ, L. A.; KUHN, F.; GUAZELLI, C. A. B.; NEUMANN, E. S (orgs.). **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SOUZA, S. L. de. **Wilson Bueno e a poética do portunhol em Mar Paraguayo: ãñaretã, ãñaretãmeguá**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras-estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 104. 2015.

SURESH CANAGARAJAH. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. London/New York: Routledge. 2013.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

TARRAGO, E. **Territorialidades em conflito: sobre visões de limites de terras indígenas no norte da Amazônia**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

TAKAKI, N. H. T. Translanguaging with Students at Public School: multimodal and transcultural aspects in meaning making. **Calidoscópico**, v. 17, n. 1, p. 163-183, 2019.

TEIXEIRA ASSIS, W. F. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Caderno CRH**, v. 27, n. 72, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19436>. Acesso em: 9 mar. 2023.

WEI, L. Language and Cognition: Debates and Directions of Translanguaging. 2020. 1 vídeo (57min:26s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RxBBaRaO9jk&t=1111s>. Acesso em: 30 ago. 2022.

THUN, H.; FORTE C.; ELIZAINCÍN, A. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): Presentación de un proyecto. **Iberorromania**, n. 30, p. 26-62, 1989.

TITONE, R. **Le Bilinguisme Précoce**. Brussels: Dessart, 1972.

URUGUAY. Comisión de Políticas Lingüísticas. Ampliación de la enseñanza de lenguas extranjeras: propuesta integral para la educación pública. Montevideo, 2013. Disponível em: <https://www.anep.edu.uy/sites/default/files/images/Archivos/publicaciones-direcciones/Políticas-linguisticas/proyectos/proyectos%202012-13%20.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

VELASCO, P.; GARCIA, O. Translanguaging and the writing of bilingual learners. **Bilingual Research Journal**, v. 37, p. 6-23, 2014.

VERAS, A. T. de R.; SENHORAS, E. M. **Pacaraima: um olhar geográfico**. Editora da UFRR, Boa Vista, 2011.

VIEIRA, J. **Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra-1777 a 1980**. 2003. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 285. 2003.

VON, W. **Hauptprobleme der Zweisprachigkeit**. Heidelberg: Gross Verlag, 1959, p. 20.

WALTEMIRE, M. The differential use of Spanish and Portuguese along the Uruguayan–Brazilian border. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 15, n.5, 2012. p. 509- 531.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

WEI, L. Translanguaging as a Practical Theory of Language. **Applied Linguistics**, Oxford, p. 9-30, 2017.

WEI, L. Moment analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, v. 43, p. 1222-1235, 2011.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. 7 ed. Den Haag: Mouton, 1970.

WILLIAMS, C. **Arfarniad o ddulliau dysgu ac addysgu yng nghyd-destun addysg uwchradd ddwyieithog**. Tese (Doutorado) - University of Wales, Bangor, 1994.

WILLIAMS, C. **A Language Gained: A Study of Language Immersion at 11-16 years of age**. Bangor: University of Wales, 2002. 48 p.

WINDLE, J.; POSSAS, L. Translanguaging and Educational Inequality in the Global South: Stancetaking amongst Brazilian Teachers of English. **Applied Linguistics**, p. 1-17, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Pandemia da doença por coronavírus (COVID-19)**. Geneva: World Health Organization. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 13 jan. 2023

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Pesquisa sobre "Estudo sobre a translinguagem em comunidades de fala hispana", desenvolvida por Alessandra Moraes de Andrade Claros, sob a supervisão da Profª. Drª. Valeska Cgracioso Carlos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Com relação a residir fora do seu país de origem:

Como se deu a imigração/migração da sua família ou a sua? (o que você sabia da cidade/Estado/país de destino e a quanto tempo está no lugar?

Sentiu-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais o fizeram se sentir um estrangeiro, uma pessoa de fora? Ainda se sente um estrangeiro?

Foi vítima de alguma discriminação ou preconceito quando chegou? Ainda é? Em que situações isso ocorreu ou ainda ocorre?

Com relação à língua

Alguma vez se sentiu discriminado por causa da língua? Ela em algum momento foi impedimento para conseguir trabalho, ou contribuiu positivamente ou negativamente para sua socialização?

Você acredita que tem dificuldade na comunicação? Pensa em aprimorar a língua? Se sim de que forma? E já participou alguma vez de algum programa ou projeto que o ajudasse a aprimorar a prática da língua?

O que você entende por portunhol? Caso você saiba definir o conceito de portunhol, qual a sua opinião sobre quem o pratica?

APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS



Foto 1: Comunidade indígena Sabiá / terra Indígena São Marcos às margens da BR 174.



Foto 2: O espanhol faz parte de quem mora na cidade evidenciando práticas translíngues doportunhol no cotidiano.



Foto 3: Fronteira Brasil/Venezuela, venezuelanos aguardando a abertura da fronteira, devido a pandemia de COVID.



Foto 5: Operação acolhida, base localizada na rodoviária estadual/internacional de Boa Vista.



Foto 4: Interferência linguística. Quiosques ao lado da rodoviária internacional/nacional de Boa Vista.



Foto 6: Escola Estadual militarizada Cícero Vieira Neto - Bairro Suapi - Pacaraima

ANEXO A – PARECER CIRCUNSTANCIADO



FACULDADE SANT'ANA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESTUDO SOBRE A TRANSLINGUAGEM
EM COMUNIDADES DE FALA HISPANA

Pesquisador: Alessandra Moraes de Andrade Claros

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 49735821.2.0000.5694

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.978.977

Apresentação do Projeto:

A escolha da Translândia como temática para minha dissertação não aconteceu de forma tranquila, espontânea, mas conflituosa. Em quase três anos pesquisando a respeito do portunhol na graduação e sobre a orientação de professores doutores da UEPG, pude compreender, por meio dos resultados e discussões, que seu enquadramento se dá de acordo com os contextos: de fronteira, de ensino-aprendizagem e literário/poético

Objetivo da Pesquisa:

Verificar se as comunidades de imigrantes de fala hispana praticam o portunhol. Se sim, verificar a intensidade da translândia, se existem características comuns ou não, entre outros aspectos que forem surgindo no decorrer da pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Riscos mínimos são esperados nesse estudo. Os (as) entrevistados (as) poderão se sentir desconfortáveis ou constrangidos para responder com sinceridade os questionamentos propostos, bem como expressar informações ou experiências pessoais. Para isso, se buscará conversar com os (as) entrevistados (as) esclarecendo dúvidas a respeito da entrevista que será pessoal, reservada; buscando preservar o entrevistado (a). Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, também se assumirá as devidas responsabilidades por eles deixando isso claro antes da entrevista.

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189

Bairro: CENTRO

CEP: 84.010-310

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3224-0301

E-mail: cep@iessa.edu.br



FACULDADE SANT'ANA



Continuação do Parecer: 4.978.977

Benefícios

Os (as) entrevistados poderão ser beneficiados (as) com informações seguras acerca da importância do fenômeno da translinguagem no processo de ensino-aprendizagem fora e dentro das salas de aulas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Ver conclusões ou pendências e lista de inadequações

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Ver conclusões ou pendências e lista de inadequações

Recomendações:

Ver conclusões ou pendências e lista de inadequações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A recomendação de incluir riscos e benefícios no TCLE foi atendida. O projeto ainda se encontra desorganizado e embora isto interfira na análise ética (um projeto confuso pode acabar dando margem exposição a outros riscos não identificados no projeto) este comitê autoriza a realização do projeto desde que apenas os riscos incluídos neste parecer.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1788575.pdf	10/08/2021 23:39:24		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	10/08/2021 23:37:15	Alessandra Moraes de Andrade Claros	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA.docx	07/07/2021 22:29:33	Alessandra Moraes de Andrade Claros	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	07/07/2021 18:00:52	Alessandra Moraes de Andrade Claros	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189

Bairro: CENTRO

CEP: 84.010-310

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3224-0301

E-mail: cep@iessa.edu.br



FACULDADE SANT'ANA



Continuação do Parecer: 4.978.977

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 16 de Setembro de 2021

Assinado por:**Lucio Mauro Braga Machado
(Coordenador(a))****Endereço:** Rua Pinheiro Machado - nº 189**Bairro:** CENTRO**CEP:** 84.010-310**UF:** PR**Município:** PONTA GROSSA**Telefone:** (42)3224-0301**E-mail:** cep@iessa.edu.br

ANEXO B – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Questionário – Edgard

Pesquisa sobre "Estudo sobre a translinguagem em comunidades de fala hispana", desenvolvida por Alessandra Moraes de Andrade Claros, sob a supervisão da Prof.ª Dr.ª Valeska Gracioso Carlos, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Com relação a residir fora do seu país de origem:

Como se deu a imigração/ migração da sua família ou a sua? (o que você sabia da cidade/Estado/país de destino e a quanto, e há quanto tempo está no lugar: bairro, cidade, país)?

foi pelo necessidade do trabalho
eu tinha banhos e moro a boavista RR

Sentiu-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais o fizeram se sentir um estrangeiro, uma pessoa de fora? Ainda se sente um estrangeiro?

si eu me senti ao chegar e ainda me sinto estrangeiro

Foi vítima de alguma discriminação ou preconceito quando chegou? Ainda é? Em que situações isso ocorreu ou ainda ocorre?

Não

Com relação à língua

Alguma vez se sentiu discriminado por causa da língua? Ela em algum momento foi impedimento para conseguir trabalho, ou contribuiu positivamente ou negativamente para sua socialização?

não sim foi impedimento para conseguir trabalho

Você acredita que tem dificuldade na comunicação? Pensa em aprimorar a língua? Se sim de que forma? E já participou alguma vez de algum programa ou projeto que o ajudasse a aprimorar a prática da língua?

si ainda não participei

O que você entende por portunhol? Caso você saiba definir o conceito de portunhol, qual sua opinião sobre quem o pratica?

mistura dos lingua

Questionário – Rosa

Pesquisa sobre "Estudo sobre a translíngua em comunidades de fala hispana", desenvolvida por Alessandra Moraes de Andrade Claros, sob a supervisão da Prof.ª Dr.ª Valeska Gracioso Carlos, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Língua da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Com relação a residir fora do seu país de origem:

Como se deu a imigração/ migração da sua família ou a sua? (o que você sabia da cidade/Estado/país de destino e a quanto, e há quanto tempo está no lugar: bairro, cidade, país)?

Eu com minha família, da cidade e País não contava, eu não sabia nada sobre o País, só que o idioma era diferente. Eu moro há 3 anos. Eu moro na Vila Vista, RR

Sentiu-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais o fizeram se sentir um estrangeiro, uma pessoa de fora? Ainda se sente um estrangeiro?

Só um pouco, situações somente quando estiver procurando assistência pública, se foi difícil para mim. Mas agora mesmo só um pouco

Foi vítima de alguma discriminação ou preconceito quando chegou? Ainda é? Em que situações isso ocorreu ou ainda ocorre?

Não

Com relação à língua

Alguma vez se sentiu discriminado por causa da língua? Ela em algum momento foi impedimento para conseguir trabalho, ou contribuiu positivamente ou negativamente para sua socialização?

Só um pouco
se foi impedimento para conseguir trabalho

Você acredita que tem dificuldade na comunicação? Pensa em aprimorar a língua? Se sim de que forma? E já participou alguma vez de algum programa ou projeto que o ajudasse a aprimorar a prática da língua?

Sim. Se eu posso em aprimorar minha língua
Sim eu já participei.

O que você entende por portunhol? Caso você saiba definir o conceito de portunhol, qual sua opinião sobre quem o pratica?

é mistura da língua espanhol e Portuges
a qual faz melhor a compreensão de idioma

Questionário - Marta

~~Yo no sabia, ni conocia nada~~ Yo no sabia, ni conocia nada del pais (Brasil) Tengo ya 7 meses en Boa Vista. Barrio 31 de Marzo.

2) Sentio-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais fizeram se sentir um estrangeiro, uma pessoa de fora? Ainda se sente um estrangeiro?

- Al momento de llegar al pais si me senti como un forastero, despues de pasar el tiempo todo va cambiando

3) foi vítima de alguma discriminação ou preconceito quando chegou? Ainda é? Em que situações isso ocorreu ou ainda ocorre?

* No, desde mi llegada nunca eh sido victima de discriminacion ni prejuicios

4) Alguma vez se sentiu discriminado por causa da língua? Ela em algum momento foi impedimento para conseguir Trabalho, ou contribuiu positivamente ou negativamente para sua socialização?

- No

Questionário – Marta (continuação)

5) Você acredita que tem dificuldade na comunicação?
Pensa em aprimorar a língua? se sim de que forma?

- Sim. Tenho um pouco de dificuldade e quero melhorar

6) Já participou alguma vez de algum programa ou projeto que o ajudasse a aprimorar a prática da língua?

- Não

7) O que você entende por portunhol? Caso você saiba definir o conceito de portunhol qual sobre quem o pratica?

- Entendo que é um pouco de português mesclado com espanhol

Questionário – Marco

Com relação ao resíduo fora do seu País

- 1) Eu cheguei ao Brasil Janeiro 2019 para pegar umas coisas só que a fronteira ficou fechada na época, então deu para voltar então procurei um emprego, trabalhei e consegui trazer minhas filhas e minha mãe. Já é morado em diferentes bairros na boa vista.
- 2) achei muito diferente tudo porque é uma cultura muito diferente a nossa cultura, mas depois do tempo estou me adaptando
- 3) não sofremos de discriminação mas conheço muitas pessoas que sofrem com muita discriminação

Com relação a língua

- 1) não sofro por conta da língua, não foi impedimento para conseguir trabalho
- 2) acho que consigo-me comunicar muito bem com as pessoas que não falam minha língua
- 3) Participei tem algumas instituições que ajudam os estrangeiros com a língua

ANEXO C – TEXTOS

Texto – Odelys

Sou Odelys e tenho 37 anos, sou da Venezuela. Cheguei ao Brasil no dia 19 de Janeiro de 2019. Estou morando morando em boa vista. Vim para buscar uma Refeição que minha irmã prepara para nós. Uma semana depois de chegar aqui fecharam a fronteira Venezuela-Brasil, o que dificulto meu retorno a Venezuela. 15 dias depois que cheguei aqui no Brasil consegui um emprego numa casa de família, foi muito difícil porque eu não sabia nada da língua, a comunicação naquela época era muito difícil. aos poucos fui aprendendo. Agora consigo me comunicar melhor.

Sai da Venezuela com uma sobrinha e minhas três filhas ficaram lá com minha mãe por 1 ano sem vê-la, então com meu trabalho consegui juntar dinheiro para elas virem, graças a deus que me deu força para conseguir aguentar toda essa situação difícil.

Texto - David

So David tenho 35 anos nacionalidad
Venezolana, tenho 4 anos que quiz precorreg
melhor qualidade de vida e decid? vim
pra boa vista brasil para assim poder
ajudar a meus filhos, foi um pouco
dificil no inicio ja que tive que
empesar desde inicio tudo principalmente
pelo idioma ja que como emigrante não
conhecia nada mais graças a deus
foi pouco a pouco adaptando mais jamais
perdi a fe en deus fiquei 3 meses moendo
e trabalhando em uma ualsq no Rio branco
de ali foi 1 ano e 6 meses pra uma
fazenda depois com um pouco de conhecimento
volte pra cidade onde arrume um
trabalho de vendedor em uma loja de Roupa
onde por razão da pandemia foi demitido
mais graças a deus divagadamente foi
anchando pra frente arrume outro emprego
onde estou actualmente e graças a deus
posso ajudar a meus filhos e posso ate
falar que estou estavel e posso ajudar
mesualmente a meus filhos sempre con
deus no comando de tudo...

Texto - Alejandra

Sou Alejandra nasci na
Venezuela Tenho 19 anos de idade
Eu sai da Venezuela para conhecer
Brasil Boa Vista Roraima e Tambem
Eu vim para visitar a minha mãe que
ja tinha muito tempo sem saber dela .
ja sai da escola não tenho
filhos , e gosto muito de maquiagem
agora eu quero ter minha propria
loja de maquiagem produto pra o cabelo
quero fazer unhas , cabelo e maquiagem
comecei fazer curso de maquiagem .
quero trabalhar graças a deus tudo
ja ficando bem g

Texto - Luis

Sou Luis, e tenho 46 anos, de nacionalidade Venezuelana, morando no Boa Vista há quase 5 anos. Eu emigrei por conta da situação política e socio-econômica que sofre o país Venezuela.

Cheguei pelo Pacaraima no Abril de 2018, direto para Boa Vista até um abrigo improvisado por venezuelanos num prédio da antiga SEGAD, Sem energia nem proteção policial ou militar.

No começo foi ruim pra mim, demorei 5 meses para encontrar ou dar certo com minha primeira diária como jardineiro a cada duas semanas, e daí comecei a trabalhar dentro dessa família fazendo serviços de jardinagem, reparos e pintura.

Depois de 6 meses de morar naquele abrigo, eu fui alugar um quarto e melhorar minha condição.

Depois chegou a pandemia e fiquei sem serviço, minha situação piorou, porque fiquei devendo parcelas de cartões de crédito e aluguel.

Agora trabalho de carteira assinada num restaurante há um ano, e é pesado porque estou pagando muitas dívidas, mais, aluguel, energia, água, e quase não fica dinheiro pra comprar comida.